



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JÉSSICA SOARES DE FREITAS

**MEMÓRIAS E IDENTIDADES NO/DO LUGAR: O RÁDIO NA
COMUNIDADE PATOS-TEMEROSO NO MUNICÍPIO DE
GURINHATÃ-MG**

GOIÂNIA

2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

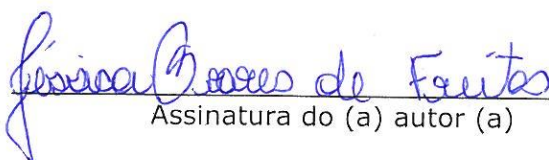
Nome completo do autor: Jéssica Soares de Freitas

Título do trabalho: Memórias e Identidade no/do lugar: o rádio na comunidade Patos-Temeroso no município de Gurinhatã-MG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a)

Data: 22 / 03 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

JÉSSICA SOARES DE FREITAS

**MEMÓRIAS E IDENTIDADES NO/DO LUGAR: O RÁDIO NA
COMUNIDADE PATOS-TEMEROSO NO MUNICÍPIO DE
GURINHATÃ-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço

Linha de Pesquisa: Dinâmica Socioespacial

Orientadora: Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida

GOIÂNIA

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Freitas, Jéssica Soares de
Memórias e Identidade no/do Lugar: [manuscrito] : O rádio na Comunidade
Patos-Temeroso no Município de Gurinhatã-MG / Jéssica Soares de Freitas. - 2017.
CXXXVII, 137 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria Geralda Almeida.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos
Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Cidade de
Goiás, 2017.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui mapas, fotografias, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Comunidade. 2. Tecnologia da Informação e comunicação. 3. Identidade de
lugar. I. Almeida, Maria Geralda, orient. II. Título.

CDU 911.3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
Jéssica Soares de Freitas

Aos treze dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete (2017), a partir das 14h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de Jéssica Soares de Freitas, intitulada: "MEMÓRIAS E IDENTIDADES NO/DO LUGAR: O RÁDIO NA COMUNIDADE PATOS-TEMEROSO NO MUNICÍPIO DE GURINHATÃ – MG". A banca examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 007/2017 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: Profa. Dra. **Maria Geralda de Almeida** (Presidente), Prof. Dr. **Eguimar Felício Chaveiro** (membro titular interno) e Prof. Dr. **Rossevelt José Santos** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 16:30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo a candidata obtida os seguintes resultados:

Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida (Presidente) – Ass. _____

Aprovada (☒) Reprovada ()

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro – Ass. _____

Aprovada (☒) Reprovada ()

Prof. Dr. Rossevelt José Santos – Ass. _____

Aprovada (☒) Reprovada ()

Resultado final: Aprovada (☒) Reprovada ()

Houve alteração no Título? Sim () Não ()

Em caso afirmativo, especifique o novo título: _____

Outras observações: _____

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria.....


Geog. Me. Ivonaldo Ferreira Duarte
Mat. SIAPE-UFG 1317863
CREA 16069/D-GO

Dedicatória

*Aos meus avós patenses Basilino (in
memorian) e Franscisca (in memorian).*

À meu pai Gurinhatanse

À minha mãe Paraibana

À minha irmã Uberlandense

*À todas(os) aquelas(es) que **são** do
Temeroso*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecer todos(as) aqueles(as) que fizeram parte de nossa jornada de vida e nos ajudaram a caminhar, a estender a mão (as duas), os pés, ou mesmo o corpo inteiro, e fizeram a diferença em nossa história. Dito isso, agradeço ao universo por ter me proporcionado grandes lembranças e grandes histórias, e, antes de mais nada, pelas pessoas incríveis com quem tive a oportunidade de cruzar seus caminhos.

Agradeço a meus avós paternos Basilino e Francisca, que infelizmente não estão mais de corpo presente em minha vida, mas que viverão para sempre em meu coração. Dois patenses que me inspiraram desde meu nascimento, que me ensinaram a respeitar e a sempre sonhar grande. Que lutaram para que seus filhos, filhas, netos e netas fossem formados em curso superior. A educação sempre em primeiro lugar. Obrigada por me ajudarem a chegar até aqui.

Agradeço também aos meus avós maternos Joana e Gilvan, que nos deixaram antes mesmo de eu nascer, mas que me ensinaram, pela minha mãe, tios e tias, a nunca desistir e sempre lutar. Agradeço também a meu pai Jander, grurinhata de nascimento e patense de criação, que sempre lutou para que eu pudesse realizar meus sonhos, por mais difíceis que fossem. Que me ensinou a sempre trabalhar duro e a manter a cabeça erguida, mesmo nas dificuldades e sempre lia e/ou inventava histórias para mim antes de dormir. Obrigada por sempre alimentar minha imaginação.

Agradeço à minha mãe, minha primeira professora, que me ensinou a ler e a contar, antes da idade escolar debaixo de um pé de Flamboyant. Obrigada a me mostrar as primeiras letras e números e a sempre querer aprender mais e mais. Obrigada também a me ensinar minhas primeiras lições de geografia: a importância da migração ao sair da Paraíba e se deslocar para Minas. Obrigada também a me ensinar a sonhar e sempre a manter minhas opiniões perante ao mundo.

Agradeço aos dois também por terem me agraciado com a rara joia, Maria Eduarda, que me mostra maturidade para lidar com as dificuldades e me ensina a ter amor próprio, mesmo sendo mais nova do que eu. Obrigada por me proporcionar risadas e por me ajudar a sempre levantar. Agradeço também aos meus tios e tias que me ajudaram a crescer e a sempre estudar, por mais difícil que fosse.

Agradeço em especial minhas tias, professoras experientes, que presentearam os livros que minha mãe utilizou para me alfabetizar e me ensinaram dentro e fora da sala de aula.

Obrigada também aos meus primos e primas, que me proporcionaram bons momentos de aprendizado e me ajudaram na escolha da geografia.

Agradeço também aos professores e professoras que tive oportunidade de aprender até essa etapa, todos foram essenciais em minha jornada escolar. Obrigada aos meus amigos e colegas de turma da geografia da Universidade Federal de Uberlândia, em especial aos meus companheiros do Laboratório de Geografia Cultural, do qual fiz parte por quase 5 anos. Obrigada por terem me ajudado nos momentos felizes e tristes.

Sou grata também aos meus colegas de mestrado da Universidade Federal de Goiás que, apesar de ter sido sem planejar, foram uma grata surpresa e uma experiência mais que especial, especialmente aos companheiros do Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais e amigos de orientação.

Agradeço em especial minha orientadora Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida que aceitou orientar uma pesquisa um tanto quanto diferente de seus trabalhos e projetos usuais. Obrigada por auxiliar graciosamente nessa jornada de dois anos de mestrado. Obrigada principalmente pela paciência e auxílio durante esses dois anos e espero que possa continuar próxima pelos próximos anos.

Agradeço também meu orientador de iniciação científica Prof. Dr. Rosselvelt José Santos, do qual ainda mantenho contato mesmo depois de ter saído do LAGECULT, pelas primeiras orientações e por se deslocar a fim de participar de minha qualificação e agora de minha defesa.

Agradeço também à Profa. Dra. Valéria Cristina da Silva pela participação em minha banca de qualificação a qual foi de primordial importância para a finalização do trabalho. Agradeço também ao Prof. Dr. Felício Chaveiro por ter aceitado o convite com presteza e empolgação para compor a banca e ter apontados interessantes caminhos.

Agradeço também ao Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior, que esteve os dois anos ao meu lado, me incentivando nas horas que estava mais desanimada, me ajudando a superar as situações e, principalmente, tendo paciência nas horas mais estressantes. Obrigada também pelas conversas infinitas sobre minha pesquisa, sobre a geografia, sobre a universidade.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio à esta pesquisa que possibilitou o desenvolvimento pleno da mesma.

“Galo cantou
Madrugada na Campina
Manhã menina
Tá na flor do meu jardim
Hoje é domingo
Me desculpe eu tô sem pressa
Nem preciso de conversa
Não há nada prá cumprir
Passar o dia
Ouvindo o som de uma viola
Eu quero que o mundo agora
Se mostre pros bem-te-vi
Mando daqui das bandas do rural lembranças
Vibrações da nova hora
Prá você que não tá aqui

Amanhecer
é uma lição do universo
Que nos ensina
Que é preciso renascer
O novo amanhece
O novo amanhece

Já tem rolinha
Lá no terreiro varrido
E o orvalho brilha
Como pétalas ao sol
Tem uma sombra
Que caminha pras montanhas
Se espelhando feito alma
Por dentro do matagal
E quanto mais
A luz vai invadindo a terra
O que a noite não revela
O dia mostra prá mim
A rádio agora
Tá tocando Rancho Fundo
Somos só eu e mundo
E tudo começa aqui

Amanhecer
é uma lição do universo
Que nos ensina
Que é preciso renascer
O novo amanhece
O novo amanhece”
(Raizes – Renato Teixeira)

RESUMO

A considerar a dinâmica de nossa sociedade urbana atual, podemos inferir que um de seus principais traços é a rapidez na transmissão da comunicação e da informação. No entanto, isso se revelou de modo processual e diferente em várias partes da Terra. A dissertação teve como pesquisa compreender como se deu a inserção do rádio, uma das principais tecnologias da comunicação e informação em massa, em uma comunidade rural que se difere historicamente e espacialmente nas dinâmicas atuais vividas. O *lócus* é a Comunidade rural Patos Temeroso, localizada no município de Gurinhatã em Minas Gerais. Tal comunidade se loca em meio às serras do Pontal, a dificultar o acesso aos moradores e visitantes. Dessa forma, a comunidade, principalmente por se localizar no espaço rural, possui dinâmicas distintas daquelas vivenciadas na sociedade urbana *high tech*. Para que o estudo fosse concretizado, primeiramente, foram realizados levantamento de dados secundários em *sites* institucionais como *IBGE CIDADES* e a *Prefeitura municipal de Gurinhatã*. A pesquisa empírica, foi desdobrada em 6 trabalhos de campo (2015 e 2016) para apuramento de dados primários. O procedimento principal consistiu em diálogos realizados com os sujeitos que moram na comunidade Temeroso e aqueles que saíram do lugar por motivos diversos; a entrevista era sem direcionamento e com sujeitos escolhidos por meio da metodologia de bola de neve. As gravações dos diálogos geraram as transcrições de cerca de 30 horas de áudio. Concomitantemente com a pesquisa empírica, a fundamentação teórica ocorreu por meio da leitura e interpretação de livros, artigos científicos, dissertações e teses disponibilizados em bibliotecas físicas e virtuais com acesso aos *sites* de bibliotecas universitárias, *Portal Periódicos Capes*, *SciHub* e *Google acadêmico*. A pesquisa teórica e a pesquisa empírica ocorreram de forma simultânea, a alimentarem as informações de ambas. Compreende-se que não só a inserção do rádio na comunidade, como também de várias outras tecnologias, influenciaram e intensificaram as mudanças socioculturais na comunidade. No entanto, os sujeitos realizaram estratégias para que na realidade permanecessem a reproduzir suas lógicas socioculturais, ainda que esta tivesse sido profundamente modificada. Assim, os sujeitos mesmo que **estejam** em outro lugar, ao não se identificarem com ele, reafirmam que **são** de outro lugar, no caso, a comunidade Temeroso. Para tal eles criam e revelam elementos que corroboram na permanência da memória, como a **âncora** de lugar, e os transportam para os lugares a que se sentem pertencentes. Nesse sentido, tanto o rádio, quanto outras tecnologias comunicacionais, especialmente a internet, contribuem para que tais estratégias identitárias continuem a existir.

Palavras-chave: Comunidade; Tecnologia da informação e comunicação; Identidade de lugar.

ABSTRACT

Taking into consideration the dynamics of our actual urbane society, we can infer that one of its main traces is the acceleration of communication and information speeds. However, this was revealed in a processual and different way at various parts of Earth. The dissertation had as research subject the comprehension about the insertion of radio, one of the main technologies of massive communication and information, at a rural community that differs historically and spacially of the lived actual dynamics. The *locus* is the rural community of Patos Temeroso, localized at Gurinhatã's municipality at Minas Gerais. This community is placed amongst the mountains of Pontal, which difficults the access to inhabitants and visitants. In this way, the community, mainly because of being located at the rural space, has distinct dynamics than those lived by the urban high tech society. In order to the study be concretized, first, data research was made in institutional sites *IBGE CIDADES* and *Prefeitura Municipal de Gurinhatã*. Empirical research was unfollowed by six fieldworks (2015 and 2016) for the acquirement of primary data. The main proceeding was dialogues realized with the subjects that inhabit Temeroso's community and those that went out of the place for diverse motives; the interview were without direction and with subjects which a snowball methodology. The recordings of the dialogues generated the transcriptions of around 30 hours of audio. Concomitantly with the empirical research, the theoretical foundation incurred by the means of reading and interpretation of books, scientific journals, dissertations and thesis available at physical libraries, *Portal Periódicos Capes*, SciHub and *Google Scholar*. The theoretical and empirical research occurred simultaneously, each feeding each other. It is comprehended that the insertion of radio at the community, as also of other technologies, influenced and intensified the sociocultural changes at the community. Otherwise, the subjects conform strategies that, at reality, allowed them to stay reproducing their logics, even though it was deeply altered. So, the subjects, even if they are in other place, if they don't identify with it, will reaffirm that are from other place, in this case the Temeroso's community. In order to do so, they create and unfollow elements that strengthen the power of memory, such as the anchor of place, and they transport them to the places they feel belonging. In this sense, the radio, as much as other communicational technologies, especially the internet, helps the continuity of those identity strategies.

Keywords: Community; Communication and information technology; Identity of place.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização da Comunidade Patos Temeroso no Município de Gurinhatã-MG.....	14
Mapa 2: Localização regional das principais estações de rádio sintonizadas pelos moradores da comunidade Temeroso.....	71

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Serras que cercam a comunidade Patos Temeroso.	24
Foto 2: Caminhão no dia da votação para emancipação de Gurinhatã-MG.....	27
Foto 3: Antigo grupo escolar da comunidade Patos Temeroso.	30
Foto 4: Estruturas da sede comunitária, "Capela" (local das missas e festas ao fundo, e quadra de futebol a frente).....	31
Foto 5: Parte do trecho não pavimentado da BR 364 na serra de Gurinhatã em direção a Comunidade Patos-Temeroso.....	45
Foto 6: Chocadeira elétrica.....	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relação sujeito-mundo com mediação tecnológica e de intersubjetivo.	57
Figura 2: Relação sujeito-mundo com mediação tecnológica.	65
Figura 3: Linhas do Tempo da inserção do rádio, televisão e internet no Brasil e na comunidade Patos Temeroso.	118
Figura 4: Capturas de tela retirados do blog do AATA.....	120

SUMÁRIO

PONDERAMENTOS PRELIMINARES	11
CAPÍTULO 1 – Causos do/no lugar: vivências e experiências dos sujeitos da/na comunidade Patos Temeroso	21
Temeroso em movimento: mudanças socioculturais na comunidade e sua constituição enquanto lugar	22
Lá tudo era mais difícil, mas era mió do que hoje né?: Comunidade Patos Temeroso em suas vivências e experiências	36
O rádio dava muita experiência pra gente: A inserção das tecnologias da comunicação no lugar.....	51
CAPÍTULO 2: DINÂMICAS RADIOFÔNCIAS E ESTRATÉGIAS DO/NO LUGAR TEMEROSO	67
Influências nacional, regional e local: discursos no rádio e suas propagandas	67
Recados, aniversários e mortes: o rádio em/com diálogos no lugar.....	78
Sonoridades de (uma) pausa e do labor: O rádio no lugar do ócio e do trabalho.....	86
CAPÍTULO 3: Do rádio à Internet: transformações e nexos de lugar na/da Comunidade Patos Temeroso	96
Qual existência no e do lugar?.....	96
Rádio como âncora do lugar	106
O lugar na contemporaneidade comunicacional: ritmos e dinamogenia do lugar.....	114
NA CONTINUAÇÃO DO QUESTIONAR.....	124
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICE	135

PONDERAMENTOS PRELIMINARES

Tecnologia. Esse termo sempre me encantou. Há algo mágico na concepção da palavra e em seu significado. Como vários de nossos vocábulos, se originou no grego. A *tekne* significa arte, técnica e ofício. Em conjunto com *logos*, que significa estudo, temos seu significado inicial: O estudo da técnica. A ciência é a principal responsável por desenvolver produtos tecnológicos na atualidade, mas uma de nossas primeiras tecnologias, de comunicação inclusive, foi descoberta ainda na Pré-História.

Como observado em *A Guerra do Fogo* de Jean-Jacques Annaud, filme de 1982, foi o fogo que despertou nossa capacidade comunicacional, a ser considerada uma de nossas primeiras formas de tecnologia. A tecnologia, logo, não é desenvolvida apenas desde o século XVIII, com a Revolução Industrial ou com nossos maquinários complexos do século XXI. A tecnologia faz parte do *modus vivendi* dos seres humanos na condição de parte de nosso ambiente (IHDE, 2009).

No entanto, antes da tecnologia é necessária a técnica. Aqui entende-se que há técnica sem tecnologia, mas a tecnologia necessariamente implica a utilização de uma técnica, ou de várias técnicas. Isso porque a *técnica* seria o modo de se fazer algo, enquanto a *tecnologia* implica mais elaboração.

Em *2001: uma odisseia no espaço*, película de 1968, Stanley Kubrick mostra brilhantemente a jornada da humanidade na tecnologia. Ainda primatas, o manuseamento de ferramentas, mesmo que primitivas, foi essencial para outras descobertas. A tecnologia sempre esteve ao nosso redor, fez parte da humanidade a ponto de sempre desenvolver sistemas progressivamente mais complexos. Se na atualidade temos a possibilidade de desenvolver a Realidade Virtual foi porque um dia, alguém, em um passado muito distante, conseguiu utilizar de modo controlado o fogo.

A trajetória da tecnologia pela história da humanidade é larga, seja para resolver descobertas sobre o funcionamento terrestre, seja para conseguirmos nos comunicar de forma mais ampla. O fogo, que muitas vezes é colocado como apenas um elemento essencial para a vida humana, foi o lampejo fundamental que nos possibilitou o aquecimento de nossas peles e de nossas comidas.

No entanto, esse elemento também nos motivou a capacidade de comunicarmos mais amplamente. Não sem razão, para os Gregos, a entrega mitológica do fogo aos mortais possibilitada por *Prometeu* era vista por *Zeus* como perigosa, já que com sua posse esses se tornariam mais poderosos, a ponto de, mesmo, ter potencial de se voltar contra os deuses.

Com a chama e as pinturas rupestres, ainda que bem incipientes, as tecnologias da comunicação se tornaram gradativamente essenciais para o desenvolvimento social e cultural da humanidade. Depois do período paleolítico e mesolítico, quando foram reconhecidas as primeiras formas de comunicação por meio das pinturas rupestres desenvolvidas nas cavernas, foi a vez da utilização da argila no período Neolítico, e os seres humanos começaram a andar em grupos maiores.

Na Idade dos Metais, mais conhecida como a transição da pré-história para a história, reconhece-se o aparecimento da escrita na Mesopotâmia e no Egito (GOMBRICH, 2013). Ela foi marcada em conjunto pelo surgimento do papiro, que revolucionou o modo de se comunicar. Após o desenvolvimento da técnica da escrita, começaram a surgir as primeiras tecnologias a fim de aprimorar a distribuição de informação para mais pessoas.

As primeiras transmissões de informações por meio de mensagens escritas eram realizadas por pombos-correios. Esta modalidade iniciou-se no Egito, quando comandados por Ramsés II e perdura-se até a atualidade, pois algumas sociedades os utilizam como forma de comunicar em longas distâncias. Pombos-correios se tornaram até peça principal em certos campeonatos desportivos.

O primeiro jornal, segundo historiadores, é datado em meados de 59 A.C., realizado em Roma, pelo Imperador Julio César. No entanto, a técnica só foi aprimorada com a invenção da impressão por Gutenberg por volta do ano de 1439. Tal feito é conhecido como o responsável pela revolução da imprensa, pois possibilitou a difusão da informação de forma rápida e eficaz. No entanto, já tinha sido identificado na China, ainda no século XI. A história da comunicação oriental, dessa forma, é um pouco distinta da ocidental, a qual nos ateremos.

Outro marco para o desenvolvimento da comunicação é a criação do telégrafo, cuja patente data de 1837 por Samuel Morse, conhecido também pela invenção do Código Morse. Ele foi utilizado principalmente para fins militares, com o objetivo de trocar mensagens apenas entre as tropas aliadas, a fim de que o inimigo tivesse dificuldades de decifrar a mensagem.

Até então, todas as formas comunicacionais descritas poderiam ser realizadas apenas por letrados e sujeitos com certas distinções econômicas, como era o caso do Telefone, com patente datada de 1876 por Alexander Graham Bell, que alcançava pequenas distâncias, mas era um produto de alto valor agregado. Com a criação do rádio, no final do século XIX a comunicação pôde alcançar níveis que anteriormente não eram possíveis.

Ainda que no começo seu alcance não fosse de distâncias significativas, com seu aperfeiçoamento elas foram diminuindo e as pessoas localizadas no interior do país puderam

acessar os acontecimentos ambientados nas grandes cidades. Além disso, pessoas não letradas puderam ter acesso maior à informação, fato também possibilitado pela televisão, que surgiu do kinoscópio, inventado por Vladimir Zworykin em 1929.

Com a televisão, para além da audição, o sentido da visão também era aguçado. No começo em preto e branco e posteriormente, em meados do século XX, em cores. O mundo ficou cada vez mais “curto”, a atingir seu – talvez momentâneo – ápice com a invenção da *internet*, que foi possibilitada sua difusão apenas no ano de 1994, quando a *World Wide Web* foi liberada para a população pelo governo estadunidense.

Com a utilização em conjunto com o computador atual, nascido na segunda guerra mundial, foi possível a difusão de informação em questão de segundos de uma ponta do globo a outra. Na contemporaneidade, seu uso se manifesta por meio de *notebooks*, *tablets*, *smartphones* e outros. A informação se apresenta – quase literalmente – na palma da mão.

No entanto, mesmo com o desenvolvimento de tecnologias da comunicação e informação que possibilitam trocas de mensagem de forma rápida e dinâmica não são todos os sujeitos que podem usufruir de tais possibilidades. A informação, ao mesmo tempo que une, também segrega (CASTELLS, 2007).

Vários são os pontos cegos nos mapas que designam a quantidade de informação trocada no globo terrestre. Neles, se encontram pessoas em diversas temporalidades tecnológicas. Todas as formas de comunicação aqui descritas, dentre outras, existem em suas próprias temporalidades, mas são encontradas juntas, não de forma distinta.

Assim como o pombo-correio é ainda utilizado, a comunicação por gravuras também é, ao mesmo momento em que se trocam mensagens por um *smartphone* de última geração. A comunicação propicia, para além de um estudo de linguagem, interpretação geográfica, pois todas as formas de representação ocorrem no espaço e todos espaços são produtos de representações (JANSSON, 2005). Nesse sentido, as tecnologias da informação e comunicação proporcionam representações socioculturais no espaço, já que a comunicação é essencial para a constituição cultural dos sujeitos.

A cultura, conforme Claval (1997) é constituída de informações que circulam entre os sujeitos e lhes permitem agir e a comunicar-se e apenas pela comunicação, seja ela realizada por símbolos, gestos ou fala, é transmitida. Com o desenvolvimento de tecnologias capazes de transmitir informações a nível global, a troca de elementos culturais entre sociedades distintas é realizada de maneira mais ampla.

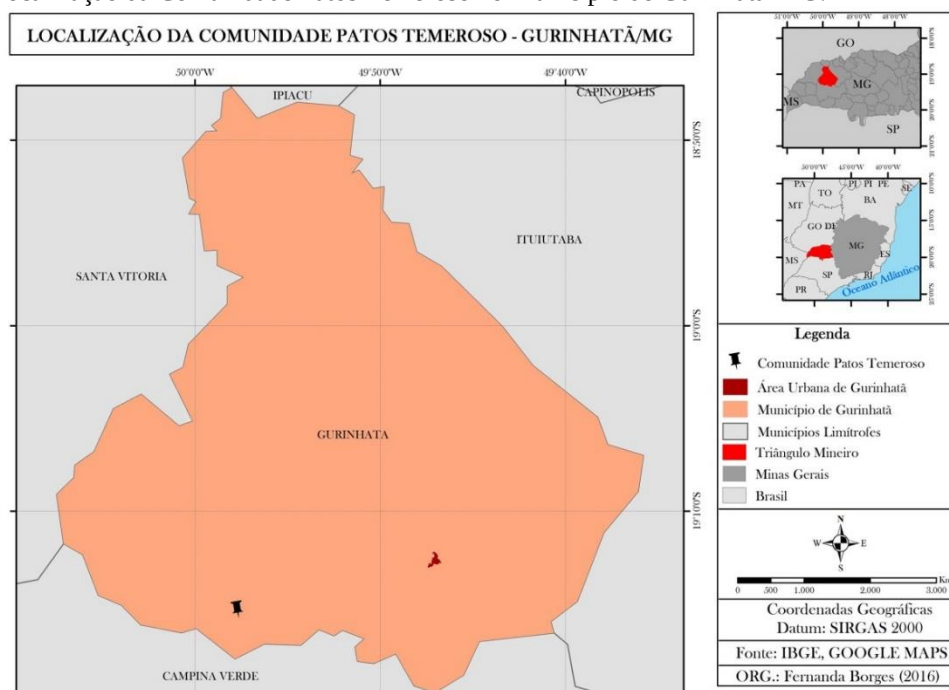
A comunidade rural Patos Temeroso, que abriga alguns dos habitantes do município de Gurinhatã-MG, se encontra em meio às diversas temporalidades tecnológicas e apenas na

contemporaneidade começa a sentir o impacto da *internet* frente à televisão e, principalmente o rádio, que dominou a transmissão de informações da comunidade por décadas. Assim, seu estudo proporciona a compreensão dos efeitos das tecnologias da comunicação no lugar dos sujeitos.

Gurinhata-MG permanece um lugar desconhecido perante boa parte da população. Poucos são aqueles que conhecem de sua existência, mesmo que localizado em uma das mesorregiões mais desenvolvidas do estado de Minas Gerais, o Triângulo Mineiro. E, por esse mesmo aspecto, os programas televisivos veem nele um grande potencial de venda, pelas suas paisagens naturais, apontadas como exóticas, em contraposição às paisagens citadinas, descritas como caóticas e poluídas.

A “cidade do pássaro azul”, como é apelidada pelos moradores, sofreu decréscimo em sua população de 6.144 (2013) para 6.094 (2014) (CORREIO, 2014), que também colabora para o desconhecimento do município. Gurinhata faz parte da bacia leiteira do Triângulo Mineiro e grande parte de suas terras são utilizadas como pastagem para gado. Mesmo com o decréscimo populacional nos últimos anos, o município também tem atraído empreendimentos agroindustriais, com plantio de laranja e cana-de-açúcar.

Mapa 1: Localização da Comunidade Patos Temeroso no Município de Gurinhata-MG.



No caso da cana-de-açúcar, grande parte das lavouras é destinada à BP Biocombustíveis, localizada em seu vizinho Ituiutaba-MG, já que no município ainda não há implantação de usinas processadoras da cana. A quantidade de cana está a aumentar também

nas proximidades do município de Santa Vitória-MG (conforme mapa 1), que também possui uma usina sucroenergética em seu território. Por outro lado, nas proximidades de Campina Verde, onde o relevo é repleto de serras, o espaço vivido por seus moradores é constituído por paisagens da pecuária extensiva distintas das monoculturas.

Essas realidades, que se diferenciam principalmente em aspectos socioculturais, ocorrem em lugares que são mais afastados dos grandes núcleos urbanos e, principalmente naqueles que possuem lógicas próprias que ainda não foram atingidas por completo pelos efeitos da globalização. A comunidade Temeroso está a passar tais mudanças de forma acentuada que alteram alguns sentidos.

Em um mundo em que as relações virtuais via *internet* são progressivamente predominantes, a preservação da memória comunitária faz com que tanto as relações permaneçam vivas como o próprio **lugar** esteja em constate mutação e repleto de significados e significantes. A comunidade rural Patos Temeroso se encontra em uma dinâmica em que seus moradores se preocupam com a preservação da memória do lugar. Afinal, sem a mesma há um esvaziamento do indivíduo que passa a viver apenas o presente e, dessa forma, perde suas atividades cognitivas e conceituais; com sua identidade a “desaparecer” aos poucos no seu vazio (CANDAU, 2014).

É por meio dela, a identidade, que o indivíduo se constitui pertencente deste ou daquele lugar. Nesse contexto, a identidade não é estável, está sujeita aos processos do tempo. Para Cruz (2007) ela não é essência, está suscetível às escolhas e intencionalidades dos sujeitos.

Tanto a memória quanto a identidade adensam o lugar, a primeira constitui a experiência vivida que atribui significados ao indivíduo (MARANDOLA JÚNIOR, 2014). Já a segunda, a identificação com lugares específicos, é realizada pela vivência dos seres humanos, a considerar como base, muitas vezes, seu lugar de criação, principalmente a casa, nos afirma Tuan (2013).

Nesse sentido, ao se deslocarem os sujeitos perdem sua atribuição àquele lugar, mas é por ele que se arquiteta a referência para se identificar com outros espaços. No caso da comunidade Patos Temeroso, muitos estão se deslocando desse espaço em busca de melhores condições de localização, de comunicação, de saúde, dentre outros. Dessa forma, a vivência dos seus lugares íntimos se dá, em variadas vezes, por meio da memória alavancada por certos objetos e experiências.

Aqui, entende-se que os moradores do Temeroso são sujeitos de sua própria existência, de forma a compreender as narrativas que nela ocorrem e de fazer suas próprias

escolhas, a não estar, assim, a mercê das lógicas dominadoras. Dessa forma, faz-se necessário compreendê-los enquanto sujeitos em um espaço complexo e diferenciado, em lógicas diversas, mas que se tem sua própria autonomia.

Ainda sem as tensões causadas pelo intenso agronegócio, que está a crescer no Triângulo Mineiro, a realidade vivida pelos *patenses*¹ é de propriedades entre médias e pequenas e uma comunidade vívida, onde praticamente todos se conhecem. O acesso à telefonia celular incipiente e o sinal de televisão dificultado pelo relevo acidentado faz com que vários sujeitos ainda utilizem o rádio como o principal meio de comunicação e, mesmo que não o utilizem, várias pessoas atribuem suas memórias a esse artefato tecnológico, a ponto de não ligar o aparelho para não atrair memórias negativas.

As estações que os sujeitos escutam, em sua maioria, não são do próprio município de Gurinhatã-MG, mas localizadas nos municípios de Ituiutaba-MG, Iturama-MG e Campina Verde-MG, quando regionais. A rádio que atinge a comunidade também depende do comprimento de onda, sendo ela AM ou FM. Em alguns horários é possível acessar apenas aquelas com o primeiro tipo de transmissão, por ser de alcance mais longínquo.

Em março de 2015, o município de Gurinhatã-MG abrigava uma rádio comunitária, denominada Rádio Novo Horizonte, que se desfez em dezembro de 2016. Em seu *site*, que agora é inacessível, era perceptível o acesso de pessoas com diferentes perfis que moravam no município e que se deslocaram para outras localidades, mas que continuavam a ouvir a rádio para lembrar de **seu** lugar, segundo comentários na página.

Por ter um alcance menor, parte significativa da população de Gurinhatã não escutava essa estação de rádio pelo aparelho diretamente. Contudo, era possível acessá-la por meio da *internet*, para aqueles que têm acesso a ela, assim como aqueles que não mais viviam no município. Com seu findar, as divulgações de informações da própria comunidade ficaram a cargo das rádios vizinhas, que divulgam atividades de outros municípios.

A dinamicidade do espaço e do tempo fazem com que tudo esteja sujeito a alterações. Por menor escala que seja. Além disso, as temporalidades não só possuem um começo e um fim determinado, como o fim é gradual ou inexistente. Dessa forma, o tradicional e o novo coabitam diariamente, de forma a produzir uma complexa realidade cheia de laços e nós, um vir-a-ser constante que dança e se entrelaça no existir humano.

Com esses caminhos, o objetivo da dissertação se definiu em analisar o rádio, como mídia e como tecnologia, nas metamorfoses contemporâneas e pretéritas nos/dos lugares dos

¹ Designação atribuída pelos próprios sujeitos aos moradores da região dos Patos.

sujeitos da/na comunidade Patos Temeroso, a investigar seus sentidos simbólicos e materiais para a constituição da comunidade. Para tal, foi necessário realizar a caracterização da constituição da Comunidade Patos Temeroso, tanto sua formação espacial quanto temporal, principalmente em relação à chegada de tecnologias.

Também, não se nega as influências de rádios locais, regionais e nacionais na dinâmica da Comunidade Patos Temeroso. As lógicas do lugar que são produzidas por meio do rádio também foram estudadas, especialmente durante os períodos de ócio e os de trabalho a fim de entender mais profundamente a dinâmica dessa tecnologia na realidade de cada indivíduo localizado na comunidade. Destarte, faz-se entender as virtualidades dos lugares, ou seja, como o rádio potencializa o sentido de lugar. Como, a partir dele, o indivíduo vivencia, em suas memórias, a manter seu lugar em constante (re)invenção.

A pesquisa para a efetivação da presente dissertação ocorreu: com a investigação teórica e com a observação empírica. A primeira foi realizada durante os dois anos do mestrado em livros, artigos científicos, dissertações e teses, artigos em jornais e revistas e outros. Por meio do *Portal Capes*, *SciHub*, *Google acadêmico* e bibliotecas de diversas universidades foi possível acessar uma gama de trabalhos de maneira prática e rápida, especialmente produzidos por geógrafos internacionais, a possibilitar o desenvolvimento da dissertação por caminhos diversos.

A revisão teórica do trabalho foi realizada também após trabalhos de campo, de forma a adaptar-se à realidade estudada e compreender o mundo vivido de maneira mais dinâmica, que se adapta ao método de investigação científica.

A pesquisa foi fundamentalmente de caráter qualitativo, com a realização de entrevistas não direcionadas, ou seja, diálogos entre as pessoas que estão sujeitos à realidade analisada. As prosas se constituíram de questões abertas que se adaptavam conforme o interlocutor e sua vivência ou história de vida.

Durante os quase dois anos de pesquisa foram realizados 6 trabalhos de campo com o total de 40 dias, sendo três campos de observação e contatos para entrevistas posteriores, antes da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) e, três campos com a realização de entrevistas, após a aprovação do CEP que ocorreu em março de 2016.

As empreitadas foram efetivadas em datas distintas: em janeiro de 2015, antes mesmo do ingresso no mestrado; outro em julho de 2015, durante o período seco e durante a realização do campeonato de futebol regional na cidade de Gurinhatã-MG; o terceiro em janeiro de 2016, com diferença de um ano do primeiro campo e durante o período com maior

precipitação; em março de 2016, já no fim período chuvoso, com a realização de entrevistas e observação; em abril de 2016, durante o outono; e em julho de 2016, já no período da seca.

As diferenças temporais para a realização das investigações empíricas foram essenciais para vivenciar as dinâmicas da comunidade e como ela é vivida durante períodos de inverno e verão da região de Cerrado. Nesse sentido, o que experienciei em campo foi o diferencial para compreensão de alguns elementos de observação. Estas, pautadas nessas experiências, estão presentes em notas de rodapé ao longo do texto conforme coerência com o tema abordado.

No total, foram realizadas 24 entrevistas, cada uma com média de 2 horas de duração. Os sujeitos entrevistados foram escolhidos seguindo a metodologia de bola de neve já explicada anteriormente.

Para que houvesse descontração e os sujeitos pudessem expor com tranquilidade suas ideias e opiniões, foram desenvolvidas algumas estratégias, tais como: iniciar perguntando sobre seu mundo vivido, principalmente os mitos e sobre as festas no/do lugar. As duas questões foram primordiais para introduzir o tema nas histórias sobre o rádio.

Além disso, se deslocar para as casas com pessoas já conhecidas e realizar diálogos com casais, pessoas solitárias, com membros da família ou com amigos também possibilitaram uma abertura maior à investigação. Assim, discutiu-se como o rádio apareceu diversas vezes atrelado ao cotidiano da comunidade e dos sujeitos de modo frequente. Se deslocar com alguém que não conhecia o lugar foi um elemento que possibilitou uma maior abertura para as histórias da comunidade, uma vez que havia a necessidade de mostrar como é a dinâmica vivida pelas pessoas do/no Temeroso e provia explicações mais detalhadas.

As conversas foram gravadas em áudio e vídeo, com a permissão dos sujeitos selecionados e posteriormente transcritas a fim de haver elementos mais significativos para interpretar as falas. A prática de campo, em conjunto com a teoria, possibilitou uma análise densa do espaço em estudo. Assim, a estrutura texto final se findou na divisão em três capítulos com 3 subcapítulos cada, de forma a englobar as principais dinâmicas da comunidade Temeroso e nos sentidos de lugar.

Os dados de população e extensão territorial, bem como ano de criação do município e outros números foram coletados de forma secundária e necessários para contextualizar a localidade estudada. Diferentemente dos dados primários, entrevistas com os sujeitos que fazem parte da realidade da comunidade Patos Temeroso os dados secundários não possibilitam interação direta com os fatos. As fotos foram tiradas pela autora, a representar meu olhar sobre elementos da paisagem da comunidade.

Tal investida se realizou a partir dos parâmetros da Geografia Cultural, a realçar o cotidiano, a tradição e os modos de vida dos sujeitos da/na Comunidade Patos Temeroso com ênfase em suas relações com o meio que os cercam. Abarca-se a realidade dos *patenses* embasada nas teorias desenvolvidas por Geógrafos, comunicólogos, filósofos e outros de modo interdisciplinar.

No contexto pós-moderno da ciência, não há a utilização de um único método específico (ALMEIDA, 2013), a respeitar os limites de cada método e autor utilizado. Os vários caminhos traçados são importantes para a compreensão da realidade como um todo complexo. No caso de estudo de comunidades, em que a escala é menor do que analisar um município inteiro, por exemplo, a compreensão das entrelinhas da vivência dos sujeitos é possível.

No primeiro capítulo intento discorrer acerca das transformações ocorridas em Patos Temeroso que fizeram dela a comunidade como ela é vista pelos sujeitos que nela vivem e aqueles que fizeram parte da história comunitária. Logo, o objetivo é entender os sujeitos que (re)produzem suas lógicas próprias e que fazem parte da comunidade. As escritas, falas e imagens transmitidas por caminhos diversos acerca do lugar de estudo colaboram para evidenciar o passado e o presente, o desejo das pessoas para o futuro. Neste capítulo também é discorrido acerca das tecnologias que se instauraram no campo, especialmente as da comunicação e informação, com foco no rádio e como ele afetou a comunidade.

Como um *contínuum* do primeiro, no segundo capítulo a discussão sobre a mídia-rádio evidencia quais as principais emissoras radiofônicas que as pessoas da comunidade Patos Temeroso tomam como referência e aquelas que sintonizavam no passado. As possibilidades que essas influências proporcionam aos sujeitos e os discursos (re)produzidas pelas mesmas são desenhadas e discutidas para a compreensão de uma relação global-local baseada no modo de ver o mundo das pessoas, a analisar também as propagandas e anúncios que eram realizados. Também são interpretadas as apropriações do rádio pelos sujeitos, na vinculação de recados, de aniversários e de falecimentos.

No terceiro e último capítulo, os debates acerca das mudanças que estão em curso na comunidade, a saída e permanência daqueles que possuem vínculos com o lugar e que garantem sua constante reinvenção são levantadas em conjunto com a discussão do que consiste a existência **no** e **do** lugar. Após tais considerações as discussões são acerca do lugar como âncora espacial em dialogia com o cotidiano do lugar vivenciado na e pela comunidade. Por último, o lugar na contemporaneidade comunicacional é debatido para apresentar a

dinamogenia potencializada pelas técnicas e tecnologias, bem como os novos meios de se comunicar em voga. Importa é revelar como o lugar está inserido nessas novas dinâmicas.

Desse modo, início este estudo a indagar: como se deu a origem da comunidade Patos Temeroso? Como ela foi constituída? Quais são as principais influências no lugar Temeroso? Como os sujeitos que constituem vínculos comunitários veem o passado, o presente e o futuro de sua comunidade? Como se manifestou a inserção de diferentes tecnologias no campo? Como e quando o rádio foi inserido na Comunidade Temeroso?

CAPÍTULO 1 – *Causos do/no lugar: vivências e experiências dos sujeitos da/na comunidade Patos Temeroso*

A história de um lugar para ser compreendida exige um envolvimento do interessado com seus sujeitos e as relações entre o passado com o presente. Ouvir a vivência, o cotidiano daqueles que conhecem seu lugar é buscar entender a importância do outro, de sua fala. Isso foi levado em conta para decifrar as mudanças espaço-temporais que ocorreram na comunidade Patos Temeroso. A imersão na vivência comunitária nos revelou os laços e nós do lugar.

As transformações da tecnologia escrita, para a sonora, para imagem desvelam as transformações tecnológicas do lugar e as relações do indivíduo com seu próprio lugar. Também revelam as unicidades existentes em cada lugar e sua construção perante o global. Mais do que apenas uma presença corpórea, as mudanças tecnológicas também apresentam mudanças sociais e, mais ainda, nos próprios sujeitos que por elas são atingidos.

Em Patos Temeroso, tais transformações foram essenciais para a vida em comunidade, a possibilitar novas dinâmicas e estratégias manifestadas pelas pessoas que vivem o lugar Temeroso. Mesmo com as mudanças realizadas pelos avanços científicos e tecnológicos a comunidade continuou a reproduzir suas lógicas que representavam os momentos específicos em que estavam vivenciando. Ou seja, intensificados pela popularização e massificação das tecnologias da comunicação e informação, eles não impactaram fortemente aquele lugar.

O movimento da comunidade Patos Temeroso, sua história contada por aqueles que viveram e ouviram acontecimentos; as vivências e experiências dos sujeitos do/no Temeroso; e os momentos tecnológicos que ocorreram na comunidade refletem àqueles que ocorreram de forma globalizada, mas não anulam as lógicas individuais e coletivas próprias da comunidade.

Nesse sentido, o lugar, um dos principais conceitos da ciência geográfica, nos auxilia na compreensão dos movimentos globais que resvalam em locais que possuem nexos diferenciados. Para compreender o sentido de lugar é necessário, antes, entender as conexões que são a ele inerentes, as vivências, os movimentos, as particularidades, as ações, o cotidiano, as percepções socioespaciais dos sujeitos, suas intencionalidades e suas compreensões de mundo.

Temeroso em movimento: mudanças socioculturais na comunidade e sua constituição enquanto lugar

Temeroso. Um lugar com nome peculiar. Um lugar com diversas histórias para contar. Sua localização: interior do Brasil, mais especificamente no Triângulo de Minas Gerais. Para alguns apenas um ponto no mapa, para muitos, o **meu** lugar. Lugar esse onde sujeitos compuseram suas sinfonias, suas diferenças e referências.

A toponímia de um lugar diz muito sobre ele. Sobre sua história, histórias daqueles que nele vivem. Os porquês do nome de determinada localidade garante a ela cores vivas e saber a razão da toponímia desvela as motivações daqueles que nele moram. Em uma sociedade em que as informações correm rápido e são, teoricamente, fáceis de divulgação, há de se imaginar que conhecer a origem dos nomes e os lugares não seja tão difícil assim. No entanto, nas sociedades – vernaculares, como discorreria Claval (2010) – em que a memória dos sujeitos ainda é mais valorizada do que a informação que corre nas veias da *internet* cabe aos mais velhos a transmissão do conhecimento aos mais novos.

Na comunidade Patos Temeroso, mais conhecida como Temeroso, a situação não é diferente. As teorias do surgimento das nomeações da região são inúmeras. No entanto, há um consenso. Em Patos, que é a região constituída por várias comunidades, a denominação das fazendas e dos conjuntos comunitários deriva, majoritariamente, dos córregos que banham suas terras. Com o Temeroso não seria diferente. Segundo S.A.², que atualmente reside na cidade de Gurinhata-MG,

Lá é assim...cada nascente, um boquerão. Cada nascente daquele córrego eles colocô um nome. Na realidade, o Temeroso é mais para cima. Onde a gente morava não é o Temeroso. Ali tem o córrego do Sapato, Barra do Sapato, o São Vicente, o outro boqueirão é o Pacau, e aí vem, e junta tudo. Ali na minha casa é o córrego do Cobiçado. Tá na minha escritura. Todos são os gaio, aí quando passa da minha casa já é o Ribeirão dos Patos e vai até cair no São Simão.³⁴

O rio que fica no município de São Simão, e recebe o Ribeirão dos Patos, é o Rio Paranaíba, um dos rios mais importantes do Triângulo Mineiro, que faz a divisa natural entre Minas Gerais e Goiás. No entanto, a referência do deságue dos córregos é o município em si, já que, além de guardar as águas do Temeroso, também funciona como importante destino turístico para os moradores.

² Os sujeitos da pesquisa serão aqui identificados pelas Iniciais do seu nome.

³ Diálogo realizado em março de 2016.

⁴ As falas foram transcritas de acordo com o linguajar e modo de falar próprio dos sujeitos de modo a preservar seu conteúdo.

Ainda que cada córrego, ou, “boqueirão”⁵ tenha uma toponímia diferente, Temeroso foi o que mais ficou popular, sendo o nome atribuído a cursos fluviais das proximidades. De modo intrigante, entre os moradores, particularmente os mais velhos, a gênese do nome permanece parcialmente desconhecida prevalecendo algumas especulações e desconfianças. Segundo A.A.,

Eu acho que aqui, era porque era muito feio, e muito perigoso. Era temeroso, tremoso. Em cima da serra, era um lugar desabitadamente que não tinha nada. Em cima da serra não tinha nenhuma criação. Acho que a única coisa que ainda andava por aí, eis pegava aquelas égua que ninguém pegava, que não tinha saída e colocava tudo em cima da serra e elas ia procriando...e eu lembro daquele tanto de animal assim né, andando lá em cima da serra. Isso aqui era tanto mato que chegava que era escuro. Nesse tempo era mato que era tudo desabitado, só tinha pau e mato, não tinha nada, só tinha bicho, onça, muito macaco, tudo desabitado.⁶

A palavra Temeroso, que indica medo, é associada por uma moradora de mais de 60 anos de vida e vivência na comunidade, como desabitação, como um local inexplorado, sem gente, apenas com animais e “mato”. Pelos relatos, a exploração foi intensificada a partir da década de 1920, mas até na contemporaneidade o Temeroso, ou mesmo o município de Gurinhatã como um todo, ainda são desconhecidos por grande parte da população dos municípios vizinhos. Não é de se estranhar posto que é assim com vários municípios localizados no interior brasileiro que parecem ser desinteressantes – neste momento – para a reprodução ampliada do capital.

Ao explorar as *terras incógnitas*, os moradores formaram uma comunidade unida que, mesmo com as mudanças que ocorreram durante os anos, conhece verdadeiramente o Temeroso. Para eles, isso é benéfico, uma vez que o conhecimento se torna exclusivo e em ambiente familiar.

Terrae incognitae, como cunha Wright (2014), em palestra realizada no ano de 1935, são aquelas terras que ainda não foram devidamente exploradas pelos sujeitos, mas que estão em seus imaginários de forma a fazê-los explorarem aquelas áreas. A ideia da exploração vai para além do plano material, a se fazer de forma subjetiva. Logo,

Aquilo que é *terra incognita* para todos os propósitos práticos para uma comunidade isolada é mais vasto do que é *terra incognitae* para os membros desta associação. Consequentemente, dependendo no nosso ponto de vista, elas são *terrae incognitae* pessoais, da comunidade ou nacionais: elas são *terrae incognitae* para diferentes tradições culturais e civilizações; e também há a *terrae incognitae* para a ciência geográfica contemporânea (WRIGHT, 2014, p. 6).

⁵ “Boqueirão” se refere à córrego, os moradores utilizam as duas designações.

⁶ Diálogo realizado em julho de 2016.

Mesmo que o Temeroso tenha sido explorado por alguns, não significa que ele seja plenamente conhecido por todos. Com a difusão da informação do local para o global, as explorações se tornam, também, imaginárias ou projetivas. Por meio da sonoridade, ou visualização, aqueles que não a conhece de forma física, podem explorá-la por intermédio da tecnologia; porém certos aspectos dela sempre permanecerão desconhecidos para aqueles que não estiverem dispostos a se aventurarem por suas múltiplas dimensões subjetivas.

Para os moradores do Temeroso, o conhecimento da área é primordial para o contato acontecer com seus vizinhos. Com a habitação progressiva, acompanhada de ocupações e produções a possibilidade de exploração da localidade aumentou. Mais do que recursos naturais, os recursos pessoais formam o senso comunitário. Ainda que permaneça certo medo das serras, revelada em suas falas como um local onde habitam animais considerados perigosos, como onças e lobos, elas também compõem a beleza e são referenciais para a comunidade; evocam, portanto, um nexos de sentidos relacionais de reverência ao sublime-natural.

Foto 1: Serras que cercam a comunidade Patos Temeroso.



Autora: FREITAS, J. S. (julho de 2016).

As serras (designação atribuída pelos moradores) cercam a comunidade, e são presentes na paisagem do município. Além de cenário natural, as serras também serviram como local de exploração para plantio e criação de animais, como foi revelado em falas anteriores.

As explorações do topo das mesmas causaram reflexos na paisagem, como pode ser observado na *Foto 1*. As setas indicam alguns locais que sofreram processo de desbarrancamento e erosão causados pelo desmatamento no cimo para o plantio de trigo, retirada de madeira para a realização de cercas, móveis e casas e extração de calcário.

As serras, que transmitem beleza, incerteza e medo, são significativas para o lugar Temeroso e são constantemente utilizadas para passeios exploratórios de contato com a natureza – evocativamente sublime – e apreciação do entorno serrano. Subir até seu topo, por mais que seja um desafio, é uma realização diária de vitalidade e representa saúde, principalmente para os mais velhos.

Nesse olhar, mesmo com o receio/temor causado pelo desconhecido, pelos animais que estão supostamente abrigados nas serras, os sujeitos atribuem as serras a calma e beleza do Temeroso, a marcar suas memórias. As paisagens, realçadas pelas serras e por outros elementos, são elementos memoráveis importantes para aqueles que saem do Temeroso e, para aqueles que permanecem na comunidade.

Instigados pelas *incógnitae* das terras, as primeiras explorações realizadas no local onde atualmente se encontra a comunidade Temeroso remetem às clássicas histórias exploratórias do Brasil. Tais identificações são conhecidas por poucos membros da comunidade, geralmente os mais velhos, que ouviram as histórias de seus pais e avós. É o caso de A.B.,

*Aqui era terra de índio. Eles vieram e exploraram tudo aqui. Aqui era tudo mato.*⁷

Os primeiros moradores do município de Gurinhatã-MG eram da tribo Caiapós e as terras foram exploradas por bandeirantes (IBGE, 2016). Segundo relatos, no Temeroso, os exploradores chegaram a sequestrar uma índia da tribo local e com ela um deles teve filhos que povoaram a região. Tal fato explique porque a região Patos Temeroso, foi formada por poucas famílias e estas dividiam suas terras conforme seus filhos casavam ou as venderam.

A maioria das pessoas que habita o local são familiares uns dos outros, a formar laços que transcendem à simples vizinhança. No entanto, com a compra de algumas terras, algumas pessoas que não tinham elos sanguíneos com os moradores se mudaram de lugares próximos.

⁷ Diálogo realizado em julho de 2016.

Temeroso passa a ser uma comunidade plural, com sentidos e significados diferente para cada indivíduo.

As lógicas socioculturais, que foram derivadas de sua origem, eram baseadas primordialmente na realização dos produtos consumidos, na plantação do alimento e na transmissão de ensinamentos para que os nexos continuassem. A maioria dos produtos era plantado em suas próprias terras, assim como eram tecidas as roupas pelas fiandeiras. Os momentos em que precisavam deslocar-se para cidades vizinhas eram na época da vendas, para atender as necessidades hospitalares, e na compra de variados mantimentos e de produtos industrializados.

Como Gurinhatã-MG era um povoado de limitada oferta eles viajavam até Ituiutaba-MG, Uberlândia-MG ou Uberaba-MG. Com a emancipação do município de Gurinhatã e desenvolvimento da sede, os moradores começaram a percorrer cada vez menos distâncias para suprir suas necessidades mercantis.

O município de Gurinhatã-MG, onde fica a comunidade Santa Cruz do Temeroso foi criado no ano de 1963 pela Lei Estadual nº 2764, emancipando-se do município de Ituiutaba-MG do qual era distrito desde o ano de 1943 (IBGE, 2016). Tal acontecimento fez com que o município pudesse captar mais recursos estaduais e federais e, dessa forma, aumentar a disponibilidade de equipamentos urbanos.

A votação para a emancipação foi vivenciada por diversos sujeitos do Temeroso e é lembrada por eles como um dos principais marcos para as mudanças na comunidade. Como a comunicação na época ainda era precária, a informação era repassada entre os próprios moradores e por carros de sons na cidade. Aqueles que sabiam e se deslocavam repassavam o acontecimento para o restante da comunidade, alguns com jornais à disposição. À época apenas os homens votavam e se reuniram para irem até à cidade a fim de exercerem seus direitos.

Foto 2: Caminhão no dia da votação para emancipação de Gurinhatã-MG.



Fonte: Acervo pessoal da Família Freitas, 1963.

Como era a primeira eleição do município, a curiosidade e a excitação pelo novo fez o deslocamento para a cidade ser um atrativo. Por meio da educação, antes da existência dos meios comunicacionais em massa, eles tinham acesso aos jornais que eram levados por aqueles que iam até a cidade. Para eles a novidade da votação podia ajudar a desenvolver também a comunidade e, por essa razão, se reuniram no caminhão de um dos fazendeiros locais para irem até Gurinhatã, conforme foto 2.

A preocupação pela educação, inclusive, é um dos aspectos significantes de Patos Temeroso Ainda no começo do século XX, quando o município de Gurinhatã-MG era distrito do vizinho Ituiutaba-MG, o fazendeiro Antonio Florentino Guimarães, fundou uma escola em sua própria fazenda recebendo o nome de *Aula Mista Municipal da Fazenda Patos*. Tal escola foi inaugurada no ano de 1927 e funcionou apenas até 1929, com reconhecimento municipal (NETO, 1985). Mesmo naquela época, a escola abrigava tanto homens quanto mulheres caracterizando-se pelo ensino misto que ainda não era comum, especialmente nas áreas rurais, com o predomínio do sexo masculino (FERREIRA 2007).

Segundo este autor (2007, p. 107), “a escola atendia a todas as classes sociais, mas prevalecia a freqüência dos alunos cujas famílias podiam se privar de sua ausência nos

trabalhos destes no período escolar”. Na análise de Neto (1985), várias famílias da região podiam se privar de parte do trabalho de seus filhos na lida com a terra, já que eram cerca de 80 alunos que frequentavam a escola. A considerar que para a família uma das maiores riquezas eram os filhos (que também eram mão de obra), a educação fazia parte do crescimento do ser humano, uma vez que por meio dela era possível um maior conhecimento e, para tanto, um maior cuidado para com a terra.

Alguns interlocutores disseram que seus pais chegaram a estudar na escola. Relembra que um professor, denominado Gustavo Luiz Borges, repassou várias noções úteis para o dia-a-dia, desde os ensinamentos básicos como leitura e matemática, até fazer contabilização de juros e a medição de terreno, dentre outros (NETO, 1985).

A educação fez com que vários sujeitos pudessem cuidar de suas terras sem ajuda de terceiros. Isso efetivou na possibilidade de lidar em aspectos para além do básico que uma fazenda exigia, mesmo que o ensino tenha sido interrompido no fundamental – quarta série, à época.

Tal aspecto foi fundamental na formação da região e os moradores são orgulhosos dos conhecimentos que obtiveram de ensino. Alguns fazendeiros, depois dessa escola ter sido oficialmente fechada, contratavam professores e os levavam para suas casas, em escolas improvisadas, a fim de ensinar as crianças da região. Segundo A. M.,

Eu estudei dois meses na casa do seu Basilino, Antes eu estudava no Grupo, mas a professora saiu, aí ele contratou outra professora que dava aula no paiol da casa.⁸

O “Grupo” era como eles chamavam a escola que ficava em uma das fazendas da região. As crianças tinham aula até a quarta série (ensino fundamental). Depois, segundo os moradores, elas se mudavam para as cidades, como Gurinhatã e Ituiutaba, onde moravam com parentes ou conhecidos. Salienta-se que apenas as crianças cujos pais podiam se abster delas na lida no campo se mudavam para continuarem seus estudos.

Mesmo sem acesso pleno à informação, as crianças do Temeroso viam o estudo como algo fundamental, valores os quais foram passados para as próximas gerações. Vários sujeitos se orgulham em dizer que seus filhos e netos são formados no ensino superior. Para eles, os professores(as) que se deslocavam sazonalmente para o Temeroso permanecem na memória e muitas são as histórias a que eles(as) estão atreladas.

⁸ Diálogo realizado em março de 2016.

Uma das professoras que os *patenses* mais comentam sua atuação trabalhou no Temeroso na década de 1950 e ficou lá durante aproximadamente três anos. Segundo esta professora P.⁹,

Lá tinha as fazendas e cada um com seu sítio e tinha aquele tanto de criança que precisava estudar. Então eles me levaram para lá.¹⁰

Na época, a rigidez dos professores(as) era comum. E, para além dos ensinamentos escolares básicos, eles(as) ensinavam noções que os estudantes precisavam para lidar com a terra e comportamentos sociais da época. Sobre a escola e o funcionamento da comunidade, a professora P. aponta que,

Na ocasião era tudo misturado. Acho que tinha, vou falar por menos, cerca de 50 alunos. Era rapazinho, era mocinha, tudo misturado, naquele tempo não tinha pré. O aluno já entrava e matriculava na primeira. Aí não podia matricular na primeira, eu começava a lecionar fora da matrícula, que não podiam descobrir também, os pais pediam, Aí lecionava, sem matricular. Aí quando ganhava a idade de matricular, eles já tinham o começo. E era desde o alfabeto. Não tinha esse negócio de menino querer desenhar, brincar dentro da escola.¹¹

A antiga professora relata, ainda, que a escola era regulamentada pela prefeitura que, na época (década de 1950), era atrelada à Ituiutaba. O Grupo Escolar foi construído com a ajuda do município em uma fazenda particular. Ela menciona, finalizando que não tinha separação por salas, constituindo ensino seriado.

Outro aspecto importante para observação é a “quebra” de regras que a professora fazia, aceitando crianças com 5 anos, a pedido dos pais das crianças, isso constituía em uma estratégia de sociabilização por parte da mesma. Pode-se entender também que as crianças por volta dos 5 anos ocupavam os irmãos mais velhos que, geralmente, ficavam cuidando deles. Ao saírem para a escola, esses irmãos maiores teriam mais tempo para trabalhar na terra.

No Temeroso, para os alunos que tiveram aula com essa professora, ela tem significado tanto no ensino rígido, quanto na disciplina também severa. As histórias perpetuam gerações, de forma que mesmo os mais novos sabem de quem se trata. Ainda que os professores, no geral, fossem de outras localidades, e moravam apenas durante o tempo de ensino na comunidade, eles fizeram e fazem, parte do passado e do presente do Temeroso. A formação sociocultural de Temeroso deve-se, em parte ao convívio com estes professores e aos familiares.

⁹ A professora, infelizmente, veio a falecer poucos meses após a nossa conversa. Estava com 91 anos de idade.

¹⁰ Diálogo realizado em março de 2016.

¹¹ Diálogo realizado em março de 2016.

A escola também promovia a sociabilidade entre os estudantes, já que eles se deslocavam juntos para aula, se aglomerando durante o caminho até o grupo. Essa sociabilidade reforçava laços de familiaridade, reciprocidade e amizade. Nas lembranças, os caminhos percorridos sempre vêm à tona, e a quantidade de crianças que existia na comunidade também. A escola exerce, dessa forma, uma centralidade na vida das pessoas do lugar.

Foto 3: Antigo grupo escolar da comunidade Patos Temeroso.



Autora: FREITAS, J. S. (julho de 2016).

Além de funcionar como escola, o “Grupo” também era local para reuniões da comunidade, missa e festividades. Na foto 3, a construção foi desgastada pelo tempo, mas permanece na paisagem e nas lembranças dos moradores, que gestaram nela significados diversos. As degradações, em algumas lembranças daqueles que estudaram/frequentaram o Grupo, são inexistentes. Para eles, a casa ainda está intacta e é lembrada de forma única por cada indivíduo.

Nessa residência também moraram algumas famílias depois que o espaço de reunião foi transferido para outra localidade. Seu significado foi modificado, mas não eliminado. Os diferentes usos que foram atribuídos à construção fazem dela importante elemento para as lembranças dos moradores.

A atual sede da Comunidade Santa Cruz do Temeroso foi construída durante a década de 1980, afetivamente denominada pelos moradores de “Capela”. Nela há um salão, onde ocorrem missas, torneio de truco e festividades em geral, uma quadra de futebol de salão, uma cozinha e um bar, que funciona apenas durante as festas.

A área da construção foi doada pelo dono da fazenda na qual ela se localiza e foi construída com ajuda de políticos locais. Com o passar dos anos a Capela foi sendo reformada a fim de atender melhor às necessidades católicas dos moradores. Tanto a Capela quanto o Grupo são lugares físicos que fizeram e fazem parte dos *patenses* do Temeroso.

Foto 4: Estruturas da sede comunitária, "Capela" (local das missas e festas ao fundo, e quadra de futebol a frente).



Autora: FREITAS, J. S. (2016).

Segundo os moradores, a quantidade de famílias diminuiu na comunidade. Mesmo que não haja números exatos, o “vácuo” comunitário é nítido na paisagem refletida pelas casas vazias e pela falta de movimento entre vizinhos. Uma das explicações para tal ocorrência é a estrutura agrária da região. Eram muitas famílias, várias localizadas em uma mesma fazenda, em sistemas de *meia*. Para C.G., que se mudou para Gurinhata em maio de 2015,

Na fazenda que eu morei, naquela época, parece que tinha 6 família morando lá. Hoje ela é duas fazenda, dividiu em duas, agora tem duas famílias morando, antes era 6 família, fora os fazendeiro né, da fazenda. E os peão que cada um tinha, nois falava peão naquela época, que era os ajudante. Só lá em casa era cinco, seis direto, contratado para eles trabalha. Agora nas festas, nas reunião, futebol, pagode, qualquer tipo de festa era muita gente, muita gente mesmo.¹²

A relação agrária no Temeroso transcende aos méritos de poder de terra. Nas fazendas maiores existiam várias famílias que moravam para cuidar da terra e bens dos fazendeiros, sem a presença constante dos fazendeiros. Eram os agregados. Em troca, esses moradores tinham a casa, que em alguns casos era do próprio dono, e o quintal para plantar.

Além dos moradores fixos, tinham os chamados “peões”, homens que ajudavam na lida da terra de maneira sazonal, principalmente na colheita das plantações ou limpeza de pasto. A responsabilidade para com os peões passava para os moradores das fazendas, com apenas o conhecimento do dono.

Em outros casos, quando o proprietário da fazenda morava na sede, juntamente com os meeiros, ele coordenava a utilizações de peões, mas quem era responsável pela fiscalização era a família que cuidava da terra efetivamente, conforme já mencionado. Alguns grandes fazendeiros sociabilizavam com as famílias meeiras e agregadas e participavam das festividades que lá existiam, talvez como uma forma discreta de mascarar as diferenças e expropriações sociais decorrentes desse processo.

No entanto, em alguns acontecimentos, principalmente quando o fazendeiro não vivia na comunidade, ele dificultava a passagem em sua fazenda. Em uma das histórias, por exemplo, quando um fazendeiro com mais poder econômico comprou uma porção de terra na qual moravam algumas famílias de parentes e de amigos, ele cercou próximo ao córrego de modo a impossibilitar aqueles sujeitos de fazerem seu caminho mais curto para visitas.

Quando acontecia, alguns moradores prejudicados que lá moravam antes cortavam a cerca para passar, causava inúmeros conflitos com o fazendeiro patronal. Na fala deles, esse proprietário queria proteger suas terras da passagem das pessoas com cavalo e carroça e assim dificultar a prática da vizinhança com seus peões.

Havia também o fazendeiro que cuidava de sua própria terra, com alguns ajudantes sazonais e um ou dois que moravam em anexos para ajudar na lida de forma fixa, que no geral eram terras herdadas de seus pais. Esses, que nasceram no Temeroso e viviam o lugar, tinham conviviabilidade com as famílias meeiras. Ou seja, sua sociabilidade é mais próxima com a figura do camponês do que com o fazendeiro propriamente dito. Afinal, “o fazendeiro é percebido como outro; o sitiante, ao contrário, é visto como vizinho e trabalhar para ele é

¹² Diálogo realizado em março de 2016.

ajuda” (WOORTMANN, 1990, p.29). Como, a comunidade era uma grande família, todos os vizinhos acreditavam que deveriam ajudar aqueles com um pouco mais de dificuldade. No entanto, de acordo com Candido (2010, p. 94),

O fazendeiro abastado, o pequeno agricultor, o posseiro provêm as mais das vezes dos mesmos troncos familiares, e seus antepassados compartilharam, originariamente, das mesmas condições de vida. Mesmo porque os “sítios da roça” seriam, na maioria, avantajados territorialmente, não oferecendo a distinção, tornada nítida em seguida, entre pequena e grande propriedade. Compreende-se, portanto, que as relações de vizinhança fossem extensas e inclusivas, favorecendo certa democracia inicial. (CANDIDO, 2010, p. 94).

A diferença primordial nas relações sociais do Temeroso era entre o de fora e o de dentro. Mesmo que houvesse fazendeiros com grandes extensões de terras que diferenciavam daqueles que possuem pequenas parcelas, ou ainda os que não tinham terras próprias, alguns deles participam da festa, compartilhavam a vizinhança e envolviam-se com a realidade comunitária. Da mesma maneira, outros apenas possuíam suas terras na comunidade, mas não participavam efetivamente da vida cotidiana no Temeroso.

Nesse sentido, aqueles que se consideravam **do** Temeroso, realizavam lógicas próximas. Entende-se que, pela formação do Temeroso, a maioria daqueles que moravam e os que ainda permanecem na comunidade são camponeses, ou melhor, sujeitos dotados de campesinidade. De acordo com Woortmann (1990), a campesinidade pode ser compreendida em maior ou menor quantidade de acordo com grupos específicos.

Segundo o autor, “é possível imaginar um contínuo, que tanto pode ser pensado no tempo como no espaço, ao longo do qual se movem os pequenos produtores, desde um pólo de máxima até outro de mínima campesinidade” (WOORTMANN, 1990, p.13). No caso do Temeroso, especificamente, há sujeitos com alta campesinidade e outros com baixa campesinidade.

Conforme o mesmo autor, o “grau” de campesinidade se define pelas lógicas predominantemente camponesas, ou seja, a troca; reciprocidade; a terra para além da mercadoria, como patrimônio da família; a negociação entre parentes como algo impuro; os valores familiares; dentre outros. Compreende-se que no Temeroso há camponeses e fazendeiros, sendo que mesmo as relações com esse último se desdobram, em certo sentido, de forma recíproca. Um dos exemplos mais clássicos da reciprocidade camponesa é a realização de “traições” e “mutirões”. Conta-nos uma antiga moradora,

Quando a pessoa não dava conta, não podia pagar peão, aí fazia mutirão, tinha um negócio, traição era a mesma coisa do mutirão, só que a pessoa não sabia né,

*pegava, arrumava tudo, chegava lá de madrugada. Para fiá, para fazer roupa de algodão né.*¹³

Enquanto no mutirão a família que precisava de *ajuda* organizava os vizinhos para a reunião, na traição os vizinhos se organizavam e chegavam de surpresa, geralmente durante o final da madrugada, para logo iniciarem os trabalhos. Essas iniciativas ocorriam quando a pessoa estava com muito serviço, mas não tinha recurso para convocar o auxílio (CANDIDO, 2010). No entanto, havia outras intencionalidades com a realização da traição. C.G. completa que,

*Lá tinha muita traição, tinha pras, pras fiandeira, tinha para fazê pagode, pra limpá roça, pra rancá toco, batê pasto. Quando queria dançar eles inventavam uma. Reunia todo mundo, combinava o pessoal e juntava o pessoal e todo mundo ia e trabalhava de graça durante aquele dia.*¹⁴

O “trabalhar de graça” configura-se como ajuda, já que os sujeitos, têm a disposição dos sujeitos em colaborar com aqueles necessitados. Dessa forma, o trabalho aqui, é mais um elemento que une a comunidade e que corrobora para suas manifestações e lógicas sociais.

As traições específicas juntavam os sujeitos que tinham domínio sobre aquela determinada atividade. Para além do posto por Woortmaan de que: “no interior do Sítio, o que se dá é a troca de tempo (de trabalho) entre pais concebidos como iguais” (1990, p.33), havia um protagonismo feminino. As fiandeiras, por exemplo, se reuniam para ajudar a mulher da casa a fazer roupas, cobertores com o algodão que plantavam nas fazendas, ou com a paina, matéria prima retirado da Paineira (*Ceiba speciosa*), árvore típica do Cerrado. Com as painas, era comum fazer recheio de travesseiro e a atividade de colheita era feita quando a semente caía no chão, com a ajuda das crianças, para quem a atividade era vista como algo lúdico.

Na limpeza do pasto, a atividade era exercida predominantemente por homens, já na colheita eram tanto homens quanto mulheres. Enquanto os homens ajudavam no pasto, as mulheres trabalhavam na cozinha para fazer comida para os vizinhos que ajudaram a realizar a traição.

Quando eram as fiadeiras, algumas mulheres, aquelas que não tinham o domínio da técnica ajudavam na cozinha, enquanto os homens preparavam a festa, tocando “pagode”. Para além do gênero musical, o pagode(ar) surgia quando os sujeitos se reuniam logo depois de trabalhar na traição ou no mutirão, de modo a evidenciar sujeitos que não são apenas resultado do trabalho na terra, mas musicistas, cantores, dançarinos e homens e mulheres dotados de vontades.

¹³ Diálogo realizado em março de 2016.

¹⁴ Diálogo realizado em março de 2016.

Enquanto o mutirão era realizado pela pessoa que necessitava da colaboração dos vizinhos, a traição era realizada sem ela saber, organizado pelos próprios companheiros a fim de atender determinadas necessidades. Aqueles que sabiam tocar tocavam, os que sabiam apenas cantar, cantavam e dançavam até “o sol amanhecer”. I.F. explana que,

Baile era assim: a gente trabalhava de dia, ou no mutirão de fiá, ou então de roçá pasto ou limpá roça aí a noite tinha a festa, né. E festa tradicional mesmo era a de São João, essa, era todo mundo tinha que cooperá e essa até hoje ainda tem ela lá. No dia de São João todo mundo cooperava e depois ia na festa né. Rezava o dia todo, assim, mais a tarde ne, terminava os terço pra janta, da janta começa o baile, era bão até. Lá tinha os tocadô e era só na viola, né. As vezes rebentava a corda da viola, tinha só duas mas o povo dançava do mesmo jeito. Era bão.¹⁵

A senhora, que morou durante mais de 50 anos no Temeroso, discorre que o *baile*, como era denominado antes do termo *pagode* ficar mais popularizado, evidenciava também o aspecto religioso da/na comunidade. A separação entre a festa religiosa e a profana é identificada pela presença ou ausência da reza. Antes de festejar com a viola e a sanfona, a reza era obrigatória, com fim de agradecer aos santos, e principalmente a Deus, pelas bem-aventuranças conquistadas naquele ano.

As festas logo depois dos mutirões ou das traições eram mais que sagradas. Os bailes celebravam o final de um trabalho bem-feito, uma aliança, eles eram a celebração da amizade, da lógica de vizinhança bem sucedida. As lembranças dos bailes são sempre atreladas ao trabalho, especialmente com sua manifestação colaborativa, como no caso dos mutirões e traições.

A locomoção dos sujeitos, apesar de parecer um impasse não era um problema para aqueles que queriam ver os amigos e se reunirem para a festa. Ao longo dos anos, as mudanças nos meios de locomoção fizeram diferença para os sujeitos do Temeroso. A.M. aponta que,

Primeiro era cavalo. A gente andava a cavalo, que não tinha carroça, depois que apareceu carroça, cê andava naquelas estradas só via carroça. Não via uma carroça vazia, era cheia, cada casa tinha uma carroça. A gente ia para jogo, passeá na casa de vizinho, até puxá leite de carroça eu já puxei. Carpiderar roça, com cavalo, até isso eu já fiz.¹⁶

A carroça, que no Temeroso começou a ser usada no começo da década de 1960, mudou o modo dos sujeitos de se locomoverem. Antes, como era apenas com o cavalo, a mobilidade de pessoas era restrita. Com a carroça houve possibilidade para transportar mais

¹⁵ Diálogo realizado em março de 2016.

¹⁶ Diálogo realizado em abril de 2016.

pessoas ou cargas simultaneamente, principalmente as pessoas mais velhas, mulheres e crianças.

Outra característica importante do Temeroso são as produções agrícolas e a divisão de trabalho entre as mulheres e os homens. Algumas atividades que são predominantemente realizadas por homens, como *carpideirar* roça e puxar leite, também eram atividades exercidas por mulheres. I.F. conta que,

Quando a gente era menina, ia ficando moça, ninguém quase não vinha na cidade comprar nada, alguma roupa e calçado né. Eu mesma, eu se virava porque a madrinha tinha um tear e eu ganhava um dinheirinho de tecer né. Ela, a renda dela era pouca para pagar para mim, mas eu trabalhava, ajudava amarrar vaca para tirar leite, colhia amendoim, panhava algodão, isso tudo nós fazia. Quebrá milho, pipoca na roça. Isso depois que eu casei ainda nós fez muito ali. Era bão demais. A gente tem saudade, mas eu acho que nós não dava mais conta mais não. Quando nós mudou para cá já tava doente, né. Aí ele não dava conta mais não de tocar mais, não.¹⁷

As atividades exercidas pelas mulheres eram diversas, desde fazer as roupas para família até ajudar na lida da roça. A mulher não ficava restrita a cozinha e, mesmo quando casada, ela continuava a exercer atividades “masculinas”. Todas essas características do Temeroso de antigamente fazem do Temeroso contemporâneo, para muitos, um lugar único, cheio de diversidade, que é seu lugar por excelência.

Mesmo aqueles que saíram da comunidade ainda possuem vínculos que são vivenciados novamente a partir da lembrança, pela memória. O lugar Temeroso persiste nos sujeitos de forma a se firmar sempre quando há conversas sobre a comunidade.

Nesse sentido, algumas perguntas surgem: quais foram as mudanças que ocorreram na comunidade Patos Temeroso ao longo dos anos? Quais são os modos de sociabilidade do/no Temeroso atual? Existem lendas sobre o lugar do Temeroso? Como é o acesso do Temeroso para com o mundo?

Lá tudo era mais difícil, mas era mió do que hoje né?¹⁸: Comunidade Patos Temeroso em suas vivências e experiências

Nas histórias contadas por aqueles que, em sua maioria, se deslocaram da comunidade, é possível perceber os vínculos com o lugar Temeroso, onde os sujeitos moraram boa parte da vida. Contudo, as prosas vão para além dos caminhos de apego, vão também para o caminho do medo, do inseguro, da dificuldade em viver em um local relativamente isolado, nos elementos naturais e sociais que compõem a comunidade.

¹⁷ Diálogo realizado em abril de 2016.

¹⁸ Retirado do diálogo com Ap. em março de 2016.

Sentido esse, inclusive, associado à saída dos sujeitos que moravam no Temeroso na falta da festa, na ausência da conversa entre vizinhos, dos mutirões, das traições, do futebol. Para além dos convívios sociais, os mitos que circundam o lugar também produzem nele efeitos diversos.

Um desses mitos circula pelo nome do lugar. Alguns sujeitos acreditam que o Temeroso fora amaldiçoado e, por isso, “*as coisas são mais difíceis*”. As histórias de assombrações são inúmeras e, mesmo que algumas se repitam, sempre há uma diferente. Na versão de I.F.,

*Eis fala que tinha assombração, agora num sei se era medo. Eu não sei porque temeroso não. Agora, vô falá uma coisa: os mais antigo, antigo, antigo mesmo, queria matar um padre. Eu não sei se foi o padre que pôis o nome lá, né, de Temoroso. Ele subia essa serra aqui *aponta em direção* que faz um galho aqui e fazia um galho lá né. Então o padre foi lá e eles queria matar ele; fez trincheira. Aí o companheiro dele, num sei se desconfiô aqui, pra descer ali, tem o estreito do vigário, ele desceu num pontal mais ruim do mundo e aí eis fala que o padre excomungou lá. Mas, num é nada, eles não tem coração para isso não. Pô caso que acontecia as coisas aí eles falava que era o padre que espraguejô, mas não é não(*risos)*¹⁹.*

A senhora de quase 90 anos atualmente mora na cidade de Gurinhatã-MG e parece desacreditar que o Temeroso seja efetivamente amaldiçoado. No entanto, essa história pode ancorar incertezas e inseguranças que rodeiam a comunidade e nela se encontra as repostas ao adentrar no cosmo de seu imaginário. De acordo com Stort (1993, p. 47),

A imaginação surge da experiência humana real, enraiza-se nela, mas também a ultrapassa na medida em que leva em consideração as ausências e possibilidades que o mundo concreto, real existente apresenta. O que vivifica e dá à imaginação sua verdadeira densidade são os elementos, sentimentos e problemas da vida cotidiana que ela apresenta. E são esses mesmos elementos que tornam o imaginário próximo, familiar, e não totalmente estranho à nossa experiência. O fato dos produtos da imaginação serem característicos e diferentes em determinadas épocas e culturas, sua relatividade espaço-temporal demonstra sua raiz na experiência objetiva.

Dessa forma, a imaginação deriva de conhecimentos e experiências anteriores, individuais e coletivas. O *conhecimento* de que o padre pode tanto abençoar um lugar quanto amaldiçoá-lo se junta a fato de que a comunidade possui problemas e, no imaginário, a culpa é do clérigo, mais especificamente dos sujeitos indutores a tais atitudes. Dessa forma, o imaginário é alimentado por conhecimentos e informações adquiridos ao longo da vida.

Como a resposta para o fato de o Temeroso ser isolado e a lavoura em suas terras não “vingar” é difícil de lidar, a maldição lançada pelo padre é um elemento agregador de sentido. Tal história é recorrente em cidades pequenas, especialmente aquelas mais antigas que os

¹⁹ Diálogo realizado em março de 2016.

moradores julgam não ter desenvolvido ao longo dos anos. Para eles a explicação está primordialmente na excomunhão do padre, um dos líderes da Igreja, e, dessa forma, o lugar merecia tal destino.

As histórias se repetem também para as assombrações mais comuns, ou mais recorrentes, como visões de pessoas já falecidas ou vozes chamando de locais desconhecidos (TUAN, 2005). A mesma interlocutora narra sua experiência,

Eu não cheguei a vê não, mas escutá eu escutava, a gente foi panhá café numa furna lá em cima né. Eu, uma tia minha e minha prima, e uma amiga, Aí quando chegou na casa dela, apartô.. Nois foi para a minha tia e ela foi lá para a casa dela né. E, foi aquela coisa, parecendo um galho de ramo na estrada né. Aí, a madrinha que era a mais velha parô, escutô, e viu que num era ela né, porque ela tinha a mania de arrastá lenha, mas ela seguiu para lá, pra vim para casa dela e a gente foi pra cá e esse arrastado veio atrás de nós né, e foi muita gente que via arrastando espora²⁰, Benedito, eles foi para um bar, aí começô: arrastá espora, parece que ele gritô: ei cê num tem vergonha de aparece pra esse tanto de gente?! E aquele trem sumiu sabe. Não era todo mundo que via não, mas era muita gente que via.²¹

Segundo ela, muitas pessoas viam/escutavam o mesmo tipo de assombração que, no caso, era uma pessoa com suas esporas, pelo caminho fazendo barulho ao arrastá-las. Como havia muitos relatos sobre o caso, todos admitiam ser verdade e chegavam a ficar em casa em determinados horários para evitarem encontrar um ser místico – assombroso – em seu caminho. Como destaca Tuan (2005, p. 90), “a imaginação é rápida em povoar o espaço com espíritos malignos que estão à espreita”.

Existe, como destaca esse autor uma diferenciação fundamental entre “mortos” bons e ruins. Aqueles que são tidos como maléficos, tendem a estar conectados diretamente aos elementos espaciais, a assombrar determinados locais, enquanto os “bons” tendem a ser culturalmente vistos como livres, sem a necessidade de se atrelar à materialidade do mundo dos vivos. Almas penadas, por esse componente locacional, para eles, fazem parte do lugar e povoam seu imaginário em diversas escalas. C.G., que na atualidade mora em Gurinhatã-MG, nos conta que,

*Assombração até hoje ainda tem, Tinha muita, muita gente não acredita nisso não, mas lá existe, esse trem. A não ser que minha cabeça é fraca, eu já andei vendo algumas coisas lá que é só da minha cabeça mesmo, não cheguei a ver as coisas meio estranha não. Uma vez eu vi um homem de branco de chapéu, com a pinhola na mão, andando de pareia comigo, foi longe comigo. Outra vez eu tava, tava escurecendo já, tava bem escurinho, lá ía lá de casa para ir na Dona Antônia, A lavoura de arroz tava desse tamanho já *gesticula o tamanho* verdinho, e pegou fogo naquele arroz de pareia comigo e o trem parece que saia fumaça e estalava, e eu ia lá perto assim e não consegui vê, Só que era tipo de fogo queimando mas não via o fogo. Aí eu voltei para casa. Quando eu cheguei em casa aquele fogo acabô.*

²⁰ Instrumento acoplado no sapato do cavaleiro para pressionar o cavalo a andar mais rápido.

²¹ Diálogo realizado em março de 2016.

*Tinha muita gente que via. Lá tinha o Miguel né, ele viu esse homem duas vezes eu vi só uma, ele ficava na estrada lá. Não era todo mundo que via não, mas muitos viam.*²²

No caso, ele duvida se viu mesmo tais casos. Ele, em específico, saiu de sua residência no Temeroso também pelos inúmeros casos de assombrações que estavam aparecendo na sua proximidade. Viver em um lugar sombrio, no sentido de aparições sobrenaturais, tende a estar conectado tanto à religiosidade quanto a problemas relativos às diversas ausências que se manifestam no cotidiano.

A experiência de C.G deve ser entendida como algo para além do subjetivo, pois também é um fenômeno social fundamental no âmbito comunitário. A validação dos casos está no fato de mais de uma pessoa relatar o ocorrido. Como discorre Gil Filho, “as representações coletivas são os modos como os grupos pensam suas relações com os objetos que os afetam” (2005, p. 55). Já não importa que tenha visto “realmente”, o fato de outra pessoa o ter já faz desse momento-verdade e pode até ocasionar em uma efervescência coletiva em que é estranho admitir que não viu ou que não acredita sequer parcialmente.

No entanto, há aqueles, principalmente mais novos, que desacreditam em tais ocorrências, isso se dá também pela falta de pessoas que a comunidade vem sofrendo nos últimos anos. Se “uma paisagem, para continuar assombrada, deve ser mantida pela arte do contador de histórias” afirma Tuan (2005, p.204) e as histórias são passadas de geração em geração, elas continuam vivas e o Temeroso, assombrado, mas, como algumas histórias se perdem, ele continua com seus mitos apenas para alguns. Outrossim, para os jovens os causos não causam tanto efeito quanto nos mais velhos devido à diferença de intensidade da vivência das histórias. Os contos que circulam o imaginário dos sujeitos podem ser inverdade para alguns, mas para aqueles que viram é real e tentam achar o motivo que há por detrás das lendas. É o que parece para I.F.,

*A assombração aparecia pro povo lá, parecia gemido, parecia, eles via cachorro, via vaca, via tudo, né? Mas eu num sei se é o medo, eu acredito, acredito mesmo, que, lá tem as parte que era mái, diz, diz que lá onde o Carlim tá morando agora tá aparecendo, eis tava venô trem lá que num podia. Parece que fechava vaca, via gente andanô lá né, eu sei que lá tinha essas coisas, lá tinha. Mas era pessoa que era bruta, xingava demais né.*²³

De acordo com ela, as aparições mais comuns eram para aqueles que brigavam muito e matavam alguns. Na região há inúmeras histórias de morte dentro da família ou mesmo em briga de bar; maridos que assassinaram esposas (e vice-versa), infanticídio e irmãos que

²² Diálogo realizado em março de 2016.

²³ Diálogo realizado em março de 2016.

brigaram com finais trágicos são relatos recorrentes nos diálogos com os *patenses*. As assombrações parecem configurar em corporificações ou extrapolações da culpabilidade ou do sentido de justiça de determinados sujeitos, que se apropriavam dos causos para justificar sua fé ou suas ações.

Nota-se no testemunho de I.F., que a assombração era com aqueles que eram muito *brutos*, ela tinham mais chance de acontecer. Também se percebe que a maioria das histórias de aparição das assombrações acontece com os homens enquanto para as mulheres no máximo se efetivam em escutar alguns barulhos.

Essas histórias também ficam muito atreladas à bebida alcoólica ou ao fato de não haver fé o suficiente. Inclusive, segundo a mesma entrevistada,

E eu tinha medo, tinha dia que eu ia sozinha da casa da minha tia lá pra minha casa, mas toda vida minha mãe me ensinô a rezá, eu ia rezando sabe, correndo na estrada, não olhava pros mato.²⁴

Para ela, a fé afasta as assombrações. O fato de rezar a Deus fazia com que ela fosse protegida do mal e conseguisse trilhar seus caminhos sem encontrar alguma “alma perdida”. O medo, no Temeroso, se encontra nas assombrações e nos acontecimentos à sua volta, como a saída dos sujeitos do campo para a cidade. Mesmo que a toponímia do lugar possa, por vezes, retratar o medo, ela não anula os vínculos que possam ser criados com o lugar.

Como aborda Tuan: “o medo foi e é uma razão comum para tecer estreitos laços entre as pessoas. Removidas as ameaças do meio ambiente, quer sejam as forças da natureza, quer inimigos humanos, a união da comunidade tende a enfraquecer” (2005, p.336). No entanto, a saída das pessoas também aumenta a possibilidade do medo. No caso, a conjuntura do Temeroso se desdobra na relação entre o medo e o adensamento da comunidade.

Tanto o sentimento de horror quanto o de apego atribuem significados ao lugar. Oliveira explica estes sentimentos ponderando que (2014, p. 12), “conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo”. Enquanto a topofilia se remete ao apego, a topofobia refere-se ao desconforto, ao medo que os sujeitos atribuem a determinados espaços.

Nesse sentido, os vínculos com o lugar revelam cores diversas que são declaradas pelas pessoas em suas falas e ações. Por mais que elas saiam do lugar de forma física, devido aos desconfortos e problemáticas que não conseguem solucionar, esse mesmo lugar

²⁴ Diálogo realizado em março de 2016.

permanece intrínseco ao indivíduo a entrelaçar-se por meio de lembranças das vivências com o seu presente.

O medo das assombrações, bem como a necessidade de mostrarem sua fé promove as rezas coletivas. E, nesse contexto, a fé, além de proteger do mal, também fazia com que os sujeitos se reunissem. Aquilo que aparece para assombrar, ao ampliar a culpabilidade promovida pela religião, intensifica os encontros entre as pessoas e os aproximam. Para além das missas, havia as rezas que reuniam-os frequentemente. Nas lembranças de J.S.,

*A gente aqui, por exemplo, tinha muito era missa, que também tá acabando né, A gente frequentava o culto, já não tem mais também, então é por isso mesmo, porque o pessoal saiu né, então, a novena a gente, fazia quando a igreja funcionava, ali quando era movimentado a gente fazia mias era nas casa né. Igual a novena de natal por exemplo, a gente, a gente fazia nas casa, as veis no último dia, fazia na capela, pra reunir, se a gente dividi os grupo né, daí no último dia reunia. Porque geralmente a novena é, são sete ou nove dias, dependendo do jeito do livrim que vem, né. Que quando fala de novena, a gente entende por nove né, mas às vezes não. E daí a gente fazia nas casas né e no último dia reunia todos os grupo né, e fazia, fazia na capela. Que era bonito também, Tinha a confraternização, tudo era gostoso. Daí passou tudo,*²⁵

A religiosidade é um dos elementos mais importantes para a sociabilidade camponesa afirma Candido (2010), e configura-se como um dos elementos mais importantes para as manifestações socioculturais da comunidade Temeroso. Com a saída das pessoas, tal condição foi enfraquecendo e a diminuição da reunião para as celebrações religiosas interferiram nas relações com o lugar na comunidade.

Em Parceiros do Rio Bonito, Antonio Candido (ANO, 2010) aponta a importância da religiosidade na cultura caipira e como, em alguns casos, é um elemento fundante para as lógicas de vizinhança. No caso do Temeroso, tal componente também pode ser entendido como um dos principais para a compreensão comunitária.

Na capela, além das missas sazonais, também ocorriam reuniões de novenas e comemorações diversas, como dias dos pais, dia das mães e outros. Com o passar dos anos, pela saída dos sujeitos as mudanças são inúmeras e as missas também diminuíram pela quantidade de pessoas e não mais pela dificuldade de locomoção.

Para além das novenas e missas, que ocorriam por meio das demandas realizadas pela instituição Igreja Católica, existiam rezas e festas religiosas que eram promovidas pela comunidade de forma a se socializarem constantemente. I.F. ainda tem na memória:

O povo do Temeroso rezava muito, subia a serra para rezar, não tinha hora pra eles rezar. Eu mesmo fui uma que subi muitas vezes a serra lá para rezar. Madrinha

²⁵ Diálogo realizado em março de 2016.

Aurea mais madrinha Maria fazia aquelas tensão²⁶ delas né, mais elas num aguentava ir eu que mais os menino aprumava ia para a serra rezar. O mais animado era o Basilino. Ele fazia reza. Lá tinha reza de Santa Cruz, todo ano, derradeira vez que fez foi ele, né, mais daí nem ele aguentava mais subir serra, né, foi esquecendo, Mas eu alembro todo dia 03 de maio eu alembro desse terço lá. Que foi a mãe dele que fez né, o voto de rezá lá. Então era bão pra reuni, todo mundo alegre contando causo, era bom demais.²⁷

As rezas eram constantes e ocorriam periodicamente. Algumas famílias também faziam *tensões*²⁸ para curar um filho ou conseguir uma colheita generosa naquele ano e, quando a benção era recebida, reuniam a comunidade para cumprir a *tenção*. A fé pode ser interpretada como uma forma de lidar com as incertezas da vida no campo, como a falta e/ou excesso de chuva que poderia acarretar na falta de alimento e as doenças, principalmente dos filhos. Por isso as rezas e as promessas aliviavam os sujeitos de suas dúvidas em relação ao seu futuro.

A festa era parte significativa do cotidiano da comunidade, especialmente em sua dimensão religiosa e, com a saída das pessoas de Temeroso, as festas foram diminuindo. Conforme Lôbo; Maia (2011, p. 159), “participar da festa não é meramente seguir os atos rituais, viver o momento festivo, mas é ter fé festejando, e para isso vive-se um período constituído por lugares determinados, situados espacial e espiritualmente, pois se realiza de modo consciente ou não, um percurso interior”. Para os sujeitos do Temeroso ir “marcar presença” não bastava; a festa, para eles, era representada pelo antes e também o depois da mesma (SANTOS, 2008). Com a saída de vários moradores, a quantidade de festa também diminuiu e, conseqüentemente, os laços comunitários.

As rezas na serra e as tensões anuais também foram diminuídas pela morte de moradores que movimentavam tais celebrações. As lembranças que cercam o lugar para além de boas ou ruins, são doloridas e, por vezes, as pessoas ficam tristes ao lembrarem do vivido. O interessante é que a Serra, símbolo do medo, também era o lugar símbolo da reza, da reunião para se cumprir o prometido. As serras, componentes da paisagem de Patos, dando-lhe uma identidade serrana própria, aparecem como símbolos que os ligam ao mundo espiritual, tanto o benigno, quanto maligno.

Além das festas religiosas as reuniões aconteciam também pelo truco e pelo futebol. Ambos eventos reuniam muitas pessoas na *Capela* para campeonatos ou mesmo jogos amistosos, a configurar maneiras de reunir a comunidade. Afinal, “a reciprocidade é o contrato social do camponês hierárquico no interior do todo que é a comunidade”

²⁶ Promessa; reza geralmente constituída por rezar o terço.

²⁷ Diálogo realizado em março de 2016.

²⁸ Intenção aqui é no sentido de promessa. Apenas depois do cumprimento da primeira *intenção* que se pode fazer outra.

(WOORTMANN, 1990, p.67). Durante esses encontros, discutiam sobre os problemas familiares, o tempo, e trocavam experiências produtivas, visando colaboração entre a vizinhança. A.M. rememora que,

Aquilo lá foi bão, muito bão, Lá tinha gente, né, muita gente. E festa. Ali qualquer pagodinho ali dava gente, e dava muita gente. Agora, lá não tem ninguém. Eu tenho saudade até daquele tempo que nós andava de carroça, de cavalo, .Eu tenho saudade daquilo, era bão.²⁹

Mesmo que a locomoção fosse difícil, pelas festas e reuniões com os amigos, os deslocamentos tinham significados que sobrepujavam tal questão. As pessoas compõem o lugar Temeroso e, sem elas, ele fica frio, vazio. É o que alegam Ap. e seu marido que se mudaram para a cidade de Gurinhatã-MG também pela falta de vizinhos para sair e conversar, mesmo que vários familiares ainda morem na comunidade. Compreende-se que lugar também se faz pelas pessoas que nele habitam e a forma que elas se relacionam.

Sair do lugar causa certos desconfortos, mas alguns preferem que o passado permaneça na memória do que viver o presente em constante perturbação. Entende-se que a vivência no/do Temeroso se dá pela partilha, pela festa, ou melhor dizendo, pelo pagode e pelas relações de reciprocidade. Mas também pela colheita, pela produção agropecuária. Saudosista, C.G. relata sua vida de outrora em Temeroso,

Lá, eu tenho saudade de tudo lá. Mas eu tenho mais saudade das lavora que eu tocava, fartura que tinha. Tocava lavora de arroz, milho, e era difícil. E eu achava bão! Hoje em dia lá tá uma miséria danada dessas coisa. Tem nada disso mais. Nós plantava lavora lá teve ano de nós coitê duzentos saco de arroz lá tudo puxado de caminhão, debaixo de chuva. Tinha as estrada mas não era cascaçada, era tudo atoleiro. Eu saía de lá do Temeroso, mas da fuma mesmo, mais para cima, seis horas da tarde, sete horas da noite, vinha aqui de trator trazendo pião na carreta para nós passar arroz nas ponte quebrada.³⁰

A fartura também influencia nos vínculos dotados pelos sujeitos com o lugar Temeroso. Na vivência de campesinidade, o “elemento central é a comida. Ela tem um valor social grande demais para ser mercadoria” nas palavras de Woortmann (1990, p.58), além das plantações, na mesa das festas ter muita comida é fundamental. Adotando a lógica do *antes a fartura que a falta*, faltar comida, seja na festa, seja para os vizinhos, é muito pior do que sobrar alimento.

A variedade de culturas fazia com que as pessoas tivessem mais tarefas e, dessa forma, muitos trabalhavam seja na colheita, seja puxando caminhão. Dessa forma, o modo de vida do

²⁹ Diálogo realizado em março de 2016.

³⁰ Diálogo realizado em março de 2016.

lugar era baseado principalmente na fatura, tanto de alimento, quanto de pessoas. As visitas entre as famílias ajudavam no adensamento do lugar, na convivência da comunidade.

No entanto com a melhoria das estradas, a colheita diminuiu para dar lugar ao gado, principalmente com a entrada de vários laticínios em Gurinhatã e em municípios próximos. Essa diversidade produtiva possibilitou novas permitiu novas oportunidades para os camponeses do Temeroso. Conforme a entrevistada A.M.,

Lá tudo era mais difícil, mas era mió do que hoje, né. É muito mió do que hoje, Era difícil, mas parece que o povo hoje, nem sei falar não, lá era tudo difícil, até pra saí. Melhorou depois que o povo pegô, tirá leite né, aí pegô pô leiteiro. Para vim na cidade, no meu tempo quando eu era mais mocinha nova, acho que não tinha nem 11 anos não, nós tinha que saí lá, morava frente da capela lá, perto da serra, ia lá pro rancho Alegre, a pé, pegar o ônibus e ir lá pra Ituiutaba.³¹

A dificuldade no lugar Temeroso reúne as pessoas e, por isso, a facilidade piorou os laços de vizinhança, a produzir um efeito contrário do que se imagina com o conceito de progresso. Mesmo que tenha melhorado o acesso, o fato das pessoas terem se deslocado para a cidade fez com que o avanço no desenvolvimento fosse ínfimo comparado à falta dos vínculos pessoais. O movimento da comunidade compensava, ao passo que as festas, as visitas, as conversas fossem mais importantes do que o acesso facilitado à cidade.

Na época em que A.M se refere, por volta da década de 1970, a infraestrutura das estradas de acesso para o Temeroso era mais precária do que na contemporaneidade. Com o aumento da pecuária leiteira e, conseqüentemente, desenvolvimento de laticínios na região, para que o caminhão pudesse chegar a melhores condições nas propriedades, as estradas foram aprimoradas, ou seja, cascalhadas e os mata-burros e pontes consertados, de modo a facilitar também o acesso para a população do Temeroso.

A instalação de uma parada de ônibus, mais próximo, conhecido como “olaria”, facilitou a locomoção dos sujeitos até a cidade de Ituiutaba. Tal fato ocorreu em meados da década de 1980, quando Gurinhatã já fora emancipado. Outro importante projeto que promoveu o deslocamento mais fácil dos moradores da comunidade foi a abertura da Rodovia BR 364, que corta o Brasil de São Paulo à Rio Branco. Mais conhecida como São Paulo-Cuiabá, por conectar as duas capitais, a rodovia teve início ainda na década de 1950 durante o governo de Juscelino Kubitschek.

O trecho que corta o município de Gurinhatã-MG, entre o mesmo e União de Minas-MG e entre Gurinhatã-MG e Campina Verde-MG. Ele começou a ser asfaltado no ano de 2010, a aumentar significativamente o fluxo naquela região. A comunidade do Temeroso fica

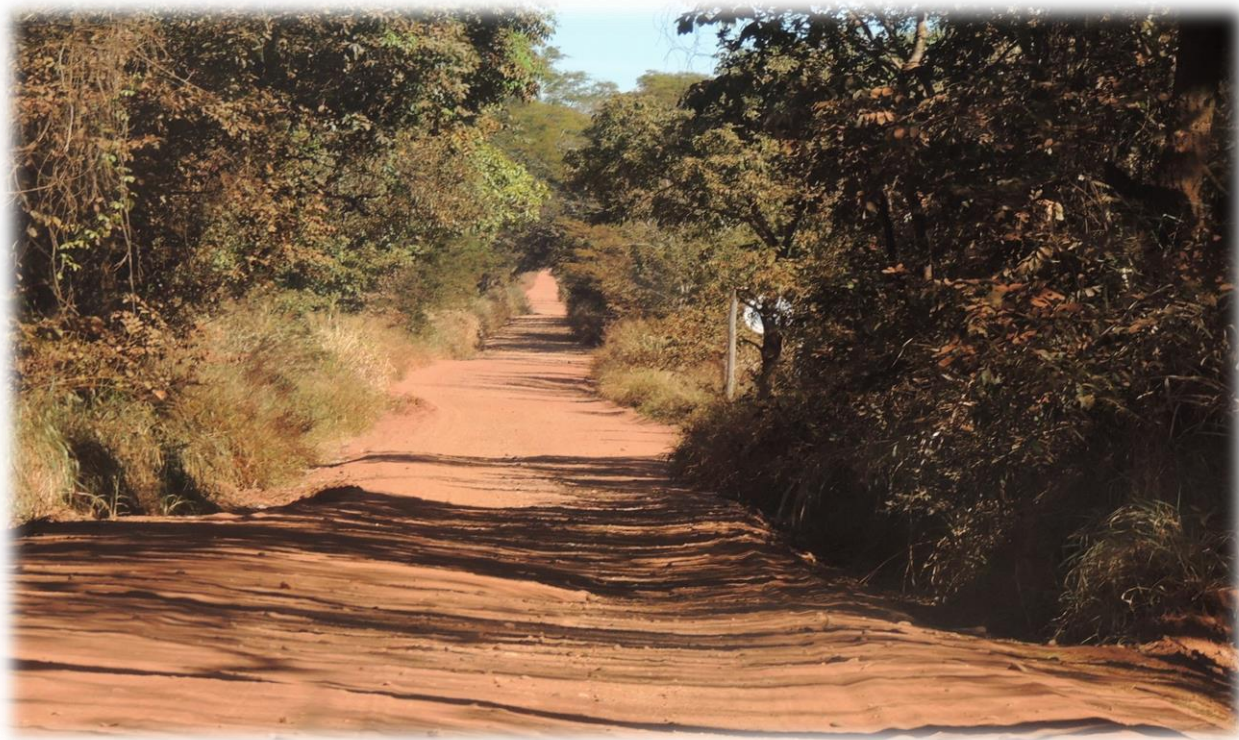
³¹ Diálogo realizado em março de 2016.

aproximadamente 15 Km para acessar a rodovia BR 364, o que teve por consequência a ampliação do acesso até as cidades mais próximas de Gurinhatã e Campina Verde. Tal contexto possibilitou fluidez no plano espacial e a aceleração relativa das comunicações.

No entanto, há um trecho de 12 km que ainda está sem asfalto. Esse, que se localiza em uma serra, causa problemas na passagem no local em diversos níveis. Os moradores reclamam que durante a estação úmida do Cerrado, por conta dos buracos e de alagamentos, fica demasiadamente difícil de transitar no trecho até Gurinhatã-MG, que fica aproximadamente 35 Km do Temeroso.

Como o fluxo de caminhões é intenso, a estrada, na época da seca, gera muita poeira, e incômodo para os moradores mais próximos. Na época da chuva, com os buracos e exposição das rochas que existem no local, ocorrem alguns acidentes com veículos menores³².

Foto 5: Parte do trecho não pavimentado da BR 364 na serra de Gurinhatã em direção a Comunidade Patos-Temeroso.



Autora: FREITAS, J. S. (julho de 2016).

Conforme pode ser evidenciado na foto 5, a passagem, além de irregular, é estreita e dificulta o fluxo de veículos maiores. Essa foto apresenta o trecho um pouco depois da descida da Serra, em uma área marginalmente menos íngreme. A imagem foi capturada em

³² Tal fato foi vivenciado pela autora em campo preliminar em janeiro de 2015, quando o carro em que estava quebrou em cima da Serra no trecho não pavimentado da BR 364. Como o acesso a redes de telefonia móvel no local é escasso, por cerca de 2 horas na estrada ficou a espera de auxílio vindo de Gurinhatã. Durante esse tempo, vários motoristas, especialmente caminhoneiros, pararam na estrada para verificar se precisávamos de algo e vários relataram que durante aquele mês, que era no período chuvoso, carros de passeio quebraram no local, o que ocorre também com alguns caminhões.

julho, período mais seco na região e, portanto, época do ano de maior poeira para os moradores. É nesse período que o acesso é melhor, pois na época das chuvas há ocorrência de buracos e, em consequência, atoleiros. Segundo J.D.,

Uma das coisa bem difícil aqui, principalmente nessa época é o nosso acesso aqui à cidade, que não é bom. Cê vê aqui ó, agora fizeram essa rodovia aqui ficou um espetáculo, bom. Mas tem 12 km ali que eles num podia ter largado aqueles 12 km sem fazer. Em qualquer ôto lugar dessa rodovia, mais naquele lá não podia, porque é na serra. Cê chega lá tem um caminhão lá, cê num passa. Essa semana eu saí pra ir na cidade, fui até lá, cheguei lá tive que voltá pra trás. Os cara fechô a estrada porque tinha um caminhão que num deu conta de subi, eles travessô mais dois caminhão cá embaixo, acabô! Cê tem que fica quieto lá. Agora essa estradinha aqui é ruim demais, eis num consegue manter ela boa. Uma das coisas que eu acho difícil de vivê aqui é o acesso na cidade, principalmente no período das águas aqui. Aqui é muito difícil. Muito difícil. Estrada muito ruim.³³

Conforme J.D., que mantém sua fazenda com gado leiteiro, uma das maiores dificuldades de se morar no Temeroso é o acesso à cidade. A outra estrada a que ele se refere, é uma estrada que conecta direto à cidade de Gurinhatã por cerca de 25 km. Porém, essa é totalmente de terra e com vários problemas no caminho pelo relevo acidentado.

Uma terceira alternativa é desviar por Santa Vitória-MG, em trecho totalmente asfaltado, mas a distância aumenta aproximadamente em 20 km. Entende-se, portanto, que em algumas épocas do ano os moradores ficam “ilhados” no Temeroso, sem acessar a cidade sem incorrer em determinados riscos.

Mesmo quando as estradas de acesso até Gurinhatã estão boas, parte da comunidade enfrenta outro problema de acesso, principalmente no período chuvoso. O acesso da “ponta” do Temeroso até o restante da comunidade é efetivado por meio de uma ponte sobre o córrego principal (Corrêgo do Cobiçado) que transcorre a região. Durante a época das chuvas, quando o nível do córrego sobe, a água ultrapassa a ponte, de modo a alagar alguns metros antes e depois da mesma. Por isso, alguns carros não conseguem atravessar o local, e outros ficam atolados na lama ou inundam-se quando tentam passar pela água³⁴.

O relevo, além de dificultar o acesso à cidade, também bloqueia o escoamento produção agropecuária do Temeroso. Na comunidade, a produção de leite é a de maior destaque. Grande parte da renda das fazendas é advinda do leite. Contudo, recentemente, com o desenvolvimento de tecnologias que “facilitam” para o homem do campo, aqueles que

³³ Diálogo realizado em abril de 2016.

³⁴ Tal fato também foi vivenciado pela autora em dois campos: um preliminar em janeiro de 2015 e outro em janeiro de 2016. No primeiro caso o carro caiu em um buraco ao tentar passar em direção ao pontal do Temeroso causando alagamento dentro do mesmo. Na segunda vez, o carro, após atravessar a ponte em direção à saída do Temeroso, ficou preso em um barranco ao tentar passar em meio ao alagamento. Em ambos os casos o dono da propriedade em que fica a ponte ajudou a puxar o carro uma vez com um trator e a outra vez com uma caminhonete. Vivenciei as dificuldades que os moradores enfrentam durante o período chuvoso em relação ao acesso local e a ajuda providenciada pelo Morador.

produziam pouco passaram a ter dificuldades no escoamento da produção por não terem condições de comprar certos equipamentos.

Anteriormente, o leite era armazenado em latões, tanto de plástico quanto de alumínio, e escoado para Gurinhatã em caminhões leiteiros de pequeno porte diariamente para que o não azedasse. No entanto, os laticínios começaram a impor que os produtores comprassem tanques de expansão para resfriamento para que possa o leite ser armazenado por mais tempo e diminuir a quantidade de viagem dos caminhões leiteiros. Pelo testemunho de J.D.,

A cooperativa ajudava de um lado, cê fazia do seu lado né, e aí, isso aí em 2000, isso ééé, 99. 2000 veio a granelização do leite, Já, aí já passamos pa, pa, pa, pa tanque, né, tanque de expansão. Foi aonde veio a granelização do leite, nós já passamo pa tanque. Aí, o passar dos anos, nois já foi em dois mil e, 2008, 2009, já fizemo ordenha também né? pá tirção de leite e foi melhorano!.³⁵

A cooperativa em questão é a Cooperativa Agropecuária Ltda. de Uberlândia (CALU), criada em 1962, no município de Uberlândia-MG e na contemporaneidade possui quatro filiais localizadas em Monte Alegre de Minas-MG, Tupaciguara-MG, Ituiutaba-MG e Gurinhatã-MG (CALU, 2016). A CALU é uma cooperativa que também processa o leite e comercializa produtos derivados como queijo mozzarella, iogurte e outros. Em suas filiais vende produtos agropecuários, como ração e alguns utensílios agrícolas, e os cooperados têm uma porcentagem de desconto.

Antes da granelização do leite, ou seja, da venda do leite apenas a granel (em grande quantidade), vários produtores eram cooperados a CALU. Com a mudança, apenas aqueles que podiam comprar os equipamentos continuaram nesta condição. Junto com a produção em maior escala, aqueles que podiam investir mais na produção colocaram ordenha mecânica, a fim de aperfeiçoar o processo de ordenhar o rebanho. Nessa lógica, J.D. complementa,

Tem muita coisa pá fazê puquê tirção de leite é o seguinte: é um trem muito difícil que os investimento, há muito investimento e os investimento são alto. Então, daí, dessa época pra cá nois tivemos que comprar touro, é, montar ordenha, pôr gerador de energia, puquê a energia aqui é muito ruim sabe. Falha demais! Aí cê taí com 70, 80 vaca fechada, acaba a energia como é que cê faz? Tive que comprar né. Gerador, trator, é, impremento, éé? Tração de leite é um trem que envolve muito investimento e os investimentos prá gente aqui na propriedade. É caro!. Que, num tem nada que cê vai comprar que é 10 mil, 15 mil, . já tudo é 20 mil, 30 mil., é caro! Mais tamo levando graças à Deus.³⁶

Os produtores que realizam aquisições tecnológicas para suprir suas demandas na propriedade conseguem maior movimentação de recursos, elemento que possibilita mais investimento. O que ocorre é uma divisão entre aqueles que muito produzem e os que produzem

³⁵ Diálogo realizado em abril de 2016.

³⁶ Diálogo realizado em abril de 2016.

em pequena quantidade. Porém, aqueles que produzem em menor quantidade também desenvolvem determinadas estratégias para que possam continuar a reproduzir suas lógicas.

No entanto, neste caso específico, é importante salientar que quem trabalha na propriedade é apenas a família, onde os dois filhos geram suas rendas da fazenda junto com o pai. Se tratando de camponeses, “o trabalho permanente é fornecido pelo grupo doméstico” (WOORTMANN, 1990, p.26). Ainda que tenham ajuda esporádica, a produção fica sempre nas mãos da família. Cada filho adquire sua parte para tratar de seu núcleo-família, mas permanece “dentro de casa”, no tronco familiar.

A lógica camponesa é presente. E não é porque ele produz muito leite e adquire determinadas tecnologias para suprir as demandas da terra que ele deixa de ser camponês. Como ressalta Santos,

O uso da tecnologia e o não uso geram vários conflitos. Nem sempre aparecem como conflito, mas vários produtores entendem que a tecnologia oferece “segurança” na realização das safras, e a partir de seus objetivos, um tipo de produtor parece renunciar, nessa utilização, à racionalidade camponesa (2008, p. 183).

No caso, a tecnologia, para vários camponeses, é necessária para manutenção e melhoria de seus objetivos para com a terra. No que se refere ao leite, a utilização de determinadas tecnologias, como tanque de expansão e ordenha mecânica, na contemporaneidade, corrobora e é essencial para que o camponês possa continuar seu modo de vida e persistir na terra, mesmo frente à grandes produções. Entretanto, aqueles produtores que tiravam pouco leite tinham e ainda têm dificuldades para conseguir o tanque, devido ao preço do mesmo e, conseqüentemente de escoar sua produção.

Para que fosse possível que esses sujeitos continuassem a desenvolver as suas práticas de manejo com o gado leiteiro, alguns moradores começaram a negociar demandas no Sindicato dos Produtores Rurais de Gurinhatã e à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG) para que fosse possível criar uma associação de leiteiros na região dos Patos. O propósito era para que aqueles que produziam em pequena quantidade pudessem armazenar seu leite e, conseqüentemente, escoar a produção. Conforme um dos fundadores da associação, que já se mudou do Temeroso, o J.M.

*Lá tem vários produtores pequenos, que não conseguem comprar tanque de expansão E se não tiver no tanque a Laticínio não pega o leite. Então, se não fosse a Associação eles não conseguiriam continuar a tirar o leite.*³⁷

³⁷ Diálogo realizado em julho de 2016.

A Associação entrou em funcionamento em meados dos anos 2000 e desde então conseguiu aumentar a quantidade de tanques de expansão para que mais produtores se unissem. Apesar da maioria dos associados serem do Temeroso a sede fica na comunidade Rancho Alegre, a 15Km de Temeroso, onde também existe um mercado e os moradores da região conseguem fazer pequenas compras. Fica localizado nas margens da rodovia BR-364, o que facilita o escoamento da produção, a configurar como estratégia significativa de utilização do espaço.

Antes de a Associação começar a popularizar entre os produtores, alguns sujeitos faziam acordos entre vizinhos para conseguir armazenar o leite em seus tanques. Aquele que possuía o tanque de expansão recebia daqueles que tiravam uma pequena quantidade de leite por dia em troca de uma pequena porcentagem da renda, ou mesmo em forma de troca de favores.

As estratégias realizadas eram/são inerentes à campesinidade, uma vez que é baseada na troca de favores, na ajuda mútua, e há importantes traços de ressignificação no uso do tanque. Esse elemento, que em alguns casos segrega, já que apenas algumas pessoas podem adquirir, une os *patenses* na solidariedade e em um bem em comum.

O tanque de resfriamento é apenas um dos elementos tecnológicos que os sujeitos “dividem” com os vizinhos. Outro exemplo é uma chocadeira (foto 6) que uma antiga moradora do Temeroso adquiriu. Mesmo saindo da comunidade, vivendo a aproximadamente 15Km distante, os antigos vizinhos combinam de levar os ovos para chocar (cabe cerca de 100 ovos) com a realização da meia, ou apenas como um favor, na lógica da reciprocidade.

Foto 6: Chocadeira elétrica.



Autora: FREITAS, J. S. (julho de 2016)

A dona da chocadeira, que cria frangos e galinhas para a venda, morou no Temeroso durante quase 30 anos, firmando laços comunitários no local que são reforçados com a reciprocidade para com os antigos vizinhos. Além das aves, também produz doces, polvilho, e comercializa alguns animais para complementar a renda familiar. Novamente, constata-se os elementos que compõem a campesinidade e que vivificam os vínculos comunitários.

A venda de produtos caseiros, como queijo, requeijão e os anteriormente citados são realizados predominantemente pelas mulheres. A comercialização do que ela produz é ela quem o negocia, o homem não tem participação no negócio e, por vezes, o dinheiro fica para ela, separado da renda familiar.

Entende-se que não é o uso da tecnologia que define se as lógicas são camponesas, bem como se a fazenda é grande ou pequena. São as lógicas sociais que nutrem suas práticas que o definem enquanto camponês, ou melhor, é a campesinidade presente no indivíduo que o define enquanto tal e se desdobra na conformação do lugar camponês. Como aponta Woortmann, “o espírito da reciprocidade se afirma pela negação do negócio, ainda que nada seja trocado” (WOORTMANN, 1990, p.57).

A troca é nítida no Temeroso. O negócio só é realizado com a venda de produtos, como venda de queijo, doce ou galinha. Porém, quando se trata da utilização tecnológica como ajuda, o compromisso com o outro comparece na forma de reciprocidade. As tecnologias que facilitam a produção, de início, causam encantamento, mas as inserções delas no Temeroso causaram mais que fascinação. A mudança na maneira de produzir, progressivamente dinâmico ocasionou em aumento de produtividade.

Porém, antes da existência de tais tecnologias no campo, a produção era diferenciada, assim como as relações interpessoais, como destacadas anteriormente. Para além das tecnologias que colaboraram na produção, as tecnologias da comunicação e informação (TIC's) foram essenciais para a mudança da dinâmica da comunidade e para a realização do Temeroso que é lembrado constantemente pelos **seus** sujeitos.

Uma das que mais impactou o lugar Temeroso foi o rádio, que também foi uma das primeiras tecnologias de comunicação e informação de massa e que possibilitou diversas trocas de informações e conhecimentos com lugares distantes fisicamente. Assim, há curiosidade para conhecer como se deram a inserção das tecnologias da comunicação e informação no Temeroso. Também, questiona-se quais foram as consequências de tais dinâmicas na formação socioespacial? Quais foram os modos de uso e apropriação delas, realizadas pelos sujeitos do Temeroso? A seção a seguir procurará dar respostas aos questionamentos feitos.

***O rádio dava muita experiência pra gente*³⁸: A inserção das tecnologias da comunicação no lugar**

Como observado, a utilização de tecnologias no campo, a fim de otimizar a produção é um dos elementos fundamentais da Comunidade do Temeroso. No entanto, para além das tecnologias específicas para o uso agropecuário, há também aquelas que conectam a comunidade a lugares diversos com maior fluidez.

De acordo com Relph (1976, p. 92), “communication by transportation as only one form communication, and the various media for the transmission of ideas – newspapers, journals, radio, television – have also had an immense, if less explicit impact on places”³⁹. As estradas – ferrovia, rodovia, aerovia – possuem grande impacto na comunicação entre lugares, já que, de forma explícita, conectam locais e possibilita uma maior locomoção entre as pessoas⁴⁰.

As TIC’s, na contemporaneidade, fazem com que muitos sujeitos se sintam dependentes do amplo consumo da informação de maneira cada vez mais rápida. Esses artifícios proporcionam aos sujeitos maior dinamicidade no mundo contemporâneo. De acordo com Ihde (2009, p. 35), “technologies, in other words, mediate our way of experiencing a world”⁴¹. As tecnologias, de forma geral, sem se restringir à *high tech*, alteram o modo de perceber um mundo. As tecnologias da comunicação e informação são ainda mais intensas nesse processo, já que são ligadas diretamente aos sentidos e na percepção das distâncias.

As modificações por elas efetuadas ao longo dos anos, principalmente no século XX, ocorreram de maneira rápida ao transformar a forma de transmissão da informação. A essa nova vivência de sociedade existem múltiplas denominações, tais como “Sociedade do Conhecimento”, “Sociedade da Informação”, “Sociedade do Espetáculo” (DEBORD, 1997) “Sociedade da Comunicação”, dentre outras, todas essas culminando na “Sociedade em Rede”, termo cunhado por Manuel Castells (2007) para definir a forma em que a sociedade está a interagir com essa metamorfose informacional.

³⁸ Retirado do Diálogo com A.B. realizado em julho de 2016.

³⁹ “Comunicação por transporte é apenas uma forma de comunicação, e as várias mídias de transmissão de ideias – jornais, revistas, rádio, televisão – também possuem um imenso, mas menos explícito impacto nos lugares”. (RELPH, 1976, p. 92, tradução livre).

⁴⁰ Na literatura científica em língua inglesa é extremamente comum tratar de comunicação para explicitar sobre o que aqui no Brasil tratamos por infraestrutura. Vê-se que para os anglo-saxões, rodovias e estradas também são, em primeiro lugar, tecnologias.

⁴¹ “Tecnologias, em outras palavras, mediam nosso modo de experienciar um mundo” (IHDE, 2009, p. 35, tradução livre).

A transformação tecnológica evidencia e provoca novas possibilidades no cotidiano. Por meio de sua dinâmica é possível agregar diversas formas de comunicação com variados intermediários unidas em um único mecanismo. O rádio, a televisão, a internet e o telefone estão inseridos em conjunto em vários dos aparelhos eletrônicos contemporâneos. O que um dia seria apontado na condição de impossível, se tornou **tecnicamente** possível.

No entanto, a tecnologia coloca em evidência as classes sociais, a divisão social do espaço (SQUIRRA, 2005), fato presente de maneira maximizada nas obras de ficção científica de William Gibson, Neal Stephenson e Phillip K. Dick. No imaginário coletivo do *cyberpunk*, ainda que todos possam se conectar e viver em mundos digitais, as pessoas tendem a figurar-se como peões em grandes enredos conspiratórios.

Os mundos permeados de desigualdades, como o retratado em *Blade Runner*, também são desdobramentos dessa imagem que reflete nosso mundo. Hoje, assim como nestas obras de ficção, o poder pleno de uso e conexão é possível apenas para alguns e muitos são os excluídos desse processo de “magnificência comunicacional”.

As redes de internet não alcançam toda a Terra, mesmo que unam virtualmente os dois extremos do planeta, é possível observar vazios em meio a sua trama. Nesses se localizam aqueles que várias pessoas esquecem que existem. Esses lutam até para sonhar que um dia poderão ser unidos ao todo.

Os sujeitos excluídos da era digital estão nessa realidade não apenas pela falta de acesso nos locais em que eles se encontram, como também pelo valor dos aparelhos e/ou do acesso, bem como pela censura estipulada por determinados governos como ocorre na Coreia do Norte, China ou Cuba. Enquanto no sistema capitalista o “vácuo” ocorre devido às relações desiguais da sociedade, no sistema das ditaduras socialistas reais a exclusão ocorre pela manipulação exacerbada de governos despóticos.

Como cita Squirra (2005), essa nova forma de sociedade se torna excludente na medida em que as informações não são transmitidas para todos, mas apenas os que detêm formas de obtê-las poderão possuí-las. As diferenças sociais se manifestam de maneira nítida neste processo. Os que mais possuem informações são aqueles capazes de adquirir a tecnologia necessária para tal e de saber manuseá-las, o que deixa a maioria sem participação no mundo cada vez mais virtual.

Conforme Serpa (2011, p. 19), a acessibilidade para com a ‘técnica’ é “desigual e hierárquico, produzindo homogeneidades, de um lado, bem como fragmentação e cisões espaciais, de outro, demonstrando a existência de lugares, onde a técnica seria incipiente e/ou mal (e/ou pouco) utilizada/apropriada”. Não são todos os lugares em que as tecnologias da

informação e comunicação estão disponíveis. Também, é relevante ressaltar que os momentos histórico-social com quais elas foram inseridas na sociedade não são os mesmos em todos os espaços.

Sem a tecnologia não há transmissão da informação para todos e, portanto, a Sociedade do Conhecimento e da Informação não é *exatamente* geral, configura-se como um discurso/tipo ideal que visa o favorecimento efetivo de determinados grupos sociais. Para Squirra (2005), a sociedade do conhecimento engloba tudo o que concerne o saber e a informação é apenas uma forma de sabedoria e não toda ela. Nesse sentido,

Genericamente, pode-se dizer que conhecimento seja o ‘ato de saber’ de algo, de tomar consciência de determinado fato ou objeto, experiência ou relato. Todavia, conhecimento pode ser entendido como ‘familiaridade ou estado de consciência que se obtém com a experiência de estudar’ determinado fato. Pode ainda ser entendido com a ‘soma da extensão/percurso/área do que tem sido encontrado, percebido ou aprendido’ e, ainda a ‘específica informação sobre alguma coisa’ (SQUIRRA, 2005, p. 257).

A informação faz parte do conhecimento, os dois estão intrinsecamente conectados, a depender da transformação social e da sabedoria que desejam conquistar. No entanto, há um debate crescente no que concerne à verdadeira denominação da forma social que se têm na atualidade. Para Castells (2005), isto nada mais é que um mero fator linguístico, independentemente da forma como é chamada, é pela transformação tecnológica que ela se realiza.

Informação gera conhecimento, ambos gestados por redes invisíveis que unem todas as formas sociais tornando mais fácil difundir o saber para todos os que podem obter as fontes que as reproduzem, excluindo parte relevante da população, a deixá-los “ilhados” no mundo informacional e tecnológico. Mas esse conhecimento e informação é relativo, já que saber sobre seu lugar de vivência por vezes é bem mais satisfatório do que saber de tudo apenas um pouco (TUAN, 2013).

No Temeroso, tais tecnologias surgiram em momentos históricos distintos em relação ao surgimento das mesmas no Brasil. A comunidade está inserida no grupo em que as informações ocorrem em ritmos e fluxos diferentes das grandes cidades. No país, os principais polos originários de tais tecnologias são no Rio de Janeiro-RJ e São Paulo-SP. As duas capitais são os principais centros de referência de vários conglomerados comunicacionais, assim, as referências tomadas, em sua maioria, referem-se às duas capitais.

Entende-se que os momentos de surgimento das tecnologias são diferenciados a depender dos lugares em que elas se inserem. Até o aparecimento das tecnologias que possibilitaram a comunicação e informação em massa, a população do Temeroso se informava

a partir do jornal, tecnologia que já atravessa séculos e que, ainda hoje é comum ser utilizado em várias casas brasileiras e no mundo.

No entanto, nessa mídia apenas os letrados conseguiam as informações do dia a dia. Tomavam conhecimento sobre qual guerra estava a ocorrer, quem ganhou ou perdeu, as inovações tecnológicas que surgiam, as notícias da cidade.

Com o jornal, as mensagens eram transmitidas para poucos e, com o desenvolvimento tecnológico foi possível aumentar a complexidade da informação e enviar para mais pessoas simultaneamente. Na comunidade do Temeroso, as notícias corriam conforme os sujeitos tinham acesso quando iam à cidade, captavam dos jornais e contavam para os demais, no famoso “boca a boca”.

O fato da maioria dos moradores terem tido acesso à educação básica facilitou a troca de informação por eles. As notícias veiculadas fizeram com que eles tivessem contato com o restante do mundo. Em decorrência disso, eles imaginavam tudo o que ocorria no mundo de fora da convivência deles. Algumas notícias eram tomadas também com pânico e, logo após, como inverdades. I.F relata como as notícias eram transmitidas:

As pessoas vinha para cá né [Gurinhata], aí levava [as notícias]. Notícia de Ituiutaba prá lá era jornal, Aqueles dono de comércio né, tinha um que bebia e ia para lá e falava: ó! a Rússia tá guerreando num sei com quem, e aquilo eu morria de medo! Aí eu não dormia de noite não, mas era mentira dele!!⁴²

No caso em questão, pelo período, a Guerra citada provavelmente foi a Guerra Fria, que ocorreu entre os Estados Unidos e a União Soviética⁴³. Mesmo que tenha sido um conflito real, com alguns significativos embates indiretos, para ela o fato parecia demasiado irreal para ser verdade. A bebida ficava com a culpa da veiculação de notícias como essa.

Mesmo que eles não a vissem efetivamente, o medo do que seria uma guerra pairava na mente dos sujeitos. O que era passado para eles, a violência, as mortes, arquitetavam medos que no lugar de moradia, em teoria não existia, mas a ameaça da guerra, por mais longe e inexistente que parecesse, ainda era uma ameaça que respaldava sobre seus ombros a todo momento.

A relação entre o que ocorria no mundo e o que era transmitido para a população do Temeroso era pouco efetiva e os acontecimentos muito diferentes. A notícia de que havia

⁴² Diálogo realizado em março de 2016.

⁴³ A Rússia era um dos países em conflito direto com os Estados Unidos e a Guerra, que na verdade se pautou em *nuclear deterrence*, conhecida também como “corrida espacial”, que se baseou em desenvolvimentos tecnológicos para mostrar poder entre os dois países. Tal fato histórico ocorreu desde o final da 2ª Guerra Mundial (1945) até a separação da União Soviética (1991).

alguma guerra, de qualquer espécie, era muito aterrorizadora e, por tanto, fazia com que o sono “sumisse”.

Tal questão nos lembra um dos acontecimentos mais icônicos ligados ao rádio. Em 1938, mais especificamente no dia 30 de outubro, na costa leste dos Estados Unidos, a rede de rádio CBS (que atualmente domina também a televisão), resolveu reportar uma “guerra”. O programa de rádio adaptou o livro *A Guerra dos Mundos* de Herbert George Wells, escritor inglês de ficção científica com a adaptação e direção por conta de Orson Welles⁴⁴. A adaptação do livro de H. G. Wells e sua transmissão pelo rádio gerou uma comoção, segundo registros históricos, na população dos Estados Unidos.

Ao retratar uma invasão alienígena na Terra, Welles causou pânico nos ouvintes do programa que rapidamente se espalhou. As pessoas começaram a espalhar a notícia mesmo para aqueles que estavam sem ouvir a transmissão ao acreditar que tal fato era real. O interessante é que o “teatro” foi muito bem montado. Enquanto repórteres fictícios fingiam reportar a suposta invasão, Welles interrompia a programação de música com boletins acerca do acontecimento (MEDITSH, 2013).

A transmissão de uma adaptação do livro, que ficou muito mais conhecido depois do fato e, ainda hoje, é muita atrelada a esse acontecimento, foi provocativa. A ação hegemônica da mídia estava aí: transmitir notícias de fácil acesso e que façam com que as pessoas acreditem por mais surreal, mas não impossível, que possa parecer. As mensagens passadas eram recebidas pelos sujeitos conforme as ideias de cada um do que seria uma espécie de guerra intergaláctica.

Depois de cerca de 30 anos, em 1971, como aniversário da Rádio Difusora de São Luís-MA, alguns jornalistas resolveram adaptar o livro como no programa estadunidense. Modificaram o roteiro para a situação brasileira e transmitiram o drama pelas ondas radiofônicas. O resultado não poderia ser outro: pânico na cidade, mas que foi logo depois acalmado com a descoberta da falsa invasão (CONCEIÇÃO et al, 2011).

O fato também foi retratado em *A era do rádio* de Wooden Allen, por meio das lembranças de um garoto que vivenciou os anos dourados do rádio no EUA nas décadas de 1930 e 1940. O contexto em que ambas transmissões foram ao ar ajudaram a causar pânico na população. Com várias incertezas mundiais era de se esperar que algo pior poderia vir a

⁴⁴ Welles, três anos mais tarde, lançou o filme *Cidadão Kane* (WELLES, 2001 [original de 1941]), que mostra o domínio e manipulação de notícias por parte de apenas um jornal, em uma época em que o papel impresso estava em decadência e o rádio no começo de sua ascensão

ocorrer. Na mesma película, as lembranças atreladas ao rádio também remetem à segunda guerra mundial, quando as notícias eram veiculadas e, muitas vezes, exageradas.

Assim como no caso retratado, na lembrança de I.F., as notícias de Guerra adentravam o imaginário e os sujeitos não sabiam se acreditavam nos acontecimentos. No caso em questão, as pessoas acreditavam em uma invasão alienígena. Dito de outra maneira, a ideia de vida fora da Terra é disseminada de forma aterrorizante em grande parte das vezes, e, ao colocarem “esta invasão” no rádio, para ampla disseminação, o que era um imaginário – teoricamente – se concretizou. O ocorrido adentrou no imaginário dos sujeitos, que chegaram visualizar a “guerra”. Mas, o que ocorreu na ficção também ocorreu, em certa medida, na realidade.

Mesmo que essas notícias parecessem distantes, ter acesso a essa informação aparentava fazer com que os fatos ficassem próximos, como se a(s) Guerra(s) estivesse(m) a ocorrer na própria comunidade, ou no mínimo, pudesse fazer chegar-se até ela. Pelo fato de saber o que estava a ocorrer no resto do mundo as distâncias eram, até certo ponto, suprimidas.

Serpa (2013, p. 179) pondera que “as técnicas influenciam o modo como percebemos o espaço e o tempo, não só por sua existência física, mas também pela maneira como afetam nossas sensações e nosso imaginário”. Mesmo sendo falada por outra pessoa, a notícia fora transmitida inicialmente pelo jornal e, mesmo aí, as noções de “perto” e “distante” já eram nítidas. As outras localidades do noticiário, por não serem efetivamente conhecidas, pareciam próximas, e os acontecimentos pareciam transcorrer-se ali, naquele mesmo instante.

A desconfiança, como salienta na fala, vinha daqueles que eram conhecidos por “beber demais”. Por mais que a notícia pudesse ter certa veracidade, para o indivíduo que a recebe é com uma carga significativa de desconfiança. O conhecimento do lugar é dado pela experiência; se em seu lugar os acontecimentos são divergentes com o do resto da Terra, o sentimento de medo se sobressai.

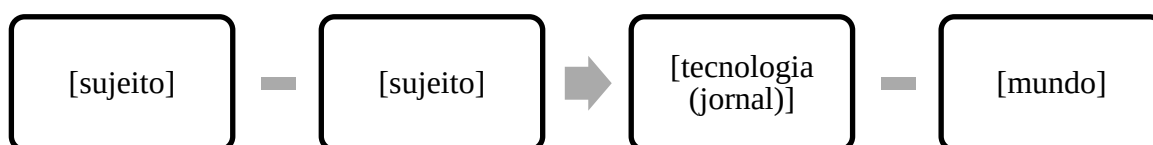
Relativo a esses fenômenos, Oliveira (2014, p. 15) considera que “as dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações”. Para o indivíduo que desconhece o espaço que ouve falar sobre ele, a referência para “vê-lo” é o lugar que ele vivencia. O sentimento do medo pode vir a prevalecer no imaginário, especialmente por se tratar de realidades distintas, tanto na questão de rural e urbano quanto na diferença de países.

De fato, aquilo que é desconhecido aterroriza. O que se conhece, por mais que seja também amedrontador, ao menos é conhecido. Já aquilo que não se sabe concretamente assusta mais do que o que está próximo (TUAN, 2005). Conhecer, seja pela audição, visão, tato, é deixar o desconhecido de lado e enfrentar os medos.

No entanto, o conhecimento de outras realidades transcorreu de forma mais ampla com as tecnologias da informação e da comunicação que proporcionaram uma acelerada veiculação dos acontecimentos do mundo. Na contemporaneidade, quando ocorre um atentado em um local qualquer, em questão de segundos é de conhecimento mundial como um todo, veiculado em rádio, televisão e internet. No entanto, à época que a senhora retrata (começo da década de 1950), na comunidade as notícias eram veiculadas oralmente, por pessoas que iam às cidades e ao voltar, transmitiam o que acontecia além do Temeroso.

Diferente das espacialidades tecnológicas, a espacialidade do “boca-a-boca” se dava com a disposição dos próprios sujeitos. Aqueles que podiam se deslocar ficavam com a responsabilidade de transmitir as mensagens para aqueles que não dispunham dessas possibilidades. E, dessa forma, para alguns, a mediação era feita por um outro. Assim, a relação ocorria conforme revelado na figura 1.

Figura 1: Relação sujeito-mundo com mediação tecnológica e de intersubjetivo.



Org.: FREITAS, J. (2017).

O modo com que a mensagem era (re)passada poderia modificar no processo, o que também gerava desconfiança sobre a veracidade dos acontecimentos. Quando uma mensagem é comunicada, ela é transmitida conforme o entendimento, a interpretação e as intencionalidades do agente transmissor. Quem a recebe também possui intencionalidades distintas, que são influenciadas pelas experiências individuais.

Nesse sentido, ao se (re)passar uma mensagem, ela vai carregada pela compreensão, experiências e pelas intenções do primeiro transmissor quanto daquele que recebeu e a enviou como uma nova mensagem, seguramente modificada, não sendo mais a mesma de anteriormente. A informação transmitida pela oralidade, como as notícias, as histórias, os causos, são importantes pelo diálogo que há entre os sujeitos e pela difusão em uma linguagem próxima, mais conhecida. Com o rádio a necessidade do boca-a-boca foi

parcialmente substituída para notícias com maior potencial globalizante. De acordo com Claval (2010, p. 67),

Con el sombrero cambio en los medios de comunicación, las culturas populares de ayer fueron sustituidas por culturas de masa, en donde la oralidad sigue desempeñando un papel importante, pero donde los medios de comunicación sustituyen – o complementan – las relaciones que se establecían dentro de las nuevas élites dan más posibilidades a las ciencias y a las técnicas de la comunicación que a las creencias religiosas y a las formas tradicionales de la moral.⁴⁵

As afinidades, com a inserção dos meios de comunicação em massa, foram modificadas. Antes uma relação mais pessoalizada, a interação passou a ser mediada por uma “caixa” que falava, gestava medo e encantava ao mesmo tempo. Contudo, a inserção de uma tecnologia mais complexa para a transmissão de mensagens não necessariamente fez com que as relações interpessoais fossem esvaziadas. Como não eram todos que possuíam tal tecnologia, muitas vezes havia visitas nas casas de uns dos outros para escutarem o rádio, ou mesmo para saber as notícias daquele dia.

O acesso à tecnologia da informação e comunicação, para os moradores do Temeroso auxiliou no acesso à outras informações, um contato maior com o mundo. Esse contato é carregado de relações interiores com as relações exteriores, até então desconhecidas.

As estratégias de conexão com o exterior fizeram diferença na formação socioespacial da comunidade. Com o rádio, as notícias começaram a circular de forma mais rápida e a interação com o mundo por meio desta pequena caixa modificou o modo de comunicação e a forma de ver o mundo e, assim, a experiência de lugar. A.B. explicita que,

*O rádio dava muita experiência pra gente.*⁴⁶

A experiência em questão ia para além das músicas e notícias, a interação com o mundo para os *patenses* era uma importante fonte de conhecimento. Ressalta-se que a interação tinha como base um lugar, um momento. Cada um que escuta, que vê, que fala, toma como base o seu lugar, sua referência para o mundo. É esse espaço que virá a ser o princípio para as suas leituras do mundo.

No entanto, à época, o rádio já existia. O sistema de rádio começou a ser construído no final do século XIX. No Brasil, um padre-cientista do Rio Grande do Sul denominado Roberto Landell de Moura foi um dos pioneiros na transmissão sem fio, a conseguir

⁴⁵ “Com o espantoso avanço nos meios de comunicação, as culturas populares de antigamente foram substituída pelas culturas de massa, na qual a oralidade segue desempenhando um papel importante, mas onde os meios de comunicação substituem – ou complementam – as relações que se estabeleciam dentro das novas elites, dando mais possibilidades às ciências e às técnicas da comunicação que as crenças religiosas e as formas tradicionais da moral.” (CLAVAL, 2010, p. 67, tradução livre).

⁴⁶ Diálogo realizado em abril de 2016.

reconhecimento internacional e possuir patentes para o telégrafo sem fio, telefone sem fio e para o transmissor sonoro desde 1904 (ALENCAR; LOPES, s/a). Juntamente com Guglielmo Marcone, italiano que também desenvolveu estudos que viriam a ser utilizados para o desenvolvimento do rádio, o padre gaúcho colaborou para que a tecnologia visse a público poucos anos depois (HAUSSEN, 2004).

A primeira transmissão de rádio no país ocorreu em 1919, em laboratório no município de Pernambuco. Entretanto, foi em 1922, na comemoração do centenário da independência do país que houve sua primeira transmissão pública, realizada no Rio de Janeiro no dia 7 de setembro (MAGNONI; RODRIGUES, 2013). Foi também nessa mesma década que o rádio teve inserção mundial.

Dessa forma, as culturas poderiam ser passadas para outras localidades. A zona rural podia comunicar-se com a urbana através das ondas de amplitude modulada (AM), que atingem maiores distâncias, alcançando o homem do campo. A transferência de informações da cidade para o campo foi também uma forma de conversação entre culturas.

Essa transferência cultural também tem implicações diretas com o lugar. Segundo Marandola Júnior, “é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo” (2014, p. 228). Com a interferência das tecnologias da comunicação e informação, ao transmitir fatos que ocorrem no globo, a experiência de lugar do indivíduo também é alterada de modo a elaborar algumas relações existentes nele, principalmente com relação às expectativas geradas pelo discurso do progresso.

De acordo com Serpa (2013, pp. 171-172), em uma perspectiva fenomenológica, “o lugar é entendido como um fenômeno da experiência humana. Os lugares clamam nossas afeições e obrigações, conhecemos o mundo através dos lugares nos quais vivemos”. O lugar é a referência de como é visto o mundo, compreendido as relações com o outro, com o exterior ao indivíduo.

Em uma sociedade altamente tecnológica, a convivência com vários lugares diferentes é comum, e assim pode alterar o modo com que se coopera com outros sujeitos, sejam eles vizinhos ou desconhecidos. Esta concepção coaduna com o pensamento de Ihde (1990, p. 44), “our perceptions are not naked, but mediated. We see by means of first optical and then radio, spectrographic, and other technologically embodied visions (or hearing, or touch)”⁴⁷. A percepção mediada pela tecnologia é diferente do que seria se não existisse nenhum tipo tecnológico na relação sujeito-mundo.

⁴⁷ “Nossa percepção não é nua, mas mediada. Vemos pelo meio ótico e radial, espectrográfico, e outras visões corporificadas pela tecnologia (ou audição, ou toque)”. (IHDE, 1990, p. 44, tradução livre).

Essa relação mediada por artifício ocorre de diferentes formas, sendo ela corporificada e mediada. Ao utilizar um determinado tipo de tecnologia, influi no modo com que cada indivíduo vê o mundo, e é diferenciado. Em verdade, dois sujeitos veem uma mesma realidade de forma distinta (TUAN, 2012). A visão de mundo depende do ambiente em que as pessoas estão inseridas, bem como o grupo que eles vivenciam.

A comunicação em massa, nessa lógica, proporcionou também maiores possibilidades de hegemonia e controle por parte do governo. Getúlio Vargas, por exemplo, utilizou-se do rádio para construir seu mito de “pai dos pobres”, assim como o ideário estadonovista, na modernização do Estado Brasileiro (NASCIMENTO, 2006). Em 1935 criou a “A Hora do Brasil”, programa com uma hora de duração de segunda a sexta-feira com noticiário oficial do governo (NASCIMENTO, 2006). O programa ainda permanece até os dias atuais (2017), sob a alcunha de “A voz do Brasil”, transmitido obrigatoriamente por todas as rádios do país.

No Temeroso, o rádio apareceu apenas na década de 1950, quando a televisão já iniciava sua inserção na casa de milhares de brasileiros. A chegada do rádio é descrita por E.A.,

*Rádio mesmo, cê vê que, foi em 50 em poucos, não lembro direitinho não. Mas eu lembro mesmo, que o primeiro rádio que chegou aqui era uma bateria, desse tamanho assim *gesticula o tamanho*, meia quadrada, bateriona grande, um rádio de duas faixa, não lembro a marca, Depois era um de quatro faixa, aí nós tava com tudo num radião quatro faixa, e pilha né, aí já passo pra pilha. Aí começou né...⁴⁸*

Na época, a energia elétrica não havia sido instalada na comunidade de Temeroso e o uso do rádio era limitado à bateria. Segundo os relatos, a bateria durava cerca de três meses, mas quando acabava logo iam para a cidade próxima comprar uma nova. Alguns anos depois, com o rádio a pilha, os moradores não faziam poupança na compra do objeto, dada sua importância.

Na mesma fala E.A aponta que ali foi justamente o local que tudo começou., As relações com as tecnologias da comunicação e informação começaram a ser elaboradas. As distâncias ficaram diminutas, com a comunicação e informação dentro da comunidade, mesmo que poucos tinham, na época, o acesso pessoal ao rádio.

Nesse olhar, surgiram novas relações campo-cidade, com o campo um pouco mais dependente da cidade, na medida em que determinados produtos só poderiam ser adquiridos em mercados citadinos, já que ainda não existiam mercados próximos à comunidade, como na contemporaneidade. As novas descobertas no meio urbano foram essenciais para as dinâmicas radiofônicas. A importância do rádio é explicada por C.G.,

⁴⁸ Diálogo realizado em abril de 2016.

*Cabava a pilha ia até Ituiutaba buscá pilha, mas não ficava sem escutar o radinho*⁴⁹.

Como em Gurinhatã os locais comerciais de venda eram restritos, as pessoas percorriam cerca de 80km para Ituiutaba, onde compravam mantimentos, no caso, principalmente, pilhas. Antes, quando iam à cidade geralmente o jornal era comprado, porém, com o rádio, a compra de pilhas era fundamental para que pudessem continuar a ouvir músicas e receber as notícias sem interrupções inoportunas.

O modo de vida, nesse sentido, foi modificado pelo uso da tecnologia. O dinheiro que anteriormente seria empregado em algum mantimento, com o rádio fora transferido para a manutenção do aparelho, já que tal questão aparentava ser mais importante no momento. Se manter tecnologicamente atual começou a fazer parte das disputas emergentes entre a comunidade. A nova descoberta inflamou novas lógicas e adentrou no imaginário dos sujeitos. A funcionalidade do aparelho era um dos principais mistérios. C.G. conta seu primeiro contato com o rádio,

*Quando eu vi pela primeira vez, foi quando meu pai comprô, devia ter era uns 8 anos, lembro até a marca do rádio, era Tracicap, aquilo para nós foi uma festa, eu e os menino, quando chegou ali pra nós que ligou aquele trem falando nós ficou tudo arredo daquele caixote ali falando. Isso tá saindo de dentro desse caixote? Tem gente aí dentro? Nós tocava até de roda para ouvi, pra vê se tinha gente, como é que cabe gente aí para fala? Num caxotinho desse?*⁵⁰.

Para aqueles que nunca viram uma tecnologia mais complexa, especialmente as crianças, o rádio funcionava por uma espécie de magia. Para eles, existiam pessoas dentro da caixa e delas somente se ouviam vozes potentes que cantavam belas músicas e passavam as notícias sobre o mundo para além de suas porteiras.

Essa fascinação pela tecnologia ocorre desde as primeiras formas, quando vem a conhecimento mais tardiamente. Além disso, em seus primeiros usos, a tecnologia pode parecer mágica, o que pode vir a esconder suas verdadeiras intencionalidades. De acordo com Ihde (1990, p. 102),

Fascination may hide what is reductive in technological selectivities. But it may also hide, doubly, a second dimension of an instrumental intentionality, its possible dissimilarity direction, which may often prove in the longer run the more interesting trajectory of development⁵¹.

⁴⁹ Diálogo realizado em março de 2016.

⁵⁰ Diálogo realizado em março de 2016.

⁵¹ “Fascinação pode esconder o que é redutivo na seleção tecnológica. Mas isso pode também esconder, duplamente, uma segunda dimensão de uma intencionalidade instrumental, sua direção possível de dissimilaridade, que pode, frequentemente em longo prazo, provar uma trajetória mais interessante de desenvolvimento”. (IHDE, 1990, p. 102, tradução livre).

O pensamento de Ihde nos lembra a 3ª lei de Clarke: *Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da mágica*. O rádio, principalmente pelas crianças e por aqueles que o conheceram quando mais velhos, era tratado como algo mágico até que se instalou permanentemente nas entranhas do cotidiano.

Essa tecnologia em específico, no primeiro olhar servia para informar e transmitir música. Mas, a instrumentalização dela se mostrou posteriormente em outras razões, como a de dominação sociocultural e iniciou o que hoje conhecemos com tecnologias da informação e comunicação. O uso tanto do rádio quanto de qualquer outra tecnologia modifica também sua intencionalidade.

Como “toda percepção é uma comunicação ou uma comunhão, a retomada ou o acabamento, por nós, de uma intenção alheia ou, inversamente, a realização, no exterior, de nossas potências perceptivas é como um acasalamento de nosso corpo com as coisas” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.429), há uma corporeidade fundamental na relação perceptiva que se estabeleceu pelo uso do rádio. As intencionalidades efetivadas pelas consciências dos sujeitos a partir dali, foram parcialmente alteradas. Em outra configuração, assim como as crianças que crescem hoje com o *smartphone*, aqueles que cresceram “junto” com o rádio não estranhavam tal tecnologia. A convivência com o rádio é lembrada por A.M.,

*Quando eu nasci já existia rádio dentro de casa, que o papai casô e comprô um rádio, já fui crescendo escutando aquilo.*⁵²

Para ela o rádio nunca foi uma tecnologia estranha, pelo contrário, era um objeto que sempre existiu em sua casa, de modo a manifestar uma dimensão espacial e perceptiva específica. A convivência e o reconhecimento de tal tecnologia influenciam na percepção de mundo de cada indivíduo.

Conforme Ihde (1990, p. 93), “perception is primitively already interpretational, in both micro- and macrodimensions. To perceive is already ‘like’ reading. Yet reading is also a specialized act that receives both further definition and elaboration within literate contexts.”⁵³ A percepção, somente se manifesta em duas frentes: microdimensional e macrodimensional. Conquanto a primeira se efetiva no campo prioritariamente individual, a segunda se refere às dimensões (inter)corporificadas, entre sujeitos. A interpretação de mundo se revela por meio das percepções de cada indivíduo, sendo diferenciadas para cada um, de acordo com suas vivências e construções socioculturais.

⁵² Diálogo realizado em março de 2016.

⁵³ “A percepção já é primitivamente interpretativa, tanto em micro- como em macrodimensões. Perceber já é como ler. No entanto, a leitura é também um ato especializado que recebe mais definição e elaboração dentro de contextos alfabetizados”. (IHDE, 1990, p. 93, tradução livre).

Diferente do diálogo de C.G. o contato desde o nascimento de A.M. fez com que a presença daquele tipo de tecnologia fosse comum. Uma vez que a tecnologia é conhecida, torna-se parte do cotidiano e do vivido do indivíduo, a deixar de ser estranha, que não pertence àquele ambiente. Especialmente, isso manifesta-se na gênese de lugares familiares em que há associação perceptiva com o artefato determinado.

Para além dos impactos tecnológicos causados, o rádio também possibilitou que analfabetos pudessem saber das notícias. Anteriormente à chegada do rádio, a comunicação era realizada apenas por jornais. E com o acesso escolar a população do Temeroso pôde se informar por essa mídia, caso excepcional no interior brasileiro.

O rádio transformou o cotidiano e a forma de comunicação da sociedade brasileira, a ocorrer também na comunidade do Temeroso. Para além da festa os sujeitos passaram a se reunir também para escutar o rádio. I.F relembra que:

O rádio eu escutá eu já tava moçona já, não conhecia rádio. Eu já tinha lá meus 20 e poucos anos né. Assim para escutar mesmo de pertinho, foi o Basilino que comprou o rádio né. Nois ia para lá assistir novela, assistir benção do padre Antonio, do padre Donizete, nois ia pra lá. Mas o primeiro que comprou rádio mesmo foi o Basilino né. Juntava muita gente para escutar. Porque lá todavida o povo gostava demais de ir lá. A casa lá recebia muita gente, era bão demais. Era o lugar de encontro do povo. Como diz os outro, Ia lá no Arante, passava, vinha aqui no Gurinhatã, né, faze compra né, passava tudo lá.⁵⁴

Mais do que na festa, a reunião para as novelas e missas era de grande importância para o estabelecimento de laços cotidianos recorrentes. Quando poucas famílias tinham o rádio, geralmente aquelas que se deslocavam com maior frequência para a cidade, as reuniões ocorriam nas casas das mesmas, que se transformava em locais de referência para os vizinhos. No entanto, quando cada família tinha seu rádio, os horários das visitas foram modificados pelos horários dos programas que passavam nessa mídia. Assim, a lógica espacial da campesinidade é reproduzida também na adição do elemento tecnológico rádio.

Com a metamorfose tecnológica, as rádios FM (frequência modulada) possibilitaram rádios de base local, já que operam com ondas curtas, mas com qualidade de som sensitivamente mais elevada. No entanto, no rural, principalmente nos lugares mais longes da cidade, a rádio AM (amplitude modulada) foi e é a mais bem aceita, primeiro por que algumas transmissões FM nem chegam ao local e, segundo, pelo fato público aderir melhor à primeira tipologia de transmissão.

O lugar é alcançado pelo rádio. O rádio começa a integrar parte do lugar e ele efetiva o lugar na medida em que proporciona relações sociais entre o local e o global. Como elaborado

⁵⁴ Diálogo realizado em março de 2016.

por Haesbaert (1999), a globalização não mata os lugares, pelo contrário, ela os intensifica, visto que podem se tornar elementos importantes de idiosincrasias a serem apropriadas pelo capital. O lugar está ligado a cada indivíduo de formas diferentes, cada um o sente e o compreende de diferentes formas.

O nível de tecnologia que os sujeitos possuem também faz diferença. A experiência de uso de um martelo é diferente do uso do computador. Os níveis tecnológicos, além de serem mais complexos, também se diferenciam em seus usos. Com o modo de ver o mundo alterado, seu lugar também o é visto que suas percepções vão ser diferenciadas.

Para Buttimer (1985, p. 177), as modificações tecnológicas e econômicas de redes “nem sempre solaparam o sentido de lugar; até mesmo as populações tecnologicamente sofisticadas e urbanas têm identificação territorial”. Isso se manifesta porque mesmo que haja influências nos modos de comunicação e na forma como é vivenciado o mundo. O indivíduo necessita de uma identificação com algum espaço, as alusões que ele toma para outros espaços são antes vividas em um lugar que ele tomou para si. Conforme fala de outra moradora,

*A gente vê o mundo, as notícia tamém no rádio. As coisas ruim que aparece no rádio tamém.*⁵⁵

As notícias, sejam boas ou ruins, veiculadas no rádio influenciam no modo em que o indivíduo vê e experiência seu lugar. O que é ruim, associado principalmente à violência **também** aparece no rádio e se contrapõe às coisas boas que, para os sujeitos, se manifestam principalmente a partir das músicas, dos recados de aniversários e outros.

O **também** da fala pode remeter à proximidade com a realidade vivida pelo indivíduo, dos acontecimentos do dia-a-dia que no rádio é posto em evidência. Ainda que seja transmitida uma parcela do que ocorre no globo, a depender da estação, do programa sintonizado, para o indivíduo, o que é de “fora” para ele é o mundo, mas um mundo que ele pode experienciar e viver em suas capacidades mediativas.

O indivíduo, ao mesmo tempo em que está presente em sua casa, carro, trabalho, ao sintonizar em rádios de outras localidades, vive também aquela realidade transmitida. Ela é parcialmente experienciada, conhecida por meio da audição e reconhecida em seu imaginário.

Vê-se necessário entender as diferenças entre o impacto das notícias transmitidas por outros sujeitos com aquelas que eram veiculadas diretamente pelo rádio, com a intervenção tecnológica. Visto que compreende-se que, conforme Relph (2014, p. 22, grifo nosso),

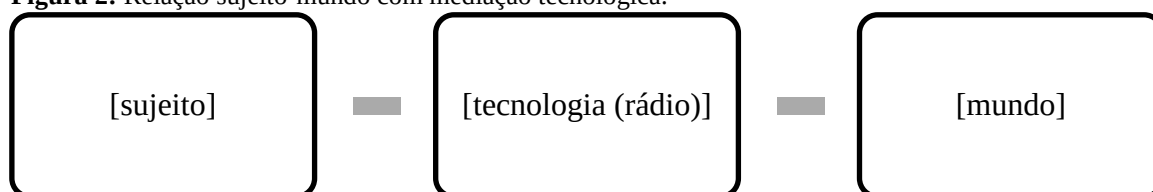
⁵⁵ Diálogo realizado em abril de 2016.

“geografia como estudo de **lugar** baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo”.

Mesmo as notícias ruins quando prestadas por pessoas que leram o jornal ou ouviram rádio na cidade, quando diretamente transmitidas pelo locutor o impacto é maior no ouvinte. O indivíduo do dia-a-dia, ainda que conhecido como aquele que transmite, é “especialista”, o discurso é outro. Nesse sentido, aquele que ouve, tem sua confiança naquele que fala, se esta não se mostrar confiável, a fala perde seu sentido (FOUCAULT, 2012).

A relação com o mundo é, assim, metamorfoseada. Ele parece, contraditoriamente, mais próximo e mais distante concomitantemente. Além disso, o conhecimento do que ocorre fora de seu lugar muitas vezes fortalece os vínculos com ele. A experiência de mundo é intermeada pela tecnologia, antes pelo jornal, agora pelo rádio, depois televisão e, mais recentemente, pela internet quando ele tem acesso. Com essa tecnologia a relação é parcialmente linearizada com explicado na figura 2.

Figura 2: Relação sujeito-mundo com mediação tecnológica.



Org.: FREITAS, J. (2017).

Ihde (1990) aborda 4 tipos de mediações tecnológicas: *Embodiment relations* (relações corporificadas); *Hermeneutic relations* (relações hermenêuticas); *Alterity relations* (relações de alteridade); *Background relations* (relações de pano de fundo). Cada uma dessas relações tem suas particularidades e interferem no modo com que o sujeito se relaciona com o mundo. Cada tipo de mediação envolve um nível de complexidade deferente com o sujeito, mas em todos os casos leva-se em consideração a percepção dele perante o mundo.

Mundo, entendido na concepção fenomenológica, segundo Holzer (2014, p. 290), “está na essência do significado de todas as coisas, ele se remete diretamente ao ser que se dirige às coisas e se interroga sobre seu sentido. ‘Mundo’ para a ciência geográfica também deve ter esse sentido essencial” (HOLZER, 2014, p. 290). A singularidade de cada indivíduo pertencente à aquela sociedade interfere na forma como ele percebe esse cosmo denso.

Próximo ao pensamento de Holzer (2014), Buttimer (1985, p. 172) já apontava que “*Mundo*, para a fenomenologia, é o contexto dentro do qual a consciência é revelada”.

Mundo, neste posicionamento, é onde ele manifesta suas intencionalidades, relações, vivências, onde encontra outros lugares diferentes de seu lugar. A concordar com essas concepções, entende-se como fundamental compreender como e até que ponto a tecnologia se relaciona com o indivíduo e modifica sua percepção; de modo a alterar sua relação com seu lugar.

Outrossim, conforme Relph, (2014, p. 31),

Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico. Mas é também econômico e social, pois em toda parte estamos presos em maior ou menor grau nas forças neoliberais e da globalização. É o caso das comunicações eletrônicas que não conhecem fronteiras.

As implicações da globalização econômica e cultural sobre os lugares íntimos são inúmeras. Mas, os efeitos podem ser tanto positivos quanto negativos. Com a ampliação das tecnologias da informação e comunicação, mesmo os lugares “esquecidos” podem vir a serem conhecidos. E, ao mesmo tempo, os sujeitos que se deslocaram de seus lugares têm possibilidade de continuar a reproduzir suas lógicas com a difusão e distribuição dessas tecnologias.

Nesse olhar, é importante buscar quais são as principais emissoras de rádio que eram e ainda são escutadas no Temeroso, bem com as dinâmicas que elas instauram para seus ouvintes. Como se revelam as escolhas para as estações de rádios? Quais eram os principais programas escutados pelos moradores do Temeroso? Como se davam as propagandas e como elas se resvalavam no lugar Temeroso?

CAPÍTULO 2: DINÂMICAS RADIOFÔNCIAS E ESTRATÉGIAS DO/NO LUGAR TEMEROSO

O rádio, já o dissemos, ao adentrar os espaços da comunidade Temeroso, estabeleceu novas organizações socioespaciais que privilegiasse a tecnologia. Para ilustrar, a forma que as visitas, as reuniões passaram ocorrer estavam ligadas também à presença e audição de tal artifício. No entanto, com o rádio outras lógicas adentraram as casas da comunidade.

A escolha da estação de rádio se dava pela qualidade da recepção, que nem sempre era boa; pela programação que a rádio fornecia; pela realidade que ela apresentava. Dessa forma, mesmo que as rádios alcançassem o Temeroso, quem escolhia se ouvia ou não era, e ainda é, o próprio indivíduo de acordo com suas experiências anteriores e que foram adquirindo ao longo de sua vivência com o aparelho.

Como as rádios com alcance nacional tinham maior poder de recepção, eram as mais escutadas no começo da era do rádio; Tal fato ocorria com as transmissões na comunidade, o que proporcionava informações mais generalizadas que nem sempre encontravam afinidades com aquela realidade de Temeroso. Com a inserção das rádios a nível regional, nas proximidades do município de Gurinhatã, as escolhas para audição se diversificavam e a troca das estações começou a ser mais comum, realizada de acordo com a programação.

Essa, inclusive, era influenciada pelos horários que condiziam com o cotidiano dos sujeitos, de forma geral. Além da dinâmica global para o local também pôde ser encontrada a dinâmica vice-versa, seja pelos recados, seja pela incorporação do rádio na *internet*, mais contemporaneamente. Dessa forma, cabe compreender como essas lógicas se instauraram na comunidade Temeroso e como ela, na contemporaneidade é vista por aqueles que a vivenciaram.

Influências nacional, regional e local: discursos no rádio e suas propagandas

Em um mundo em que prevalece a convivência entre vários mundos dentro de uma pequena caixa de Pandora denominada *Internet*, os discursos veiculados são inúmeros, das mais diversas fontes. São dos jornalistas e dos especialistas, mas também das *bloguers*⁵⁶, *instagramers*⁵⁷, *facebookers*⁵⁸, *twitters*⁵⁹, *youtubeers*⁶⁰ e dos usuários das redes sociais, sejam por meio de *posts* ou comentários.

⁵⁶ Nomenclatura para pessoas que possuem blogs pessoais.

⁵⁷ Usuários/influenciadores digitais que utilizam como base de veiculação a mídia social *Instagram*.

⁵⁸ Usuários/influenciadores digitais que utilizam como base de veiculação a mídia social *Facebook*.

⁵⁹ Usuários/influenciadores digitais que utilizam como base de veiculação a mídia social *Twitter*.

O intercâmbio de informações por essas duas mídias é mais demorado e selecionado por quem está no domínio da função, seja apresentador televisivo, seja radialista, que, por vezes, buscam em especialistas as informações que lhes interessam. O nível de influência que é transmitida para os usuários do rádio e da televisão é mais “relevante” do que aquele da *internet*, já que o mesmo não tem a interação rápida.

Por mais que da *internet* haja um número mais elevado de fontes influenciadoras, as escolhas dos usuários são mais diversas do que no meio radiofônico e televisivo. A globalização chega, enfim, no nível individual, e não apenas político e econômico. Tal reformulação socioespacial também influencia na percepção de mundo do indivíduo, uma vez que o fluxo de informações distintas aumentou consideravelmente e, em consequência interfere no modo de ver, de entender e interpretar os espaços no qual se está inserido.

Na alvorada da era de ouro do rádio um dos momentos mais marcantes no mundo foram os discursos transmitidos por ele de Hitler na Alemanha. Eles disseminaram mais sua lógica dominante e tomaram proporções drásticas espalhando a morte, perseguição e a guerra em alguns países. Por meio dessa mídia, em específico, foi possível atingir várias pessoas e convencê-las por meio de seus medo.

No entanto, tais questões são ainda mais intensificadas. O interessante é que, mesmo em um mundo mais diverso, o discurso por ele propagado poderia ter o mesmo efeito se fosse transmitido na atualidade. Em *Ele está de volta*, um filme-documentário em que retrata ficcionalmente o retorno de Hitler nos dias atuais, muitas pessoas demonstram seu apoio a ele sem saber que se trata de um filme, visto que o personagem Hitler é apresentado como um grande astro de um programa de televisão com seu discurso selvagem e categórico.

Não é de se admirar que os discursos de ódio tomam conta das pessoas tanto quanto os que representam uma visão alternativa da realidade. O domínio da informação seja por qualquer parte da sociedade desenvolve sentidos de poder, que podem ser intensificados pelo domínio midiático. No rádio, tais configurações também são reconhecidas.

O programa a *Voz do Brasil* (antes a *Hora do Brasil*) está no ar há mais 70 anos e obrigatório para todas as rádios entre as 19h às 20h. Anteriormente era o horário que as pessoas se reuniam para jantar, já na atualidade muitas pessoas estão no trânsito, especialmente nas grandes cidades, o que também favorece na audiência (ainda que menor do que já foi) do programa.

⁶⁰ Nome para pessoas que são *vlogueiros* e utilizam o *youtube* como base de divulgação de informações pessoais.

A *voz do Brasil* era um dos programas mais escutados no Temeroso e na contemporaneidade algumas pessoas ainda param seus afazeres para escutar as notícias do governo e do Brasil via esse “canal”. O horário favorece (propositalmente) quem trabalha na roça e cuida da casa, pois é considerado momento de descanso, quando a família se reúne para escutar as notícias diárias. Independe da rádio sintonizada, o programa a ser ouvido é ele. S.A. comenta que,

*O Jornal Nacional de hoje era a Voz do Brasil, . Falava Voz do Brasil, era as sete hora, Era esse horário mais ou menos..*⁶¹

A comparação da Voz do Brasil com o conhecido Jornal Nacional da Rede Globo, é sintomática da importância de tal programa para a época. Mesmo que tenha sido constituído como um veículo midiático do governo, os usos do mesmo transformaram suas intencionalidades, uma vez que quem escutava tinha seus propósitos e capacidades interpretativas.

Nas décadas iniciais do rádio na Comunidade as estações mais sintonizadas eram as *Rádio Nacional* de São Paulo e *Rádio Globo* do Rio de Janeiro, ambas com comprimento de onda em formato AM. As duas conseguiam alcançar grande número de municípios, especialmente aqueles mais afastados dos grandes centros, como no caso de Gurinhatã-MG. B. comenta que,

*Tinha os pograma sertanejo a noite né, na rádio nacional de São Paulo, eu lembro direitin, nois era minino e eu lembro disso. Tinha os pograma sertanejo, tão geralmente a pessoa vinha durmi na sua casa pá escuta, aquilo. Começava a toca, aquilo das oito e meia, aquilo ia até 10 horas da noite, 10 hora. Sai uma dupla sertaneja, entrava outra né. Ii, eu lembro direitinho. Então acontecia isso. Das pessoas irem nas casa pá, que, geralmente quase, pouca casa tinha rádio, né?*⁶²

Os programas sertanejos, de músicas, figuravam entre os preferidos da população do Temeroso, uma vez que remetiam aos bailes e festividades. Eles se reuniam nas casas que tinham rádio para ouvirem seus programas preferidos com as músicas que eram associadas às suas realidades. Tanto a rádio Globo quanto a rádio Nacional, por se tratarem de rádios nacionais, não transmitiam notícias ou recados que atendiam às especificidades do lugar. Mas a influência que exercia era nítida, uma vez que as notícias, sendo globais, adentravam o imaginário dos sujeitos, por mais que tal fato não ocorresse diretamente no Temeroso, ou mesmo em Gurinhatã. S.A. revela que,

⁶¹ Diálogo realizado em março de 2016.

⁶² Diálogo realizado em abril de 2016.

*Ouvia muito! Rádio Nacional, A gente ouvia muito a Rádio Nacional, Rádio Tupi, A Rádio Record, maí a gente, A rádio Capital, Maí, Maí mêmo era a Rádio Nacional, Sei nem falá comé que a rádio é hoje, Ainda tem, Maí a Nacional que nem num existe mais, Maí a Bandeirante, A Record, As rádio ainda tem lá em São Paulo, Então essa Nacional que nós escutava antigamente, Um tal de Zé Bétio que trabaíava nela,*⁶³

As rádios de São Paulo eram as mais captadas, já que eram as que possuíam maior capital investido para que pudessem chegar em mais distantes residências brasileiras. Dessa forma, a emissora principal era a Rádio Nacional, de presença significativa nas lembranças por meio do Zé Bettio, que possuía um programa matutino voltado em particular para os sujeitos do espaço rural.

Além disso, as músicas os atraíam para que pudessem se reunir em torno do rádio para ouvirem as canções que mais lhes eram convidativas. Além delas, a sintonia do aparelho também parava na Rádio Aparecida, localizada em São Paulo, comandada pela Igreja Católica, que transmite notícias e programas relacionados à mesma, como missas, rezas etc. Fatos da vida pessoal I.F os associa a Rádios que escutavam com frequência:

*Depois que eu casei, o João era muito católico, essa rádio de Aparecida ele assistia todo dia, na rádio Aparecida, esses dias passo o aniversário dela né. A tv é novinha, mas a rádio é antiga*⁶⁴.

A rádio Aparecida AM começou as operações no ano de 1951 com a finalidade de evangelizar por meio de uma programação com formação cristã (RÁDIO APARECIDA, 2016). Tal rádio tem frequência AM 820 khz, com programação baseada em missas, orações e músicas voltadas para o público predominantemente católico. Mais recentemente, a rádio também possui uma frequência voltada para o público mais jovem, com música pop (Rádio Aparecida FM 909). Além disso, pode ser ouvida por meio da *internet* e aplicativos que possibilitam a sintonização.

Como o Temeroso é uma comunidade religiosa, várias pessoas sintonizavam seus rádios na frequência da Rádio Aparecida, o que supria a liturgia religiosa, quando não havia padre disponível para ir à comunidade para rezar as missas. Na comunidade do Temeroso o rádio também possibilitou a reprodução de lógicas religiosas e espirituais que já faziam parte da cultura da população.

Próximo ao final do século XX as rádios sintonizadas começaram a se regionalizar e as principais foram as localizadas no município de Ituiutaba-MG. Duas rádios das mais sintonizadas eram as rádios *Platina AM* e *Cancelli AM*. A primeira parou suas atividades no

⁶³ Diálogo realizado em abril de 2016.

⁶⁴ Diálogo realizado em março de 2016.

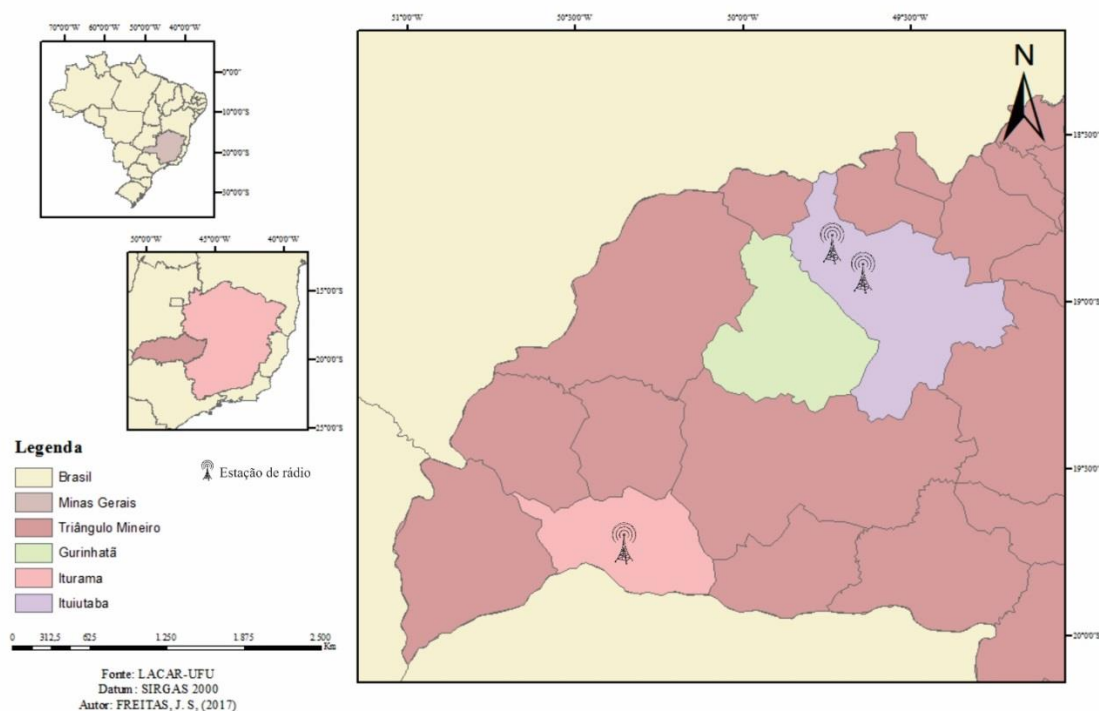
começo da década de 2010 e a segunda ainda é uma das mais ouvidas pelos *patenses*. A mesma I.F detalha as rádios favoritas:

Aqui também o povo escuta a Cancell, mas agora tem aquela outra, a Interativa, passo na frente da Cancell. Mas ela ainda passa muita notícia, propaganda, mas a Interativa agora tá em primeiro lugar. Quando você que tá na rádio de Ituiutaba tá na Interativa né. Antigamente tinha a Platina, mas a Platina era fraca, aí eles pois a Cancell com mais potência né, agora tem essa Interativa também né. Mas quando eu ligo eu coloco na Cancell mesmo. A gente tá acostumada com os locutor né, com as voz dele, da Interativa não tá. É muita comunicação agora .⁶⁵

Segundo I.F. a substituição da rádio Platina pela rádio Cancell (AM 720), ocorreu pela força de transmissão, que a sintonização da Cancell é melhor do que era a da rádio Platina. Várias pessoas do Temeroso, principalmente os mais velhos, dizem gostar mais da rádio Platina que da rádio Interativa (FM 101.3), que, conforme ela, tem ganho muita audiência nas residências mais contemporaneamente. Além dessas, que se localizam em Ituiutaba-MG, têm-se a rádio Clube (FM 100.9), localizada no município de Iturama-MG, que alguns moradores também escutam conforme é disposto no mapa 2.

Mapa 2: Localização regional das principais estações de rádio sintonizadas pelos moradores da comunidade Temeroso.

Localização regional das principais estações de rádio sintonizadas pelos moradores do Temeroso



Fonte: LACAR, UFU
Org.: FREITAS, J. S. (2017)

⁶⁵ Diálogo realizado em março de 2016.

As três (*Cancellata, Interativa e Clube*), por se tratarem de rádios de enfoques regionais, possuem uma programação que atende ao homem e à mulher do campo, a considerar seus horários de trabalho e lazer. Nesta lógica, o direcionamento discursivo fica explícito para os sujeitos. Como as rádios se localizam e abrangem municípios com tradição rural, a programação diversa, mas focada em músicas sertanejas – universitário e de raiz –, também possibilita maior aproximação com o público alvo.

No município, até o final do ano de 2016, havia uma rádio comunitária localizada no núcleo urbano de Gurinhatã. Tal rádio tinha 14 anos de existência e funcionava como porta voz dos moradores do município. Como era uma rádio comunitária, na comunidade do Temeroso apenas aqueles que tinham acesso à *internet* podiam acessar a rádio (aproximadamente 5). Rememora, I.F as lembranças desta Rádio:

Começo uma radinha engraçada, eu morava aqui, aí tem uns radinho aqui, aí o João ligô, falando, "Novo Horizonte de Gurinhatã" né. Começo lá na casa de construção, o dono era o Jair, sócio, o filho dele que arrumô só com um computador e já tava pegando os rádio né. Agora, ele já morava ali mesmo, pegou e mudou pra cá. Agora ela vai longe né, ela vai bem longe né, Suspenderam a antena lá.

A descoberta da rádio “Novo Horizonte de Gurinhatã” pela interlocutora foi um acaso, na tentativa de sintonizar o rádio. No entanto, ela conta que de vez em quando ela ainda escutava a rádio e que várias pessoas da cidade a sintonizam a fim de obter as informações sobre a sua comunidade. A rádio comunicava o próprio lugar de forma a interferir a realidade vivida. Segundo o antigo coordenador da Rádio Novo Horizonte,

Mas graças à Deus, temos, tamo cum 14 anos agora no ar, sem nenhuma interrupção, sem nenhuma interrupção nesses 14 anos, e nunca tivemos problema com algo que regulamenta, que é a Anatel, nunca tivemos porque, sempre estamos em dias né. E, então esse é o trabalho da Novo Horizonte aqui em Gurinhatã. E sempre quando há algo de novo, ou algo que seja de interesse pra população, nois chamamo isso de, são as nossas institucionais, e, veiculamo como utilidade pública né, veiculamo como utilidade publica, até pra que o povo fique sabendo,né E, é um prazer pra gente. Isso é o amor da minha vida. É a rádio Novo Horizonte como também eu escolhi um lugar tão pequenininho de onde toda vida fui, vivi muitos anos fora, mas retornei a minha vida pra essa pequena, pacata e humilde cidadezinha do pássaro azul⁶⁶.

A rádio, além da programação religiosa, era voltada também para as pessoas que moravam nas fazendas mais próximas da cidade. As músicas veiculadas eram principalmente do gênero sertanejo, dada à preferência por este gênero do município. Por ter hospedagem na internet, muitas pessoas que eram de Gurinhatã, mas que mudaram para outros locais também

⁶⁶ Diálogo realizado em março de 2016.

acessavam a rádio para se informarem sobre o município. Infelizmente, a Rádio parou suas atividades em 2016 conforme já mencionado.

Serpa (2013, p. 171), aponta que, “se considerarmos que sempre agimos a partir de um lugar e que as ações constituem um enredo, uma enunciação, então todos os lugares são lugares da enunciação, base para a reprodução do vivido e para a realização das práticas espaciais”. Nossos lugares são bases de enunciação, de comunicar o vivido, o cotidiano. As rádios locais, especialmente as comunitárias, fazem com que os sujeitos possam se inteirarem sobre sua comunidade com mais assiduidade, assim como comunicar-se sobre o que está a ocorrer em seu lugar.

No entanto, no caso do Temeroso, as rádios que são mais sintonizadas são as nacionais e regionais. A rádio Nova Horizonte, mesmo em sua existência, não alcançava os 30 km de distância de Gurinhatã a Temeroso, já que a antena de rádio comunitária é de apenas 1km de raio de alcance. Dessa forma, as rádios são limitadas, confessa o J.D.,

É, Como é que chama lá aquela rádio? Novo Horizonte. É ela. Mas aqui é a rádio que fala memo aí é de Ituitaba né, que abrange mais né. Essa de Gurinhatã, tem lugar aqui nesses pastos nosso que não pega. E a de Ituiutaba não. Também tem a Cancellá, como tem uma outra lá. Tudo é boa de comunicação.⁶⁷

Não apenas as localizações das antenas de rádio influenciam nas sintonizações, como também a localização da própria residência. Por causa das serras no município de Gurinhatã muitas casas ficam sem a cobertura de determinadas emissoras. E, em algumas localidades, é mais difícil a transmissão de algumas rádios do que em outras.

Mesmo que existam algumas rádios nacionais, a preferência é pelas rádios regionais. Isso se dá pela sintonia de melhor acesso e pelas notícias, recados e propagandas que dizem respeito a um universo conhecido e são mais interessantes para os sujeitos que as escutam.

As estações escolhidas, por serem regionais transmitem notícias mais próximas da realidade dos moradores do Temeroso, mesmo que não sejam focadas na comunidade em si. A localização de rádios nas proximidades corrobora para a informação que trata do conhecido regionalmente. Mafessoli (2008, p. 21) realça o entendimento da informação e o informar:

Informar significa ser formado por. Trata-se de forma que forma, a forma formante. Quer dizer que numa era da informação, talvez a de hoje, não se pensa por si mesmo, mas se é pensado, formado, inserido numa comunidade de destino. Vale repetir: a forma é formante. A informação também liga, une, junta.

As informações passadas pelas rádios possuem intencionalidades diferentes daquelas dos ouvintes. Por vezes, estão mais relacionada com o domínio da informação do que o

⁶⁷ Diálogo realizado em abril de 2016.

repassa dela em si. As intencionalidades hegemônicas para/com os sujeitos produzem feitos discursivos que são primordiais na compreensão das dinâmicas sociais do Temeroso. As diferentes emissoras de rádios que penetram os eletrônicos dos *patenses*, em conjunto, adentram os imaginários dos sujeitos com notícias de outras localidades, a produzir diversas emoções ao cogitar de encontrar novos mundos.

Raffestin (1993, p. 209), discorre que “a informação, composta de mensagens, é ‘comunicada’ por meios cuja natureza e utilização implicam certa concepção do espaço e do tempo, para a gestão e o controle dos quais a comunicação é indispensável”. Dominar a informação é também mostrar a força-poder. Quem detém aquela determinada informação pode fazer o que quiser com ela. Mesmo o jornal, que chegava no Temeroso os poucos que o liam, demonstravam possuir domínio sobre os demais.

A mensagem, quando transmitida, pode ou não ser decodificada pelo receptor, a depender de como ela é realizada. As informações, dessa forma, são conhecidas de diferentes formas e nem sempre serão a mesma para os sujeitos, já que cada um possui um modo próprio e único de perceber o mundo. A história, seu modo de vida e de ver o mundo também interfere no modo pelo qual se recebe a informação (MCLUHAN, 1974).

Um dos programas mais escutados pelos moradores do Temeroso era a *Voz do Brasil*, e já justificamos ser devido ao horário e a transmissão de notícias e informes que cooperavam para as vivências e alguns sujeitos. I.F. conta que,

A gente ouvia a Voz do Brasil né, aí ele [o marido] dava notícia, que os ôtros num tinha rádio, falava que ele era fazedô de jornal. Quando foi pra nois aposentá, ele punha sentido, tudo direitinho né, aí quando ele aposentô, eu aposentei primeiro depois ele aposentô. Aí eles falava né: é eles falava que o João saia narrando os jornais pro povo né, pegava tudo direitinho aí eles ficava com inveja, de nós dois lá naquele cantinho consegui aposentá. Mas ele tinha um radinho. E punha sentido todinho nas coisas, como era, como que não era, naquele hora a gente aposento pelo sindicato dos trabalhadores né, dava lá um tanto, direto. Aí foi a mão na roda, porque o serviço foi sumindo, como que a gente ia vive, depois não dava conta mais de trabalha, como que a gente ia dá conta?⁶⁸

Com as notícias que eram veiculadas pelo programa, algumas pessoas conseguiam obter informações necessárias para conseguir benefícios, aposentadorias que lhes eram/são de direito. No caso acima, com as informações passadas pelo programa, que na maioria das vezes é visto como um jornal que serve para “flexibilizar” as informações repassadas, tanto seu marido quanto ela conseguiram se aposentar e ajudar na renda familiar, uma vez que não tinham terras e trabalhavam sazonalmente. Sobre tal questão Mafessoli (2008, p. 31) aponta que,

⁶⁸ Diálogo realizado em março de 2016.

A população, mesmo as pessoas mais simples, não é passiva e inventa formas de resistência contra as tentativas de manipulação. É um jogo. Perde-se e ganha-se. A teoria crítica julga que a publicidade e a mídia enganam os seus destinatários. Estes, pontualmente, resistem, deformam, desviam as mensagens.

Mesmo que haja “desvios” de informações das mais diversas formas por parte da mídia, as pessoas as utilizam como acreditam que as convém e que são benéficas a elas. I.F. conta que seu marido sempre tentava compreender os jornais e repassava as informações para os outros moradores do Temeroso.

Ele decodificava a informação e conseguia passar as informações adiante, para aqueles que não possuíam o aparelho ou não conseguiam compreender os informativos passados. Por esse motivo, ele era considerado “fazedô de jornal”, a atuar como um próprio jornalista.

Como a informação para muitos é vista como enganação, várias pessoas achavam que ele estava inventando tais questões, mesmo que fosse o contrário. A desconfiança repousa no fato de que a informação não é passada por aquele que é considerado dono da informação, do especialista. Além disso, segundo Santos (2008, p. 16),

Todo comunicacional pode ser definido como uma forma de recriação de uma dada realidade captada por aqueles que se comunicam, a partir de seus próprios conceitos e preconceitos. Quando alguém formula e transmite uma mensagem, uma informação, faz um recorte da realidade e a recria de acordo com seus princípios. Os receptores procedem da mesma forma, reelaborando os dados que recebem ou percebem (até porque, podem não reparar na mensagem emitida), decodificando-os e reconstruindo-os com os referenciais de que dispõem, de acordo com sua visão de mundo.

Toda mensagem recebida é decodificada pelo receptor de acordo com suas próprias ideias e formulações. A desconfiança dos sujeitos com uma mensagem que possui vários interlocutores é nítida não apenas nesse caso, mas também nos casos de transmissão das informações sobre os acontecimentos do mundo, como no que se refere às Guerras.

O recebimento da informação direta da “fonte” é melhor aceita como acontecimentos verdadeiros, mesmo que ainda haja desconfianças. As desconfianças pelas informações eram inúmeras e só foram sanadas quando várias pessoas passaram a ter aparelhos em suas residências. Segundo I.F.,

*A gente gastava muito com pilha né, mas também sabia notícia, porque depois que a gente tem um rádio, uma televisão, é custoso da gente esquecê daquilo né. Tem um programa ou outro que a gente quer assistir, que tem que assistir.*⁶⁹

Por mais que algumas notícias que eram transmitidas no rádio sejam de caráter sombrio, que eles considerassem ruins, eram informações necessárias que os conectavam ao

⁶⁹ Diálogo realizado em março de 2016.

mundo. O contato com outras culturas, com outras sociedades, (re)produziram efeitos que antes não eram possíveis. O rádio, e depois a televisão, possibilitaram o contato do lugar Temeroso com outros lugares. Segundo Almeida (2009, p. 177),

Revoluções, tanto da eletroeletrônica como da informática, impulsionaram o mundo para ser, ao mesmo tempo, a diversidade de situações no meio das tensões e a aparente homogeneização por meio de alguns mega eventos, grandes acordos mundiais e pela difusão de alguns produtos de consumo de massa.

Mesmo que a globalização pareça homogeneizar os lugares, estes ainda possuem singularidades. As notícias globais e as propagandas difundem produtos de vários tipos produzem efeitos diversos no lugar, entre eles algumas alterações de lógicas que eram realizadas antes da presença de alguma tecnologia da informação e comunicação. Uma das formas mais expressivas da tentativa de homogeneidade por meio de produtos é justamente por meio da propaganda. Tal fato é confirmado por Z.A. que expressa:

Tem uma que nunca esqueci...Chamava Ração Progresso e tinha uma musiquinha que tocava, Lá de Ituiutaba, sabe, Ração Progresso é um sucesso, Assim que começou a ter ração, Tocava a musiquinha fazendo propaganda, né? E tocava uma musiquinha. Aí é que começou o negócio de tratar de vaca, que começou a ração memô, né?

Para vários ouvintes da região que escutam as emissoras de rádio mais próximas se localizam no espaço rural, as propagandas voltadas a eles são inúmeras, especialmente aquelas de implementos agrícolas. Z.A., por exemplo, se recorda nitidamente de uma propaganda da década de 1970/1980, quando introduzem a pecuária leiteira na substituição da agricultura. Ao recordar principalmente da música, demonstra as estratégias que algumas empresas para chamar a atenção dos ouvintes, por meio de elementos lúdicos elas captam a audiência.

Segundo o *patense*, o anúncio influenciou os camponeses a comprarem a ração para cuidar do gado, antes alimentado principalmente com cana. A incorporação desses implementos, dentre outros como veneno para pasto, sal para o gado, influenciou na alteração de seus modos de vida. Com essas estratégias agrícolas, a produção poderia aumentar e, assim, suas rendas com o campo. Segundo J.M.,

Na rádio passava propaganda de trator, de ração, de ajuda pro produtor rural né? Passava pela manhã, na hora da tiração do leite.⁷⁰

O horário das propagandas também era, e ainda são, estratégicos. Na programação da manhã, horário que é geralmente escolhido para a retirada do leite há o momento de

⁷⁰ Diálogo realizado em julho de 2016.

predominância das propagandas voltadas para o campo. Destarte, o público alvo era/é claro, o produtor rural e aumenta(va) as possibilidades de venda dos implementos agrícolas.

Para além das propagandas de produtos agrícolas também há propagandas de carros e casas, em horários conectados com o tipo de audiência para os quais estão voltados a. Segundo J.A.,

Na Cancellia falava era mais Ford. Agora hoje até usina. Fala o dia inteiro na rádio. O rádio, Até os garagerô⁷¹, tudo. Tem um num sei se é que dia. No meio da semana tem um horário que é só de propaganda, Só disso, Cê fala que quer alugar, emprestar, que alugou uma casa, qué vendê? Num paga nada quase num toca música, tem os dia da semana, num sei se é dois dia, . mais a tarde, fica até tarde.
⁷²

Segundo ele, a rádio Cancellia divulga mais propagandas e anúncios na contemporaneidade. Se antes as propagandas eram principalmente das grandes empresas, no momento elas se baseiam tanto em anúncios de emprego, como o da Usina Sucroalcoleira localizada no município de Ituiutaba-MG, e de pessoas que pagam para a rádio para terem seus anúncios divulgados.

Os anúncios são realizados durante a semana, no horário de almoço, das 11h da manhã até às 13h da tarde. Ou seja, são duas horas de programação para a divulgação de vendas de carros, venda e aluguel de casas e, mesmo, anúncios solicitando ajuda para pessoas necessitadas. No horário, tanto o locutor divulga os produtos quanto repassa as informações solicitadas pelas pessoas ouvintes.

Com o rádio, os anúncios foram disseminados e os horários disputados por vários veículos comerciais (MCLUHAN, 1964). As rádios começaram a vender seus horários para grandes anúncios a fim dar continuidade às suas atividades. No entanto, tal fato se manifestou apenas nas grandes rádios. Já em rádios comunitárias, é irregular a cobrança pelo anúncio. Dessa forma, segundo J.,

Tudo que é de interesse pra Gurinhatã, a rádio divulga gratuitamente. Porque na verdade nois nun podemo cobrar a ter comercial. Todos os comerciais que nois tem, éé.. que eu, que eu vi, que são veiculados da rádio, é como apoio cultural, éé, porque, na verdade também o intuito era esse, é de levar a informação, a música, digo de uma forma geral, o entreterimento porque nós somo uma região totalmente rural, né? Onde o pessoal levanta de madrugada, coloca o radinho lá no morão na porteira e vai tirar o leite ouvino a música, hoje temos a facilidade do celular, ele liga pra cá, e pede uma música, e ele tá lá tirando o leitinho ouvino a música dele E tal, então, é isso, então por isso que eu disse no início, que rádio é paixão, é sangue e tal, e não tem nada mais que nós conforta, do que ter um ouvinte na linha, pedindo lá sua música antiga, sua música nova.⁷³

⁷¹ Dono de garagem que vende carro usado.

⁷² Diálogo realizado em março de 2016.

⁷³ Diálogo realizado em março de 2016.

As rádios comunitárias continuam suas reproduções com doações, principalmente. Dessa forma, no caso da Rádio Novo Horizonte, não foi possível manter suas atividades por falta de apoio dos órgãos públicos da cidade, principalmente. Como ela também funcionava via internet, os custos de hospedagem do site também eram onerosos, por mais que ajudasse na ampliação da rádio e fizesse com que mais pessoas acessassem-na.

Fica evidente que o rádio alterou as lógicas socioculturais do Temeroso. As rádios divulgam as notícias e propagam os anúncios que modificaram o lugar. No entanto, mesmo que as lógicas por trás fossem de hegemonização de determinadas informações, de divulgação de produtos comerciais, os sujeitos construíram estratégias que fossem benéficas a eles.

O rádio começou a ficar presente em vários momentos do cotidiano das pessoas, horários que foram estratégicos para formulação da programação radiofônica e na venda dos horários para as propagandas. A presença do rádio, seja ele grande ou pequeno modificou o modo de ver o mundo e de se representar enquanto grupo e indivíduo.

O rádio também propiciou troca de mensagens entre familiares distantes, homenagens a aniversariantes e ainda proporcionou a divulgação do falecimento de pessoas queridas. Sua utilização era significativa para aqueles que viviam no lugar. Nesse sentido, qual foi o papel do rádio nos diálogos do lugar Temeroso? Como o rádio interfere no lugar? Quais eram os principais motivos para recados? Buscaremos estas respostas na seção seguinte.

Recados, aniversários e mortes: o rádio em/com diálogos no lugar

Antes da existência do *Snapchat*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*, os recados, felicitações e avisos de falecimentos eram, e ainda são em algumas partes do mundo, enviados via carta, rádio, dentre outros meios. Considerando que o espaço é dinâmico e denso em diferenças, devemos considerar que, em nossa sociedade existe diversificação acentuada entre os meios de comunicação e que, os avanços tecnológicos e comunicacionais não alcançam todos os lugares no mesmo momento.

A vida em comunidade permeava vários nexos que derivaram da transformação comunicacional que o rádio possibilitou. Antes de tal tecnologia ser popularizada nas casas do Temeroso, as festas eram divulgadas de modo pessoal. C.R. afirma que em questão de instantes todos já sabiam da festividade,

A gente ficava sabendo das festas pelas pessoas, um passando para o outro. Ia passando pro outro e num instantinho parecia que tinha anunciado no rádio.⁷⁴ (C.R.).

⁷⁴ Diálogo Realizado em março de 2016.

A comunicação interpessoal era o que mais havia de importante no Temeroso. Mesmo com esta precariedade os camponeses conseguiam se relacionar para espalhar as notícias necessárias para a manutenção da vida em comunidade. A festa, configurado como importante elemento cultural era vista por eles como principal elo comunitário e, por isso, com a popularização do rádio, a divulgação das mesmas por meio de tal mídia colaborou para a participação de mais pessoas nas festas que eram realizadas pelos *patenses*.

As festas, especialmente as religiosas, produzem conexões com a comunidade. Segundo Bezerra (2008, pp. 7-8), “as festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares”. Na comunidade de Temeroso a festa aos poucos se perdeu, seja pela morte de quem as organizava, seja pela saída das pessoas do lugar o que enfraqueceu sua constituição.

A constituição das festas também fortalecia o sentido de lugar. Com a divulgação ampla, havia mais chance de que as pessoas se identificassem com aquela festividade e participassem da festa. Também, outro momento em que se reuniam era no futebol, que envolvia várias comunidades, do município e vizinhos com jogos amistosos e campeonatos que também era divulgado pelo rádio. De acordo com S.A.,

Os meio de informação era só pelo rádio, pra comunicar tudo, passa, no caso assim, um convite duma festa, dum futebol que a gente tinha um time lá, ‘O Temeroso vai jogar tal dia em tal campo, São Simão, vai jogar em Campina Verde, Ituiutaba, Nós tinha lá essa rádio, A Platina, era o meio de comunicação! Nós passava aqueles aviso e eles lá a mesma coisa! ‘O time de tal lugar vai jogar lá no Temeroso’, Então todo mundo ficava sabendo, Era aquela coisa, Juntava gente lá que parecia uma festa! Então era o rádio!

O futebol, esporte que é conhecido mundialmente é importante elemento cultural para o Brasil e também era constituinte de Temeroso. Os jogos que ocorriam entre as comunidades eram sempre acompanhados pelos moradores da comunidade. Assim, os jogos, que também eram considerados festas para eles, eram importantes para o lugar Temeroso.

S.A. também comenta sobre, a rádio Platina. Esta na contemporaneidade é inexistente e era o meio de comunicação mais importante. Tanto as festas quantos os recados eram repassados por meio dessa emissora, já que a maioria a escutava e era uma das únicas. Até então, a Rádio Platina era regional e que alcançava a comunidade com uma qualidade de sinal razoável. C.G. conta que,

Na época da rádio, quando tinha rádio anunciava na rádio. Aí quando fazia aquela festa mais, aí anunciava na rádio. Para anunciá tinha que ir em Ituiutaba, aí era

*rádio Platina né. Aí ia lá pagava pra anunciá, pedia o anuncio que você queria né, aí pagava pra eles e eles anunciava, uma semana, o tanto que ocê quisesse.*⁷⁵

O deslocamento até a cidade de Ituiutaba (cerca de 90 km da comunidade) também mostra o comprometimento dos sujeitos para com a festa, no antes, no caso da divulgação. A possibilidade de divulgar de forma mais rápida, impulsionava os sujeitos, que já realizavam a viagem para comprar mantimentos, a também pagar para anunciar na rádio.

O anúncio por meio da Rádio Platina só era realizado mediante pagamento que, os sujeitos declararam ser uma quantia pequena. Quando era festa, pagavam uma quantia relativa a divulgação uma ou duas semanas para que sua festividade pudesse alcançar mais ouvintes e pessoas nas festas. Ainda na atualidade as festas, embora quase inexistentes, ainda são divulgadas pelas rádios, além de outras estratégias de divulgação. De acordo com J.D.,

*Aahh é anuncio né? Põe, põe nas rádio da cidade, dessas cidades, vamo supor, de Ituiutaba, Iturama, União de Minas, eeeh, aqui de Gurinhatã mesmo né. Anúncio cum cartaz, tem os locais certo, pá, cê sai nessa, na rodovia aí, tem aonde cê coloca, uns nus bar, nus buteco né, de rodovia. É, través de cartaz cê propaga aqui as festas. Mas põe nos rádio também de Ituiutaba. Geralmente mais é Ituiutaba, Gurinhatã, União de Minas, é desse jeito.*⁷⁶ (B.).

Para além das rádios, os cartazes e a habitual divulgação nos bares também auxiliam a publicização da festa, do jogo de futebol e do campeonato de truco. Todas essas celebrações ocorriam no Temeroso e penetraram intensamente na memória dos sujeitos, evidente ao lembrar do lugar. Para que as reuniões da comunidade com aquelas próximas pudessem ocorrer, o rádio era o principal meio de divulgação das festas. Na contemporaneidade ele continua sendo importante, mas foi substituído, em parte, pela *internet*.

Com o fechamento da Platina, as rádios que presentemente anunciam as festas, são a Cancellia, Interativa, Clube, algumas rádios de Campina Verde e, até o ano de 2016, a Rádio Novo Horizonte. Dessa forma, a amplitude de rádios aumentou e, assim, a possibilidade de divulgação. Com a introdução do telefone, o deslocamento físico para o rádio não foi mais necessário, e a facilidade aumentou a gama de escolhas.

A contra passo, as festas, pelas saídas dos sujeitos, diminuem consideravelmente, a fazer com que a ligação com as rádios para tal realidade seja dispensada. No entanto, na época em que o rádio era mais proeminente, para além das divulgações das festas havia também a possibilidade de enviar recados personalizados, conforme necessidade de cada pessoa. Segundo S.A,

⁷⁵ Diálogo Realizado em março de 2016.

⁷⁶ Diálogo realizado em março de 2016.

*Na minha época era através do rádio que a gente tinha, Ituiutaba, tinha uma rádio lá, A gente quando ia, Queria passar notícia pra lá, As festa, Convidava eis pra lá, Nós ia na rádio e montava, fazia o convite manual, ai levava lá na rádio e eles imprimia lá e anunciava todo dia, Óia, 'A gente paga tanto pra passa tantos aviso por dia', Então os meio de comunicação na época já era através do rádio. Num tinha outro. Os telefone só tinha na cidade, Algumas roça tinha aquele troço, de tocar assim *faz um gesto circular com a mão*, uns grande assim ó *indica com as duas mãos um espaço que vai do chão até a altura da cabeça {se encontra sentado no momento da fala}* e eu cheguei a ver, mas olha eu não cheguei a ter não, Mai teve uns vizinho meu lá que teve, Eles falava entre sí as famia.⁷⁷(S.A.)*

Tal aparelho, por ser caro, existia apenas nas casas de famílias mais ricas da região e falava apenas entre os familiares. Tal tecnologia era segregatória e a maioria utilizava o rádio para comunicar-se, já que o rádio era único que tinha telefone que conectava com o da cidade, que era de difícil conexão, já que a instalação era realizada por fios subterrâneos em curta distância.

Para o uso do rádio transmitindo recados, demandava aos interessados a escrita de uma carta indicando o que queriam que fosse falado. Ou seja, apenas os letrados podiam entregar recados para que a rádio divulgasse, já que tal relação era feita somente pelo papel.

A despeito disso o meio de comunicação comum era o rádio e, os avisos para as famílias eram propagados, principalmente quando viajavam e precisavam avisar para seus pais, sua esposa e filhos que a viagem duraria mais do que o esperado.

Se considerado que “toda ação humana possui uma dimensão espacial que se revela por meio de uma espacialidade que conduz o vir-a-ser do fenômeno” (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p.11), essa maneira de usar o rádio apregoava uma lógica espacial dotada de especificidades. Ao transmitir o recado de seu ir e vir, o indivíduo criava, momentaneamente, uma possibilidade de tramitação e evitava problemas. Era, portanto, um modo de diminuir as distâncias referenciais daqueles que se comunicavam a nível local. A assimilação do radio para os avisos pessoais, o J.A. lembra assim:

Cê pagava e eles falava 'passava tantos aviso'. Ai passava tantos aviso. Vamô vê só, A muié ia ganhá minino, Ai o minino nascia, aí ó 'Zé Amaral avisa que a mulher dele teve uma linda garota e tal..tudo bem pan pan pan, ' pronto ou, igual, Seu Basilino ia pra lá, num podia vim, atrapaiava? 'Ó, O Basilino Barbosa avisa que num vai poder í hoje não, Só vai amanhã ou depois, ' outro dia já falava na rádio. Aí eu tinha que já í busca ele lá no ponto. Assim num era só ele, Era todo mundo.⁷⁸

Quando alguém não podia se deslocar para o Temeroso como era programado, o aviso na rádio era necessário para que as pessoas soubessem o dia que ele iria voltar e que ele estava bem. A considerar que “a realidade geográfica exige, às vezes duramente, o trabalho e

⁷⁷ Diálogo realizado em março de 2016.

⁷⁸ Diálogo realizado em março de 2016.

o sofrimento dos homens” (DARDEL, 2011, p. 34), as condições de existência apontadas pelo diálogo mostram situações de vida em que o labor se somava às dificuldades de locomoção. Como realidade geográfica, o Temeroso evidenciava modos pelos quais os sujeitos necessitavam criar estratégias para tornar afáveis as imposições locais no meio.

No caso descrito, as pessoas também mandavam recado para que em Temeroso pudessem ser buscadas no ponto de ônibus, quando circulava tal meio de locomoção. Naquela época, o carro era um meio de transporte ainda impopular em comparação a carroça. Conforme J.A.,

*Aviso era só quando as duas minina nasceu que passou. *Risos* *sorri orgulhosamente* Ai eu mandei passar!⁷⁹ (J.A)*

Ele divulgou para a Comunidade porque, como uma comunidade, a “família Temeroso” também tinha aumentado. O nascimento de um filho é um dos momentos mais importantes para os *patenses* e eles desejavam que os sujeitos, mesmo aqueles que não estavam localizados na comunidade soubessem de tal realização.

Entrikin e Tepple consideram que lugares “are the sites for recognizing difference as well as for forging the common bonds of humanity⁸⁰” (ENTRIKIN; TEPPLE, 2006, p.38), do modo que destacar a gênese das filhas era criar elos que virtualizavam o existir do lugar. Sociabilizar elementos marcantes da vida é um modo, destarte, de *placemaking*⁸¹ que fundamenta o existir humano em comunidade.

Ainda na contemporaneidade é comum vermos, agora nas redes sociais, a divulgação do nascimento de seus filhos seja por meio apenas de *posts*, seja pela realização de ensaios *new born*.

Além dos nascimentos, a celebração de uma data importante como o aniversário era marcada pela transmissão de música para os sujeitos aniversariantes. Passar uma música significava que estava sendo lembrado pelas pessoas queridas e a retribuição era necessária. Segundo M.,

Fazia aniversário o povo passava música pelo rádio, pros outro.⁸² (M.).

Para além do reforço de nexos e vínculos ao lugar, a transmissão e constante retorno de músicas em contextos de aniversários se configura como um modo menos rígido de

⁷⁹ Diálogo realizado em março de 2016.

⁸⁰ “são sítios para reconhecimento de diferença tanto quanto para forjar elos comuns de humanidade.” (ENTRIKIN; TEPPLE, 2006, p.38, tradução livre)

⁸¹ Fazer-lugar.

⁸² Diálogo realizado em março de 2016.

estabelecimento de reciprocidades. Essa é um dos elos fundamentais da comunidade camponesa (WOORTMAAN, 1990) e evidencia elementos que materializam o modo de vida no lugar.

Como “os seres humanos não suportam viver em permanente estado de ansiedade. Necessitam manter uma sensação de controle, não importa quão ilusória possa ser” (TUAN, 2005, p.113), reforçar os elos comunitários é uma forma de intensificar sociabilidades que permitem garantir certo sentido de controle. Segundo S.A. tinha os programas específicos para se passar música o que também era mediante pagamento,

Tinha os programa né. Que passava os aviso, né? E tocava música, né? Oferecia música pra uns, Oferecia música pra outros. Mas pagava, né? Ai ficava o dia inteiro, tinha horário, Certo! Até tarde, Era pela Platina mesmo.⁸³(S.A)

As músicas não tocavam apenas para os aniversários, mas também para as pessoas específicas, principalmente as mais queridas. No entanto, a lembrança do aniversário transmitida pelo rádio com oferecimento de uma música ainda é utilizada por algumas pessoas do Temeroso, principalmente para aquelas que mudaram para a cidade.

O rádio, pelos recados, comparecia também como uma maneira de paquerar e estabelecer certas relações sociais a uma certa distância. É evidente que “space has the ability to join human movements together into a larger group dynamic or to fragment individual movements into isolated spatial units that do not interact visually, acoustically or bodily⁸⁴” (COATES; SEAMON, 1984, p.8), de modo a criar uma espécie de espacialidade transitória que se arquiteta no momento da troca de recados. É um lugar, ainda que efêmero, pelo qual as pessoas conseguem se comunicar e efetivar sociabilidades. I.F. conta como era feito:

Nois passava né, recebia, passava..uns com os outros nós passava música no dia do aniversário. Esses dias eu tava lembrando o tanto que era bão né, Poucos dias a madrinha passou música pra mim, mas eu nem retribuí, que eu esqueci o dia do aniversário dela né. Ela passou no meu aniversário, em outubro, ela passou aqui pela Rádio Novo Horizonte, É só ligar lá pra pedi.⁸⁵

Os nexos permanecem perpetuados por meio de outras rádios. No caso, tanto a interlocutora quanto a pessoa que passou a música para o aniversário eram do Temeroso e se mudaram para Gurinhatã por motivos de saúde. A lógica comunitária continuou a ser realizada mesmo com a mudança. Segundo a mesma, pela Rádio Novo Horizonte, na época do diálogo, várias pessoas ofereciam músicas umas para as outras.

⁸³ Diálogo realizado em março de 2016.

⁸⁴ “Espaço tem a habilidade de agrupar movimentos humanos em um grupo dinâmico ou fragmentar movimentos individuais em unidades espaciais que não interagem visualmente, acusticamente ou corporeamente.” (COATES; SEAMON, 1984, p.8, tradução livre).

⁸⁵ Diálogo Realizado em março de 2016.

Na contemporaneidade, o oferecimento de música pelo rádio ainda é muito comum e em qualquer rádio que for conectado há vários momentos de oferecimento de música seja para pessoas em específicos, seja para a comunidade, bairro, ou cidade em que a pessoa se localiza. Tal prática ocorre em várias emissoras nacionais e estrangeiras e é uma prática cultural que atravessa países e atinge culturas diversas.

No entanto, diferentemente de outrora, as mensagens são transmitidas gratuitamente, sem pagamento prévio. Isso se dá principalmente pelo fato de que o modo comunicacional é muito mais amplo e, passar a mensagem pelo rádio é uma demonstração de reconhecimento do seu bairro e uma lembrança da pessoa, quando há oferecimento de música. Mas, os recados, principalmente no ambiente urbano podem ser transmitidos pelas redes sociais ou mensagens do celular e não limitar-se apenas ao rádio.

Para algumas pessoas, escutar os avisos do rádio também proporcionam lembranças dolorosas, já que tinham pessoas que gostavam de enviar os recados e, com o falecimento delas as músicas se tornam tristes e não mais felizes. I.F. nos fala que,

O João gostava de passá. Era todo dia, todo dia ele ligava lá para o Valdir passa, era a mesma coisa, mesma música. Eu nem gosto de escutá mais, acho triste, que ele gostava né.⁸⁶

Como seu marido gostava de pedir música, uma em especial, quando ela liga o rádio e por acaso alguém a oferece ela imediatamente fica triste pela memória e desliga o rádio. No caso em específico, esse fato ocorria quando eles já tinham se mudado para Gurinhata em que a comunicação com a rádio já era mais facilitada.

Como “emotions move; affects circulate. Emotions and affects are mobile⁸⁷” (PILE, 2010, p.10), há uma projeção subjetiva que é efetivada pela senhora viúva. Ao discorrer sobre a forma como é a lembrança do marido associada ao rádio também aponta que remonta à época em que vivia no Temeroso, a garantir um componente espacial e móvel. Pela geografia afetiva de seu lembrar, ela é transportada a uma experiência específica de lugar hoje marcada pela tristeza. Há, portanto, no modo de viver o lugar, uma carga emotiva que é desenvolvida por meio de sentimentos que também podem ser inferidos de tristezas.

No entanto não são apenas as notícias felizes que são repassadas pelo rádio. A morte de algum membro da comunidade também era descoberta por meio do aparelho. Segundo J., já apresentado como o coordenador da até então Rádio Novo Horizonte,

⁸⁶ Diálogo realizado em março de 2016.

⁸⁷ “Emoções se movem; afetos circulam. Emoções e afetos são móveis.” (PILE, 2010, p.10)

*E somos os porta voz de quem, deixou esse mundo, porque, somos a primeira, as pessoas em primeira mão a saber que outro faleceu. Através da rádio né, porque eles ligam de onde quer que seja, passa a notícia pra mim que fulano de tal faleceu, será sepultado em Gurinhaã e tal, e o seu corpo será velado no tal lugar.*⁸⁸

Dessa maneira, o falecimento de alguém também proporcionava uma ligação comunitária, já que perder um membro da comunidade é perder uma parte significativa de um tecido social específico. Avisar seu falecimento é também mostrar reconhecimento e respeito pela pessoa que não mais está entre nós. O repasse dessa informação era importante para que as pessoas pudessem ir até o velório homenagear quem os deixou. No entanto, antes do rádio, o falecimento das pessoas queridas era divulgado apenas pessoalmente. Segundo Iz.,

*Antigamente, quando as pessoa morria saia avisando, pegava cavalo, ou ia de a pé, né. Eu mesmo depois que casei muitas pessoa faleceram, eles ia até lá em casa, cedinho, avisar: ô fulano de tal morreu. Não tinha comunicação nenhuma! Nenhuma, nenhuma, a não ser por carta né. A melhor condução que ia mais rápido era a cavalo né, Aí quando era longe, aí nem ia né, Num tinha jeito. Quando foi surgindo o rádio aí passava pelo rádio né*⁸⁹.

A dificuldade de comunicação também refletia na velocidade que determinadas informações eram transmitidas para a comunidade, especialmente as que conectavam os sujeitos, como o nascimento de uma pessoa, o aniversário e a morte de alguém. Com o rádio as divulgações ajudaram na permanência dos laços da comunidade, pois, mesmo que vários sujeitos não estejam mais vivendo no Temeroso, eles se deslocam quando ficam sabendo tais acontecimentos e estarem presentes.

Na atualidade, tais ocorrências também são divulgadas por meio das redes sociais de cada um e, dessa forma, a conexão e o reconhecimento de tal acontecimento é mais rápido. As modificações comunicacionais que ocorreram no Temeroso modificaram a própria vida em comunidade, sendo importante para a formação da mesma.

Mas, para o repasse dos recados era necessário saber também o horário que os sujeitos ouvem o rádio. Dessa forma, há dois momentos principais para tal: durante o trabalho e durante o descanso. Sabendo da importância do tempo para que o espaço e o lugar sejam constituídos, quais são os principais momentos que os sujeitos do Temeroso ouvem o rádio e quais repercussões espaciais de tal fato? Como o rádio é pensado no cotidiano dos sujeitos? Tais indagações nos levaram a reflexões sobre o rádio e o trabalho.

⁸⁸ Diálogo realizado em março de 2016.

⁸⁹ Diálogo realizado em março de 2016.

Sonoridades de (uma) pausa e do labor: O rádio no lugar do ócio e do trabalho

Os momentos de se escutar o rádio e assistir a televisão variam tanto quanto o horário de se conectar na internet. Eles flutuam de acordo com o cotidiano de cada indivíduo e, no caso do Temeroso, principalmente com os horários de trabalho na roça. Além disso, no começo das transmissões radiofônicas quando poucos tinham aparelho de rádio, a forma com que eles tinham para saber as notícias e/ou ouvir músicas era pela reunião realizada nas casas daqueles que tinham o aparelho.

Um dos motivos mais usuais para que o deslocamento de suas residências para aquelas que tinham rádio eram as orações e missas radiofônicas. Com isso, “a distância” das casas diminuiu.

Como os “lugares são as partes da realidade espacial que foram reclamadas pelas intenções humanas” (KARJALAINEN, 2012, p.7), reunir-se em uma casa para “assistir” significava intencionalizar novos sentidos para as espacialidades referentes aquele local e ao artefato que era utilizado. Era uma maneira de sociabilidade que potencializava os elos comunitários e contrapunha ao sentido aparentemente individualista referente àquele aparato tecnológico. Reunir-se é fundamental ao lugar porque permite emergir símbolos e sentidos intersubjetivos que ressaltam as condições de existência. Contudo, I.F salienta a diferença de classes que restringia a aquisição do aparelho para alguns mas, a sociabilidade para acolher o vizinho sem o rádio já rompia as barreiras entre os ricos e pobres:

Esses padre que dava benção, que era bom de benção, a gente ia longe pra assistir. A noite assim, aquela fé que a gente tinha né. Era o padre Donizete, era o padre Antônio. Tudo pelo rádio. A gente ia na casa do vizinho, que não tinha rádio na casa da gente. Só nos Severino, tudo que tinha, na casa deles chegava primeiro. Que eles era bem de vida né, fazenderão. Era telefone, o rádio, televisão, Tudo chegou antes na casa deles né, Depois que os outros foram dando conta de comprar.⁹⁰

Segundo I.F, os sujeitos se deslocavam para receber as bênçãos dos padres mais famosos do Rádio que, no caso era o Padre Donizete e o Padre Antônio, ambos pela Rádio Aparecida. Considerando que a comunidade Temeroso era, e permanece, muito religiosa, as orações eram um dos elementos que promoviam maior dinamismo, tanto para as rezas nas serras, para as missas como também para escutar pelo rádio e receber as bênçãos dos padres.

Para os moradores do Temeroso, um dos padres era tão milagroso e suas orações eram tão fortes que no dia de seu falecimento há relatos de escuridão do céu. A fé dos moradores

⁹⁰ Diálogo realizado em março de 2016.

nele fazia com que acreditassem que se ouvissem suas orações poderiam receber bênçãos para suas famílias. A.S nos fala sobre este fato:

Quando o padre Donizete morreu anunciou no rádio e, cê acredita que o mundo escureceu? Ele era milagroso mesmo, cê viu? Ele fazia muito milagre.⁹¹

Os milagres do Padre somente podiam ser realizados se a pessoa tivesse fé nele. A fé era um dos elementos centrais no cotidiano da Comunidade Temeroso, já que, por meio dela, até as festas eram realizadas. A ligação deles para com a Igreja também é tradição e passou de geração para geração.

É interessante notar como o imaginário atribui elementos personificantes à natureza. E, a crença que a natureza poderia refletir a perda de um padre tido como milagroso, ainda que nunca conhecido pessoalmente, reflete no relato sobre o transcurso daquele determinado momento.

No entanto, com a propagação de outras religiões, algumas pessoas deixaram de serem fiéis a Instituição Igreja Católica e, por isso, pararam de se reunir com a comunidade para as novenas, rezas, missas e festividades religiosas. Sem dúvida este fato também influenciou na diluição das Comunidade e na diminuição das Festas. As mudanças culturais de níveis globais também favoreceram nas transformações da Comunidade.

Com a popularização do rádio, as pessoas deixaram de ir às casas vizinhas para no seu próprio aparelho escutar a programação preferida; Esse fato levou a diminuir as frequentes idas às casas mais próximas. No entanto, como visto anteriormente, mesmo que as visitas tenham diminuído, os recados continuaram a manter conexão radiofônica de comunidade. J.D. discorre que,

Mas, mas pá trás dessa época, era, tinha isso. A vez a pessoa ia, na casa do vizim pá ouvi o rádio. Dessa época minha pra cá não. Aa veiz podia que cá acontece, contecê isso mais era raramente. Quase todo mundo tinha um radinho em casa, dessa época minha pra cá. Agora pra trás, as pessoa ia na casa um do outro pra escutar o rádio.⁹²

Pelo relato de J.D., o consumo individual causou o distanciamento entre os membros da comunidade. As dinâmicas sociais e culturais mudaram, e adaptaram suas lógicas para aquela realidade vivida que se modificava. O rádio passou a fazer parte do cotidiano, para alguns mais do que para outros. Para McLuhan (1964, 345), “o rádio, que antes foi uma forma de audiência grupal que enchia as igrejas, reverteu ao uso pessoal e individual – com o

⁹¹ Diálogo realizado em março de 2016

⁹² Diálogo realizado em abril de 2016

advento da TV”. A televisão ficou com o contato grupal, enquanto o rádio foi para o uso mais individual.

Quando a tecnologia era usada de modo coletivo seu significado era relativo a um lugar de encontro/reunião. As pessoas se associavam em torno do artefato e isso gestava sentidos importantes para a manutenção sociabilidade e da reciprocidade. Com a individualização, passam a assistir cada um em sua residência. Porém, os programas adquirem também uma dimensão de assunto para as prosas e, logo, são utilizados para intensificar o sentido de comunidade.

Conforme Seamon (2014, p. 18), “place is *active* in relation to human beings, since physical and spatial changes in the place reconfigure human actions and experiences⁹³” também poderemos inferir que as alterações comunicacionais produzem novas formas de existência no lugar. Os sentidos que se mutacionam revelam diversas maneiras pelas quais a comunidade promove alterações no seu cotidiano. S.A. fala que,

*Eu vô levantano, Primeira coisa que eu faço é ir ali e ó, já ligo o rádio e vô. Se eu vê que a muié num vai levantar eu faço o café, já ligo o rádio e vou lá pro curral, Estendo o volume do rádio e ali, é só trabaio, Ela fica deitada escutano.*⁹⁴

S.A. conta que não fica sem o rádio, a todo momento ele está a escutar o rádio. Inclusive, durante as duas visitas realizadas em sua casa para a realização da pesquisa o aparelho estava ligado. Na primeira vez, durante a noite, assim que ele chegou em casa, a primeira coisa que fez foi ligar o rádio. Na segunda vez, pela manhã, o rádio já estava ligado enquanto ele estava a cuidar das vacas e sua esposa a lavar a roupa.

Como o cuidado com as vacas ocorre mais cedo, os horários dele com de sua esposa, para levantar nem sempre batem e, dessa forma, o cotidiano dos dois são diferenciados. E.A., quando acorda o rádio já está ligado na emissora que ele gosta que é diferente da que ela gosta de ouvir.

Como “o sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.84), ainda que os sujeitos vivam na mesma casa, eles vivem o lugar de maneiras diferentes. A intensidade de cada aspecto relacional que é estabelecido pelo contato com o mundo vivido cria experiências dotadas de especificidades. A forma como transcorrem seus dias é central para essa clivagem de perspectivas acerca do lugar. Quando perguntada qual emissora estava o rádio estava ligado, às 08h da manhã, E.A. diz que,

⁹³ O lugar é *ativo* em relação aos seres humanos, posto que mudanças físicas ou espaciais no lugar reconfiguram ações e experiências humanas. (SEAMON, 2014, p.18, tradução livre).

⁹⁴ Diálogo realizado em março de 2016.

*Na Cancela, Eu gosto da Interativa, que eu adoro. Tem umas música boa, né? Ai ele já num gosta, fica na Cancela.*⁹⁵

As duas rádios são voltadas para o público do campo, no entanto, a primeira, por ser AM, tem um tom rural mais acentuado, com programação voltada para quem lida com a ordenha pela manhã. Já a Interativa, por ser FM e alcançar grandes centros, como Goiânia, tem uma transmissão com tom mais eclético. Dessa forma, como cada um tem sua emissora preferida, há uma disputa para em qual emissora o rádio ficará ligado. De acordo com E.A.,

*O dia que ele não tá aqui eu ligo [na Interativa], Mas o dia que ele tá aqui eu num ligo não. Ele já chega e fala 'ah, cê tirô da Cancela!', Ai 'eu tirei', 'cê sabe que eu gosto da Cancela', eu 'Então deixa, ' ai ele saiu e eu ligo a Interativa.*⁹⁶

Quando ele está em casa, a estação escolhida tem que ser a Cancela, mas, quando está sozinha ela coloca na Interativa para escutar sua programação preferida. Dessa forma, o rádio também ativa relações familiares nas próprias residências e, reforça alguns traços sociais do machismo tradicional, como a mulher ter que respeitar a opção do marido e fazer suas vontades. Nas palavras do marido, S.A.,

*Com o rádio tem dia que eu vô trabaia aqui no terrero, Vou tirar leite, 'Estende o volume aí!' vou tirar leite escutano, Diz que é bô, até pras vaca acalmar levo pro curral, ligo e as vaca fica, diz que até masca achano bô, .Meu genro tem um rádio tamém, liga e o pau quebra lá. *faz gesto indicando tirar leite das vacas* num fica tão estressado, né.*⁹⁷

Dessa forma, muitos sujeitos que tiram leite utilizam o aparelho no curral tanto para se distrair enquanto trabalham, quanto para supostamente aumentar a produção de leite. Além disso, como a programação das rádios são de acordo com o público alvo de cada uma, os programas rurais ocorrem pela manhã.

Visto que a sonoridade que deixa os animais menos agitados é um elemento que transcorre em sentidos lúdicos para o lugar, os sujeitos arquitetam afetividades para o local de trabalho. Esse sentido estabelece um colorido significativo para a experiência humana (TUAN, 2013) que se realiza em lógicas de vida em que o labor, ainda que tenha seu tempo, também pode ser um momento de prazer para o indivíduo.

Na década de 1970/1980, um dos programas mais escutados pelos moradores do Temeroso era o programa do Zé Bettio, na rádio Record e depois para a Rádio Capital, que ocorria das 5h da manhã até às 7h, horário geralmente destinado para a ordenha. S.A. relembra a rotina do marido no amanhecer:

⁹⁵ Diálogo realizado em abril de 2016.

⁹⁶ Diálogo realizado em abril de 2016

⁹⁷ Diálogo realizado em março de 2016.

*Ele era de madrugada. Cinco hora da manhã, Ouvia tirano leite, Ele falava 'é, vou jogar água pra acordar os produtor pra ir tirar leite!', brincava muito, Imitava até jogano a água nos pessoal pra acordar, *risos* Lá no curral mesmo a gente tinha o radinho, mas aí foi mais recente, Aí quando tinha o pequeno das pilha pequena, Cê sabe, O portátil, . Aquele ele punha lá em cima do tronco e o pau quebrava..⁹⁸.*

O radialista Zé Bettio é atualmente considerado um dos maiores comunicadores do Brasil de todos os tempos. Isso por que seus programas tinham grande audiência e, foi criador dos Bordões: “Vamo levantar!”, “gordo! oh, gordo!” e “joga água nele!” esta última copiada pelo marido de S.A. Além do programa pela manhã, na Rádio Capital ele também tinha outro que se passava durante o final da tarde, das 17h às 19h, horário geralmente utilizado para o descanso da lida com a fazenda. J., da antiga Rádio Novo Horizonte, apresenta a programação que oferecia na Rádio:

A rádio começa desde das cinco da manhã com uma programação voltada exclusiva pro sertanejo mais antigos, Por que isso? Porque geralmente o jovem, o jovem nunca levanta de madrugada. O jovem que tá na fazenda ele levanta é mais tarde, então, o pai dele levanta muito cedo pra poder cuidar das criações e tal, zelar do terreiro, e tirar o leite e tal. Então nós temo esse programa mais voltado pra um sertanejo mais antigo, Depois nos começamos com o sertanejo atual, a partir das 8 e meia da manhã, exata. A gente tem a programação para atender o ouvinte, aquilo que o ouvinte pede, a gente toca. Depois a gente entra com a programação evangélica, depois da programação evangélica entramos com o sertanejo universitário. Esse, a moçada gosta! Esse toca lá, o Cristiano Araújo, com esse nível de programação, eu só tô exemplificando, para mostrar o ritmo de música que a gente toca né. Gustavo Lima, e tal, e uma infinidade de outras, né..⁹⁹.

Assim como da ex-rádio comunitária de Gurinhatã, os horários das grandes Rádios também vão de acordo com o cotidiano de seus ouvintes, já que, saber o público alvo, mesmo que de forma mais generalizada, é importante para que a audiência sempre esteja na frente e a rádio possa continuar a operar.

No entanto, no caso dela, saber os horários de seus ouvintes é importante para a comunidade em si e propósito da rádio. A rádio para a comunidade, necessariamente tem que ter a programação que atenda aos interesses dela, por mais que não receba retorno financeiro para tal já que não é o propósito. No caso da Radio Novo Horizonte justamente pela falta de retorno comunitário foi necessário fechar a rádio.

De acordo com M.F. que saiu da comunidade Temeroso para uma outra ainda próxima e, para ela, o rádio era sagrado, todos os dias, já que as opções de tecnologia da comunicação eram limitadas.

⁹⁸ Diálogo realizado em março de 2016

⁹⁹ Diálogo realizado em março de 2016.

*Sabia das coisa pelo rádio, Ah, escutava muito, Era Sagrado, Ligava de manhã e desligava só de noite, Num tinha muita coisa, né? Cê tava na roça com o rádio sempre ligado,*¹⁰⁰

Ela relata que mesmo quando estava trabalhando na roça, o rádio tinha que estar ligado o tempo todo, pois, dessa forma, ela poderia trabalhar ao mesmo tempo em que atualizava as informações sobre o mundo e escutava suas músicas preferidas. Para além do curral e da roça, um dos lugares que o rádio está presente é no cotidiano feminino em casa, seja para lavar roupa, fazer comida, para bordar, dentre outras atividades.

Essa relação com o rádio pode ser relacionada com a relação com tecnologias “de fundo”. Segundo Ihde (1990, p. 112), “background technologies, no less than focal ones, transform the gestalts of human experience and, precisely because they are absent presences, may exert more subtle indirect effects upon the way a world is experienced”¹⁰¹. As tecnologias de fundo, o rádio sendo uma delas, é utilizada com outras atividades, por não exigir foco exclusivo com ela.

No entanto, mesmo que seja utilizada com a realização de tarefas ela não deixa de influenciar na relação do indivíduo com o seu mundo, com o seu lugar. Ainda na contemporaneidade o rádio é utilizado nessa perspectiva, a ser um de seus principais aspectos diferente da televisão. A.G, destaca que,

*[Enquanto ouve o rádio] “Eu faço qualquer coisa, Cê tá trabaiano, Cê tá lavano roupa cê tá escutano aquilo, Cê tá arrumano casa, cê tá ouvino aquilo, Cê tá fazêno comida, cê tá ouvino, Í, Agora, Cê eu tiver bordano eu ligo aquilo baixinho e tá conversano, Parece que aquilo dá até uma paz na cabeça da gente, Cê enterte, Distrai um pouco, Hora que cê cansa daqueles trem que cê tá fazêno, cê tá escutando lá, É quarquero coisa, Me enterte,*¹⁰²”

O rádio é seu companheiro durante a realização do trabalho doméstico assim como de M., sejam as músicas, ou as notícias. Para A.G, é um componente que a acalma que garante “uma paz na cabeça da gente”. Ela afirma tal hábito derivado do seu pai, que também gostava de escutar rádio desde quando ela era criança. Seus filhos também gostam da prática, também escutam o rádio diariamente, mesmo sendo mais novos. Ela explica,

*Eu ligava o rádio de ficar ligado o dia interinho, O papai num vencia de comprá pilha, Eu que gastava. *risos*, Eu gosto de ligar ele todo dia, Depois que os menino casô eu gosto maí é de ligá ele de cedo até onze hora, Só pra mim í escutá a hora que aí não precisa eu ir em relógio oiá a hora que é, e faço o armoço, Aí depois eu desligo e cabô, Só vou ligar amanhã,*¹⁰³

¹⁰⁰ Diálogo realizado em março de 2016

¹⁰¹ “tecnologias de ‘fundo’, não menos que as que exigem atenção dedicada, transformam as *gestalts* da experiência humana e, precisamente porque elas são presenças ausentes, podem exercer efeitos mais sutis e indiretos sob o modo que o mundo é experienciados.” (IHDE, 1990, p.112, tradução livre).

¹⁰² Diálogo realizado em março de 2016

¹⁰³ Diálogo realizado em março de 2016

A dinamicidade que o rádio proporciona também foi um dos atrativos para a comunidade do Temeroso já que o trabalho era sempre primordial. O rádio, principalmente quando se tornou portátil, colaborou para a lida diária dos sujeitos, sendo um barulho onde o silencio ecoa. McLuhan (1964, p. 335) disserta que,

O poder que tem o rádio de envolver as pessoas em profundidade se manifesta no uso que os adolescentes fazem do aparelho de rádio, durante seus trabalhos de casa, bem como as pessoas que levam consigo seus transístores, que lhes propiciam um mundo particular próprio em meio às multidões.

No caso descrito acima, para os jovens da década de 1960 no contexto estadunidense se aplica aos sujeitos do Temeroso também na década de 1970 e 1980 e ainda na contemporaneidade. É comum ver jovens com fones de ouvido nos ônibus e a realizar suas próprias tarefas, assim como os sujeitos do Temeroso em seus próprios mundos.

Alguns sujeitos tinham horários diferenciados para escutar o rádio que nem sempre combinava com o do trabalho. Dessa forma, a incorporação da tecnologia da comunicação e informação rádio não foi realizada de forma homogênea, e sim de acordo com o cotidiano de cada um, mesmo que houvesse uma ligação comunitária.

É possível considerar que carregar o rádio consigo é uma forma de transportar um elemento que afabiliza o existir. Ao ouvir as músicas no transposto do trabalhar ou andar, torna menos duro as atividades e cria modos de melhorar a qualidade dos vínculos com o lugar.

Construídos pela vivência cotidiana, os vínculos de lugar “are powerful motivators for action to preserve and improve our communities for ourselves, our neighbors, and future generations”¹⁰⁴ (MIHAYLOV; PERKINS, 2014, p.71). As ações derivadas dessa possibilidade ocasionam no lugar como um *locus* de virtualidades em que a vida pode fluir em sua plenitude. A manutenção dos vínculos e, conseqüentemente da comunidade, se faz fundante para a permanência do indivíduo. Nas lembranças de J.D.,

A noite. E eu ouvia mais rádio era a noite. A noite. Porque na parte da manhã e. do dia, ocê nun ficava em casa. As veiz cê vinha almoçava e ia embora, pro serviço. Ôtra hora, a comida ia, era lá no serviço, nem em casa cê nun vinha. Agora a noite sim, eu tinha um rádím pequeninin, aí eu ia tratar de porco, arrumar o terreiro, ligava ele, punha lá em cima do milho, no paiol, e aquilo eu ficava esscutano, tô cascando milho pa jogar pros porcos, escutano rádio. Ouvia muio rádio. Na parte da noite. E dia de domingo né, sempre a gente escuta tamém, mas, meio de semana era só na parte da noite que eu escutava rádio. De dia é muito pouco.¹⁰⁵ (B).

¹⁰⁴ “são poderosos motivadores para ação de preservar e melhorar nossas comunidades para nós, nossos vizinhos e as futuras gerações” (MIHAYLOV; PERKINS, 2014, p.71, tradução livre)

¹⁰⁵ Diálogo realizado em abril de 2016

No horário entre o findar da tarde e a noite, geralmente são momentos destinados a cuidar das criações mais próximas, como pela manhã, e, para muitos como J.D, não é configurado necessariamente como trabalho.

Nesse sentido, muitos homens escutavam o rádio apenas pela parte da noite, visto que durante o dia era o horário de trabalho na roça ou em trabalhos extras que realizavam esporadicamente. Enquanto alguns ficavam com o rádio o tempo todo, outros já preferiam escutá-lo pela manhã ou pela tarde, momento que se encontravam em casa. Estes geralmente não tinham o rádio portátil. C.R.nos conta que,

*Nóis que trabaiva durante o dia escutava mais era durante a parte da tarde e da manhã, Até quando ia pro serviço e depois que chegava do serviço até. Nóis deitava cedo,*¹⁰⁶

A utilização dos horários e o modo de uso deriva de diferentes variáveis, entre elas o horário de trabalho e de descanso de cada indivíduo. No entanto, nos horários de lazer, que antes também eram tomados pelo rádio, especialmente durante as refeições, com o surgimento da televisão a dinâmica também foi modificada. Na opinião de M.,

*Hoje em dia os trem tá tão corrido que cê num tem nem tempo pra vê televisão nem nada, Só fico no rádio mesmo, Escuto o dia todo, A noite é a televisão porque cê para prá vê.*¹⁰⁷

A televisão, especialmente nos horários das novelas, é mais reconhecida do que o rádio. Para assisti-la é necessário parar seus afazeres e a pausa se configura como horário de descanso. É bom repetir o dito no primeiro capítulo que as tecnologias da comunicação e informação em massa modificaram o modo de vida dos sujeitos e estão em constante mutação.

Enquanto o rádio, com o transistor, era móvel e não tinha um lugar específico, ele pertencia junto ao indivíduo, a se adaptar ao seu cotidiano e não o contrário. No entanto, com a televisão, a sala e o sofá, se tornaram o lugar do cotidiano comunicacional.

No entanto, mesmo que para alguns possa parecer imposição, os sujeitos se adaptam conforme seja melhor para seus afazeres diários. E a mídia, ao saber os horários comuns de seus ouvintes, adapta sua programação a fim de atender mais telespectadores e assistentes e englobar mais pessoas. Tal fato ocorre tanto com o rádio quanto com a televisão. Tal fato é relatado por J.D.,

¹⁰⁶ Diálogo realizado em março de 2016.

¹⁰⁷ Diálogo realizado em abril de 2016.

Hoje? Ah, ouve lá por acaso. É, lá por acaso, eu, a televisão é que manda né. Eu ouve mais rádio é no carro, quando eu saio, aí ligo o sonzinho do carro. Numa rádio qualquer, aí eu escuto, Mas, aqui em casa mesmo eu nun escuto rádio não. Muito difícil¹⁰⁸.

O rádio foi substituído pela televisão para as notícias e programas informativos, mas devido a sua dinamicidade, permanece, continua vívido e foi transferido para o dia-a-dia contemporâneo para os rádios no carro e no celular. Parar para assistir televisão durante o dia é muito mais complicado do escutar o rádio enquanto se faz os afazeres diários.

No começo da televisão alguns sujeitos ficaram desconfiados em relação ao seu uso e muitas vezes se negavam a se deslocar para assistir a novela, principalmente, mesmo que tenha feito durante a era do rádio. Para eles o rádio era insubstituível e a televisão não tinha um propósito claro. Segundo I.F.,

Quando a televisão chegô lá eu achava bão, de primeiro eu não gostava não, achava que aquilo era ilusão, que não precisava né, mas depois fui acostumando. Eles saía para assisti novela na casa dos outros eu não ia. Eu pensava: “Não, eu não vou não, Novela? Que eu vou querer com novela?” Eu ficava sozinha em casa, que os meus filho tava grande ia lá pra casa do Basilino assiti. Ficava lá até tarde¹⁰⁹”.

I.F. conta que, quando a televisão chegou em algumas casas, aquele aparelho era inútil, não era necessário para ela. No entanto, conforme ela o vivenciou, começou a gostar e, na atualidade, usa mais a televisão do que o rádio.

Além dessa, as tecnologias que começaram a ser usadas na fazenda, como trator e ordenha mecânica também fizeram com que o rádio diminuísse suas intensidades nesses lugares, já que o barulho é mais constante e quase não se ouve nada para além dos sons das máquinas. Destarte, a introdução de novas técnicas e tecnologias também gera uma cadeia de acontecimentos e modificação da vida diária, até mesmo que proporcione maiores facilidades. Na opinião de J.D.,

Tem gente que usa um rádio, uma coisa, mas nois nun põe não porque, tem o barulho da ordenha, e de 2 tanque. Que nois tem dois tanque de expansão e por leite, e aquilo quando funciona tudo aquilo vira um barulhão né, então geralmente nois nun, nun tem nada, nun tem nada que produz som lá não, rádio essas coisas nun tem lá não. Lá é memo, só o barui do gado e nosso memo. Isso aqui ceis tá conversano o oto tá de lá assim, fala cê, por causa do barulho dos tanque da ordenha tá pra cá, cê nun escuta o que que o oto fala, nu adianta. O rádio é bão pro cê ouvi uma música né, mas no batendo lá, mais nois nun tem não.¹¹⁰

Com a utilização da ordenha mecânica e dos tanques de expansão para o armazenamento do leite, a utilização do rádio no curral é complicada, já que nem mesmo

¹⁰⁸ Diálogo realizado em abril de 2016.

¹⁰⁹ Diálogo realizado em abril de 2016.

¹¹⁰ Diálogo realizado em abril de 2016.

entre aqueles que estão a trabalhar é possível a conversa. No entanto, para ele o rádio é valorizado pelas músicas que são veiculadas.

Para muitos, o que é mais atrativo no rádio são as músicas, pois, para eles, elas são essenciais para a vida, seja para os momentos festivos, seja para os momentos tristes. J.A define o sentido da música para ele:

Esses dia até falei pros menino, num sei o que deu ni mim, Eu tenho uma coisa com música, Num sei o que é, Paixão, Num sei o que é não, A melodia mexe com a pessoa! Eu gosto de música mêmo! Sou apaixonado! Apaixonado, Música, Toca uma sanfona, uma viola bem tocada. É bom demais,

A música é um dos elementos que mais chamam atenção dos seres humanos e está presente em várias esferas do cotidiano, é também um próprio elemento sociocultural já que, por meio de letras e melodias, é possível falar aquilo que por vezes as palavras faltam.

No entanto, ao atingir a memória dos sujeitos do Temeroso também os fazem recordar da época em que viviam no lugar, principalmente aqueles que tiveram que sair da comunidade. Dessa forma, o rádio possibilita uma vivência que ultrapassa o tempo e o espaço a fazer com que os sujeitos continuem suas lógicas mesmo distantes fisicamente de **seu** lugar.

Nesse olhar, convém abordar como se dão as lógicas das pessoas que saem do lugar, mas **são** dele e quais são as vivências e existências no lugar Temeroso. O faremos à luz das possibilidades que o rádio comporta.

CAPÍTULO 3: Do rádio à *Internet*: transformações e nexos de lugar na/da Comunidade Patos Temeroso

Comunicar faz parte do processo de ser humano. É através de sons, gestos e imagens que o homem consegue ser mutável, transmitir sua cultura, captar de outros, mostrar-se. Dessa forma, a comunicação mediada, ou seja, quando há a intervenção de objetos, amplia-se esta forma de comunicar. O que antes poderia ser realizado apenas entre pessoas, sem mediações diretas, começou a ser modificado e com rapidez.

Não é a tecnologia que forma a sociedade. É a sociedade que desenvolve a tecnologia conforme as necessidades, valores e interesses daqueles que se apropriam das tecnologias. As tecnologias da comunicação e da informação, em especial, são compassíveis em relação aos usos da própria tecnologia. Podemos compreender que o desenvolvimento dessas tecnologias se deu por haver a necessidade de melhorar a conexão espacial.

O rádio, como tecnologia da informação, foi pioneira na intensificação desse processo. Através dele diferentes regiões foram conectadas, formando redes invisíveis ao olho nu, essenciais nesse processo.

Neste último capítulo pretende-se abordar as diferentes relações entre os sujeitos com o lugar, levando-se em consideração, principalmente, a mediação tecnológica na contemporaneidade. Além disso, leva-se em consideração as memórias e a formação das identidades dos *patenses* de forma a criar vínculos com a comunidade que não se desfazem mesmo na distância.

O propósito aqui é compreender como se revelam as relações entre os sujeitos da/na comunidade e com a mesma de forma a revelar os nodos socioespaciais que se configuram no lugar e sua relação para com o mundo. Dessa forma, entende-se que os *patenses* formam laços entre si e com seu lugar que ultrapassam as barreiras do tempo e do espaço.

Qual existência no e do lugar?

Viver em um lugar, estabelecer vínculos de pertencimento, requer muito mais do que apenas tê-lo como sua própria localização. As experiências vividas, as necessidades requeridas e as vontades de cada indivíduo influenciam na própria escolha de um, ou vários lugares para se ter como “seu”. Na contemporaneidade, o acesso à diversos lugares de uma forma mais rápida e dinâmica possibilita a fluidez e flexibilidade dos sujeitos perante o mundo.

No caso do Temeroso, por exemplo, no qual há uma ligação profunda dos sujeitos para com a comunidade, já discutido nos capítulos anteriores. Essas ligações, colocadas em fotos, narrativas e objetos, como o rádio, que os lembram de momentos felizes e, simultaneamente, rememoram que esses momentos já se foram, assim como a maioria das pessoas que fizeram parte dos mesmos.

Compreendemos que há uma diferenciação entre **ser** do lugar e **estar** no lugar e, os dois podem ser concomitantes ou não. Podemos **ser** do lugar e **estar** no lugar, bem como **estar** em um lugar, sem identifica-lo como tal, e, ao mesmo momento, **ser** de outro lugar.

Poucas línguas distinguem o verbo **estar** do verbo **ser**, e isso deriva da origem em latim ser do verbo *sum*, que significa, além de ser e estar, existir, viver, morar e haver (REZENDE, 2013). Nesse sentido, a multiplicidade de significados do verbo *sum* nos apresenta diferentes interpretações das existências humanas e das referências que os mesmos utilizam.

É necessário portanto, retomar o sentido de lugar. De acordo com Seamon (2014, p. 11), “phenomenologically, place is not the physical environment separate from people associated with it but, rather, the indivisible, normally unnoticed phenomenon of person-or-people-experiencing-place. This phenomenon is typically multivalent, complex and dynamic”¹¹¹. O lugar depende fundamentalmente das pessoas que a ele estão conectadas, sem as pessoas para experienciar o espaço o lugar é inexistente, apenas um ponto sem significado no espaço.

Karjalainen (2012, p. 5) aponta que, “em termos existenciais, o lugar é percebido como um conjunto de relações ambientais criadas no processo do habitar humano”. Tais relações são cotidianas e se referem tanto no campo individual, quando nas relações entre sujeitos e entre grupos. Tais relações são importantes na compreensão do lugar de cada um. No Temeroso, com o esgotamento de algumas relações, para alguns sujeitos o lugar se esvaziou, teve uma certa perda de sentido. Sobre tal questão S.A. reflete que,

*Se algum dia a gente desfazer daquele chãozinho lá nosso a gente pode í pra Uberlândia, Ituiutaba, porque aí Gurinhatã num vai tê mais sentido não,*¹¹²

Para ele Gurinhatã, em si só faz sentido com sua terra, localizada na comunidade do Temeroso, uma vez que sua casa passa a ser de outra pessoa, morar no município não teria mais razão, já que se trata de uma cidade com poucos recursos para ele e sua esposa que já estão mais velhos e necessitam de maiores cuidados. Assim ele **está** em Gurinhatã apenas por

¹¹¹ “Fenomenologicamente, lugar não é o ambiente físico separado das pessoas associadas a ele, mas sim o fenômeno indivisível, normalmente despercebido, de pessoa-ou-pessoa-experienciando-lugar. Este fenômeno é tipicamente multivalente, complexo e dinâmico” (SEAMON, 2014, p.11, tradução livre).

¹¹² Diálogo realizado em março de 2016.

uma necessidade mas ele **é** do Temeroso, a fazer com que a cidade só seja relevante para ele com a existência de sua residência que **é o seu** lugar.

Quando o sentimento de pertencimento, o indivíduo se sente um tanto quanto deslocado, ele não **é** do lugar, muda para o **estar no lugar**. Estar, dessa forma, é muito mais uma questão de localização, seja momentânea ou não. Morar, constituir família, viver em um determinado espaço, não significa necessariamente que eu me sinto daquele lugar, eu **estou** nele, mas **não sou** dele.

Conforme Dardel (2011, p. 41), “podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um *aqui* de onde se descobre o mundo, um *lá* para onde nós iremos”. A procura por um lugar pode ser constante, mas mesmo quando nos deslocamos, alguns lugares ficam na memória e a identidade com ele é mais sólida, uma vez que foi mais vivenciado e conhecido pelo indivíduo.

Nesses lugares construímos nossas vontades, desejos, nossas ligações, mas, por vezes, a conexão com o lugar não é exatamente presente, principalmente quando não é dotado de significados. Assim, Tuan (2011, p. 5), disserta que, “Lugar é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas”. No entanto, os significados podem demorar a aparecer e se intensificar, dotando assim, o sentido de **estar** no lugar. Igualmente, os vínculos estabelecidos com o lugar se arquitetam conforme o tempo.

Essas relações também adensam o sentido de pertencimento do lugar, ou seja, o **ser do** lugar, para o habitar do humano. De acordo com os geógrafos humanistas, no geral, é na casa, no lar, que os sujeitos constroem seus primeiros sentidos universais, suas primeiras referências. Ao deixar a casa, ao vender, o sentido de estar em um lugar diferente do que ele considera seu, apenas para estar próximo a sua casa, sua moradia, a ele perde a necessidade, por mais que seja dolorido tal questão.

É também na casa, no lar que se constroem os primeiros sentidos de identidades. De acordo com Relph (1976, p. 39), “Home is the foundation of our identity as individuals and as members of a community, the dwelling-place of being. Home is not something that can be anywhere, that can be exchanged, but an irreplaceable centre of significance”¹¹³. O lar e habitar são entendidos como elementos ontológicos e referenciais. É onde o indivíduo se

¹¹³ “Lar é a fundação de nossa identidade como sujeitos e como membros de uma comunidade, o lugar-habitar do ser. Lar não é algo que pode ser em qualquer local, que pode ser trocado, mas é um insubstituível centro de significados”. (RELPH, 1976, p. 39, tradução livre).

referencia para com o mundo, onde constrói sua identidade sozinho ou enquanto constituinte de uma comunidade.

Mesmo que haja seu deslocamento alhures o lar ainda continua a ser referenciado. Isso porque a construção de significados ocorre conforme sua vivência, no cotidiano, nas relações que são realizadas no lugar. Dessa forma, Relph apropriadamente afirma que “home in its most profound form is an attachment to a particular setting, a particular environment, in comparison with which all other associations with places have only a limited significance”¹¹⁴. (1976, p. 40).

O lar, quando mais profundo, quando comparado a outros lugares, residências, fica progressivamente imbuído de significados. E, por vezes, se conectar a outro lugar pode parecer difícil, com os sujeitos a construírem meios para suprir tais necessidades. Já de acordo com Buttimer (1985, p. 166),

Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa.

O habitar de cada um implica mais que apenas o aspecto físico do termo, implica, antes de mais nada, vínculos ambientais e comunitários. Também, implica em depósitos de significados durante a vida. E, dessa forma, na constituição de **ser** do lugar. Com o esvaziamento gradual da população do Temeroso, as relações comunitárias estão a se desfazer, as festas, as missas, estão a decair. S.A. fala que,

*Pra hoje mudô muito as coisa, Acho que mudô pra pior, Não pra melhor, Porque, Se acabou o pessoal de lá, né? Ficô ruim lá, Chega lá é aquela tristeza no Temeroso, Tem ninguém, As missa lá, Chega lá num tem ninguém, Agora acabô o pessoal, As coisa vai mudano, né, Questão de época, Antigamente tudo que ocê produzia ocê vendia, E tinha bons mercado, tudo,*¹¹⁵

As principais relações, para eles, já que vários interlocutores disseram considerações parecidas com a de S.A., eram gestadas nas missas, nas festas e nas atividades de produções agropecuárias que eram de maior intensidade. Para S.A, esses elementos adensavam o lugar e o sentido de **ser** do lugar, ele se sente pertencente Ao lugar e, ao ver tais crises decorrentes do êxodo rural ocorrendo de forma tão rápida na contemporaneidade faz com que ele queira deixar para a memória o que é bom, o passado.

¹¹⁴ “Lar em sua forma mais profunda é um vínculo a um meio particular, um ambiente particular, em comparação com qualquer outra associação com lugares, esses possuem um significado limitado”. (RELPH, 1976, p. 40, tradução livre).

¹¹⁵ Diálogo realizado em março de 2016.

Faz-se necessário sublinhar que lar, aqui, não é necessariamente no sentido de casa, é mais profundo que tal. **Ser** do lugar implica pertencimento, e, por vezes, a casa não faz parte desse sentido. Afinal, não são incomuns casos de violência doméstica, seja essa verbal ou corporal; o que faz com que o lugar seja associado a traumas.

Tal configuração depende, fundamentalmente da identidade. Se os sujeitos não constroem suas identidades com o lugar, tal significância ficaria perdida, sem referência.

Conforme Berdolay; Entrikin (2014, p. 110), “[,] o lugar repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer as ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente”. É na ligação complexa de sua identidade que o lugar é revelado e tido como **seu**, a referenciar seu cotidiano.

No entanto, conforme Relph (1976, p. 45), “possibly because it is so fundamental, identity is a phenomenon that evades simple definition, although some of its main characteristics are apparent.”¹¹⁶. A identidade, é complexa, de difícil obtenção de uma única definição ou categorização. Ela parte do indivíduo, de sua formação histórica e social e requer compreensão a partir de sua subjetividade.

Complementamos baseando-nos em Cruz(2007) para quem a identidade é um constructo subjetivo, a partir das representações, discursos, e sistemas simbólicos e não despreza as experiências objetivas e práticas sociais, sendo ela mutável e indefinida. Assim, a busca humana pela identidade é um processo contínuo de definir, reinventar e inventar sua história, a combinar o passado com o presente rarefeito (SASAKI, 2010). Essa característica mutável da identidade também possibilita que nossas referências ao longo da vida sejam passíveis de mutação.

De acordo com Buttimer, (1993, p. 32), “*Identity* subsumes the perennial interest that humans express in developing symbolic and cognitive modes of self-identification and an image of their place in the world”¹¹⁷. A partir da identidade, nós nos colocamos perante o mundo com nossa própria imagem de lugar. Tal referência nos possibilita nos mostrar perante o outro e ter nossa própria auto-referenciação.

Para Chaveiro (2014, p. 275), “nos lugares, o sujeito existe e o mundo mostra a sua identidade”. Aqui, sua identidade é referenciada pelo mundo, a partir do momento em que sua existência é compreendida subjetivamente no lugar. Sua abertura perante os outros expõe o sujeito e cria novas possibilidades para o mesmo.

¹¹⁶ “Possivelmente porque é tão fundamental, a identidade é um fenômeno que evade a definição simples, embora algumas de suas principais características sejam aparentes.”. (RELPH, 1976, p. 45, tradução livre).

¹¹⁷ “A *Identidade* agrupa o interesse perene que os seres humanos expressam ao desenvolver modos simbólicos e cognitivos de auto-identificação e uma imagem de seu lugar no mundo”. (BUTTIMER, 1993, p. 32. Tradução livre).

Já Castells (1999, p. 22), aponta que, a respeito dos atores sociais, “entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” Para o autor, a identidade é um constructo que se baseia em um determinado atributo cultural, ou seja, ela não é realizada pelo próprio ator em si, mas pelo grupo o qual ele está inserido.

Consideramos que a identidade, para o indivíduo, é vivenciada perante o mundo e de acordo com sua própria história. Mesmo que o aspecto da identidade seja fundamentalmente social e cultural, seu constructo se manifesta em sua subjetividade, no modo em que ele se representa perante o mundo. Conforme Berdoly e Entrikin (2014, p. 107),

O desejo de pertencimento do indivíduo ao grupo e do grupo ao meio pode ser compreendido como um processo essencialmente subjetivo, que está ligado à questão da identidade: quem sou eu? Essa subjetividade não chega, entretanto, a retirar de uma problemática social a questão da identidade, no sentido de que sua resposta implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de memória.

Para os autores, a identidade extrapola o campo individual em si e abrange o grupo. É pela identidade que as pessoas se sentem pertencentes a grupos de sujeitos que possuem proximidades com suas intencionalidades. Sem um grupo, os humanos se sentem sem solitários e com sua identidade em deriva. A.M. conta que,

Aquele tempo era tão bom, Se a gente fica conversando, nem gosta de falar que a gente já sente saudade, Você sente saudade das pessoas que a gente vivia junto, Era muita gente, aí você apanhava amizade com a pessoa e elas iam embora, de vez em quando eu converso, cadê fulano?

As pessoas adensam o lugar e este par é fundamental para a construção de identidade. A formação de grupos, para os humanos, é essencial para a constituição de comunidade, com interesses em comum. No Temeroso, a quantidade de pessoas que existia era suficiente e primordial para que as visitas ocorressem e, assim, os laços entre as pessoas daquela comunidade.

No entanto, a identidade também pode ser construída a partir de outros grupos, sem que esses grupos possam compreender seu sentido, o que pode ocorrer na deturpação identitária individual. Dessa forma, a identidade, por mais que requer condições subjetivas, também ocorre em decorrência do entendimento sociocultural dos sujeitos e dos grupos.

Para se entender a identidade, também é necessário levar-se em consideração a memória. De acordo com Candau (2014, 118), “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no

mundo”. Sem a memória, a identidade se esvai, já que seus significados e sentidos deixam de existir.

Em *Cowboy Bepob*, película de ficção científica futurista, ano de 2071, Vicent Volaju é retratado como um personagem sem memória e, o mesmo, se coloca sem identidade. Suas memórias, que se perderam devido à um experimento, levaram sua essência, sua real maneira de viver no mundo. Com uma pegada existencialista, o filme retrata também a falta de memória em outros personagens e o quanto tal ausência influencia em suas existências.

Dessa forma, a memória e a identidade adensam o sentido de lugar. Considerando que, conforme Tuan (2011, p. 14), o sentido de lugar é adquirido após um período de tempo, “geralmente, que quanto mais tempo permanecermos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente significativa se tornará para nós”. As memórias que são adquiridas ao longo da vida, compõem na significância do lugar, sejam elas boas ou ruins.

De acordo com Candau (2014, p. 18), “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade”. Ao ligar lembranças ruins, a memória pode também abalar a identidade, e, ao mesmo passo, o sentido de pertencimento ao lugar.

No entanto, uma vez que o lugar não é constituído meramente de apego, mas também pelo medo, quando a memória é povoada de memórias aterrorizantes, o sentido de lugar pode não ser mais o mesmo, e, por mais que o lugar ainda continue seu, a identificação com o mesmo pode sofrer mutações. Por outro lado, a memória tanto nos modela quanto é por nos modelada (CANDAU, 2014). Ela, assim como a identidade, também é mutável, mesmo que em menor nível.

A memória atende nossas intencionalidades, e, por vezes, apenas os bons momentos são guardados, por mais que a dificuldade exista, na beleza da memória, ela é apenas um borrão, que não elimina as coisas boas vivenciadas, quando benéfico para cada um.

Para o **ser** do lugar é fundante levar em consideração a identidade de lugar. Segundo Relph (1976, p. 57), “the identity of a place varies with the intentions, personalities, and circumstances of those who are experiencing it”¹¹⁸. A identidade de lugar, assim como a identidade do indivíduo/grupo, varia conforme as intenções, vivências e possibilidades daqueles que experienciam o lugar.

Seamon (2014, p. 17), aponta que,

¹¹⁸ “A identidade de lugar varia com as intenções, personalidades e circunstâncias daqueles que estão experimentando”. (RELPH, 1976, p. 57, tradução livre).

Place identity phenomenologically relates to the process whereby people living in or otherwise associated with a place take up that place as a significant part of their world. One unself-consciously accepts and recognizes the place as integral to his or her personal and communal identity and self-worth.¹¹⁹ (SEAMON, 2014, p. 17).

Ao se identificar com o lugar e reconhecer que faz parte da lógica do mesmo, tanto de forma corpórea quanto na consciência, o sujeito passa a traçar relações mais profundas com o mesmo, a constituir sua própria auto-estima. A identidade de lugar é essencial para compreender o **ser do** lugar, uma vez que se sentir parte do lugar alimenta a referência com o lugar.

Assim, a identidade de lugar faz presente na discussão na medida em que os sujeitos se reconhecem como pertencentes ao lugar Temeroso. Mesmo na dificuldade enfrentada de outrora, ainda é **seu** canto do mundo, sua fortaleza. Os sujeitos se referem, muitas vezes, ao passado como melhor do que o presente, mesmo que nele houvesse mais dificuldades.

Nesse sentido, outro elemento importante para a condição de **ser** do lugar é a Nostalgia. Conforme Lewicka (2014, p. 53), “Nostalgia is adaptive: it helps to put together broken parts, builds a bridge between past and present, increases self-esteem and life satisfaction, and reinforces social ties. One may expect that it will also strengthen bonds with the present residence place as well¹²⁰.” (LEWICKA, 2014, p.53). A nostalgia tanto colabora para a permanência do passado quanto para a construção de significados no presente.

No entanto, ela é vista pelas pessoas mais no primeiro aspecto do que no segundo. O fato de nós sempre referenciarmos no passado, principalmente os aspectos positivos, molda o sentimento de nostalgia e nossas lembranças sempre serão boas. A negatividade, na nostalgia, possibilita a mudança, faz com que o indivíduo queira permanecer no estado em que ele se encontra e não voltar ao passado. Esse é o sentimento de A.M.

Tem hora que a gente num gosta de falar porque a gente sente saudade. Cê sente saudade das pessoa que vivia junto, era muita gente então cê apanhava amizade daquelas pessoa que vivia junto.¹²¹

As lembranças são muito atreladas às pessoas, à convivência com o outro, com os vizinhos, as amizades que foram construídas. Dessa forma, a constituição de um lugar em

¹¹⁹ “A *Identidade de lugar* se relaciona fenomenologicamente com o processo pelo qual as pessoas que vivem ou se associam a um lugar ocupam esse lugar como uma parte significativa de seu mundo. Um indivíduo conscientemente aceita e reconhece o lugar como parte integrante se sua identidade pessoal e comunitária e sua auto-estima.” (SEAMON, 2014, p. 17, tradução livre).

¹²⁰ Nostalgia é adaptável: ela ajuda a colocar junto partes quebradas, construir pontes entre passado e presente, incrementar auto-estima e satisfação de vida e reforçar laços sociais. Pode-se esperar que ela também irá fortalecer os laços com o local de residência atual também (LEWICKA, 2014, p. 53, tradução livre).

¹²¹ Diálogo realizado em março de 2016.

comum, é, por vezes, ligada aos sujeitos, ao adensamento do lugar, de seus significados, de suas memórias.

Em uma comunidade, a convivência interpessoal é um dos elos mais importantes. Com a diluição desses elos, a ligação física, para ela, era mais dolorosa. Para A.M sair do lugar para alhures ainda que não pertença efetivamente, é um dos meios encontrados para diminuir o peso da solidão. Ainda que se desloque ocasionalmente para Temeroso para visitar sua família e amigos que ainda vivem na comunidade as lembranças do passado são mais fortes do que a realidade vivenciada.

A nostalgia possibilita essa dupla problemática: o alívio da lembrança, mas a dor do passado sem retorno. Saudade, mesmo que complexa, adensa o pertencimento ao lugar, ao mesmo momento em que alivia a dor do deslocamento, uma vez que, estando longe do lugar, as lembranças são atenuadas.

Nesse sentido, pensar em um lugar recuando no tempo, como o lugar de nascimento, lugar das lembranças, da memória, da identidade é mais fácil do que pensar no presente (MARANDOLA JÚNIOR, 2014). De acordo com o mesmo autor, o lugar “parece mais conectado a uma tradição, a uma experiência profunda de entrelaçamento com a terra. Um ritmo lento onde o sentido da permanência prevalece. Mas não apenas isso” (MARANDOLA JÚNIOR, 2014, p. 229). Conectado a um tempo mais lento, o lugar proporciona o recuo e os vínculos a ele.

Assim, conforme Escobar (2000, p. 170),

Sin embargo, el hecho es que el lugar continúa siendo importante en la vida de muchas personas, tal vez de la mayoría –al menos el lugar en tanto que experiencia de una localización particular con una cierta ligazón a la tierra, un cierto sentido de los límites y una conexión con la vida cotidiana, incluso si su identidad se construye continuamente, sin quedar nunca fijada¹²². (ESCOBAR, 2000, p. 170).

O lugar, para Escobar, é importante na constituição das pessoas e sua conexão é diretamente com a vida cotidiana, mesmo que a identidade seja continuamente construída. A identidade está diretamente conectada com o lugar, e, ambos, estão em processo contínuo de construção, mesmo que haja lugares específicos semi-identificados.

Relph pondera que “although one particular place may have quite different identities for different groups, there is nevertheless some common ground of agreement about the identity of that place. This is the consensus identity of a place, in effect its lowest common

¹²² “No entanto, o fato é que o lugar continua a ser importante na vida de muitas pessoas, talvez a maioria, pelo menos, o lugar como experiência de um local em particular com um certo apego à terra, uma sensação de limites e uma conexão com a vida cotidiana, mesmo se sua identidade é continuamente construída sem nunca ser definida”. (ESCOBAR, 2000, p. 170)

denominator”¹²³. (1976, p. 58). Um lugar tem significados diferentes para grupos distintos, e, ainda, dentro de um grupo, há distinção de sentidos para cada indivíduo.

No entanto, há uma identidade em comum com o lugar que une esse grupo. No caso do Temeroso, a proximidade das famílias e a vizinhança adensava o significado de lugar, especialmente nas reuniões frequentes na capela. De acordo com Buttimer (2015, p. 9), “Os significados de lugar para aqueles que vivem nele têm mais a ver com a vida e os afazeres cotidianos do que com o pensamento”. O lugar é constituído a partir das vivências do hodierno.

Se o mesmo é alterado, o sentido de lugar também o é. O indivíduo que constrói seu lugar em determinado local do espaço e depois se retira para outro local por motivos alheios à sua vontade, se sente muitas vezes desgarrado, como se suas opções estivessem esgotadas. Segundo I.F.,

*Lá era muito vizinho e platanva muita roça, né. Dia de domingo a gente ia encontrar com as amigas para passear na casas umas das outras. Trocava pouso, um dia a gente ia para lá, outro dia elas vinha para cá, né. Lá era bão, era bão mesmo. Agora eles fala que lá não tá muito bão não. Tá pouca gente né,*¹²⁴

O cotidiano dos sujeitos em Temeroso era repleto de trabalho na roça e descanso no domingo, prática possibilitada pela quantidade de gente que existia no lugar. Assim, a quantidade de gente que morava no lugar é constantemente mostrada em lembranças positivas e a falta, lembranças negativas. A experiência cotidiana, ao ser modificada, fez com que muitas pessoas se sentissem impelidas no êxodo rural, para a cidade de Gurinhatã ou para outras cidades.

Assim, mesmo que eles tenham migrado pelas falas é nítido que o sentimento de pertença é com o Temeroso, não com sua casa atual, por mais que haja algumas conotações com a atual moradia. Dessa forma, eles **são** do Temeroso, mas **estão** em outros locais.

Na atualidade, o sentido de **ser** e **estar** no lugar é intensificado pelas tecnologias da comunicação, na medida em que elas modificam as formas de comunicar e possibilitam a passagem por vários lugares, sejam estes materiais ou virtuais. O contato mais direto com seu lugar pode possibilitar fortalecimento dele e o enfraquecimento do lugar no qual o indivíduo se localiza fisicamente.

No caso do rádio, como foi mostrado, pelos recados e notícias, os *patenses* se conectavam de forma a estarem em contato frequente com **seu** lugar. Para além desta mídia, a

¹²³ “Embora um determinado lugar possa ter identidades muito diferentes para diferentes grupos há, no entanto, algum ponto comum de acordo sobre a identidade desse lugar. Esta é a identidade de consenso de um lugar, na verdade seu menor denominador comum”. (RELPH, 1976, p. 58, tradução livre).

¹²⁴ Diálogo realizado em março de 2016.

internet possibilita tal formato em tempo mais real e em contato direto. As notícias são mais pessoalizadas, e o contato pode ser tido mesmo por uma imagem de satélite.

No entanto, a base, até agora deve ser a compreensão de **ser** e **estar** no lugar que podem ser aumentados graças às tecnologias da informação e comunicação. Mas que, antes, o ser e o estar derivam das interconexões que os próprios sujeitos fazem em seus cotidianos. Dessa forma, há, no sentido de **ser do** lugar, objetos e mesmo situações que facilitam a conexão do indivíduo com o lugar.

Tais situações são **âncoras** do lugar que fundamentam os significados do lugar e que nele se respaldam. A âncora, como em um barco, é memória e apoia determinadas lembranças e reforçam os vínculos com o lugar. Nesse olhar, podemos pensar: quais são as principais âncoras com o lugar para os moradores do Temeroso? Qual é a fundamentação da âncora? Como se manifesta sua presença em outros lugares?

Rádio como âncora do lugar

O rádio, muitas vezes, é visto como um símbolo vivo do passado e retém lembranças que são abraçadas pelo indivíduo por meio da memória. Vários objetos agem nesse sentido, a depender da importância que ele dá ao mesmo. A foto, para ilustrar, de uma forma mais nítida, guarda as lembranças que ativam na memória momentos bons ou ruins, com a intenção das mesmas não se perderem no tempo e no espaço.

Para além de um meio de comunicação, para muitos, o rádio é um objeto que guarda lembranças do passado e que, seja pela transmissão das músicas ou pelo simples fato de ao ligá-lo transportar os sujeitos para o passado, como uma ponte. Nesse sentido, ao alinhar o sentido de **ser do** lugar, a **âncora** do lugar faz-se passível de investigação para as dinâmicas que ocorrem no Temeroso.

Antes, para que o objeto, seja o rádio, seja a foto, ou outros objetos, ocupem a configuração de âncora do lugar, o vínculo com o lugar do indivíduo deve existir. Se a identidade também é fundamental, o vínculo de lugar possibilita não apenas o apego ao lugar, mas diferentes modos de vinculação com determinado espaço. O vínculo para Lewika (2014, p. 51),

Place attachment has a temporal dimension: it implies continuity of the relationship with the attachment object, connects its present to its past, with the hope that this

relationship will continue in the future. This sense of continuity can be obtained through a variety of means¹²⁵.

O vínculo, nesse sentido, ultrapassa o sentido de temporalidade, é capaz de ligar o passado com o presente e possibilitar intenções para o futuro, em uma espécie de tempo não-linear. Esse vínculo pode ser permanente ou não, mas sua permanência depende da cotidianidade dos sujeitos e de suas intencionalidades para com seu lugar.

Por vezes, *attachment* é visto como apego, no sentido de apenas pelo apego que o indivíduo se vincula ao lugar, no entanto, há vários aspectos do lugar que devem ser considerados para que se compreenda o vínculo com o lugar para além do apego, sendo esse, apenas um deles. De acordo com Seamon, (2014, p. 12),

Place attachment is interdependent with other aspects of place – for example, geographical and cultural qualities, relative rootedness in place, degree of personal and social involvement, quality of life, environmental aesthetics, individual and group identity with place, and so forth. Place attachment is part of a broader lived synergy in which the various human and environmental dimensions of place reciprocally impel and sustain each other¹²⁶.

O vínculo com o lugar transcende apenas um aspecto do lugar. É interpretado como uma amplitude da vinculação do indivíduo com o lugar. Pode, e deve, ser compreendido como as relações socioculturais que ocorrem no lugar. A identidade é construída de modo individual e coletivo, com o cotidiano, com as intencionalidades dos sujeitos e todas as relações que ocorrem no lugar.

Dessa forma, o vínculo com o lugar leva em consideração as tensões que nele podem ocorrer, nas diferenciações de vivência, nas articulações de ideias e, principalmente, nos deslocamentos que ocorrem no espaço. Risbeth (2014, p. 108), disserta que, “place attachment develops as an embodiment of choices of participation and individual movements, interweaving a personal sense of identity with that of belonging and attachment to a specific neighborhood or city”¹²⁷. A ligação dos sujeitos na comunidade Patos formou laços comunitários que ultrapassaram as barreiras do tempo e do espaço, se instalando na memória e nos próprios modos de ver o mundo dos sujeitos.

¹²⁵ “O vínculo de lugar tem uma dimensão temporal: implica a continuidade da relação com o objeto de vínculo, conecta seu presente ao seu passado, com a esperança de que essa relação continue no futuro. Este sentido de continuidade pode ser obtido através de uma variedade de meios”. (LEWICKA, 2014, p.51, tradução livre).

¹²⁶ “O vínculo de lugar é interdependente com outros aspectos do lugar – por exemplo, qualidades geográficas e culturais, relativo enraizamento no local, grau de envolvimento pessoal e social, qualidade de vida, estética ambiental, identidade individual e grupal com lugar e assim por diante. O vínculo de lugar faz parte de uma sinergia vivida mais em que as áreas dimensões humanas e ambientais do lugar impõem e se sustentam reciprocamente”. (SEAMON, 2014, p.12, tradução livre).

¹²⁷ “O vínculo do lugar desenvolve-se com uma encarnação de escolhas de participação e movimentos individuais, a entrelaçar um sentido pessoal de identidade com o de pertencer e apego a uma vizinhança ou cidade específica”. (RISHBETH, 2014, p.108, tradução livre).

Relph (1976, p. 38), concorda com Seamon ao afirmar “to have roots in a place is to have a secure point from which to look out on the world, a firm grasp of one’s own position in the order of things, and a significant spiritual and psychological attachment to somewhere in particular”¹²⁸. Formar raízes no lugar implica em ver o mundo por meio daquele lugar. Por mais que experieça outros espaços, é naquele em específico que ele se abre ao mundo.

Mesmo que **seu** lugar seja visto pelo de fora como um espaço insignificativo, para o morador do lugar ele, é cheio de significado e relações, mesmo que não queira retornar por conta de condições físicas e materiais. As migrações do indivíduo produzem relações diversas, mas para que a ligação solidifique é necessário reconhecer o passado, ter consciência dele. De acordo com Lewicka (2015, p. 51),

A conscious focus on the past may be a successful means of restoring disrupted place continuity among mobile individuals. Memory is a ‘glue’ that connects people to their places. However, some types of this ‘glue’ seem to be more dependent on residence duration than others¹²⁹.

Ter consciência de passado faz com que sua ligação com o lugar permaneça forte. No entanto, em alguns casos, a permanência dessa trama parece se desfazer com maior facilidade na medida em que o indivíduo constrói outras ligações com lugares diferentes. A memória é fundamental para tais situações.

Silva (2015, p. 30) disserta que, “o papel da memória, apoiada nos lugares, e nos ambiental é reconduzir a nós mesmos e aos lugares seguros”. É pela memória que nos transportamos para lugares que nos fazem bem, que nos conectam às relações que são mais bem-vindas do que determinadas outras. No entanto, ela também nos conduz para lugares que contrapõe ao presente, de forma a modificar certas relações.

Além disso, lembrar do passado, ter uma ponte entre passado e presente, com certas expectativas para o futuro, faz com que a consciência da duração seja, de certa forma, atemporal. Candau (2014, p. 88) nos alerta sobre o tempo e a consciência,

De fato, a consciência do passado não é a consciência da duração; e se nos lembramos de acontecimentos passados, não temos a memória de sua dinâmica temporal, do fluxo do tempo cuja percepção, como sabemos, é extremamente variável em função da densidade dos acontecimentos.

¹²⁸ “Ter raízes em um lugar é ter um ponto seguro a partir do qual olhar para fora no mundo, uma firme compreensão da própria posição na ordem das coisas, e um vínculo significativo espiritual e psicológico em algum lugar em particular”. (RELPH, 1976, p. 38, tradução livre).

¹²⁹ “Um foco consciente no passado pode ser um meio bem-sucedido de restaurar a continuidade do lugar interrompido entre os sujeitos móveis. A memória é uma ‘cola’ que conecta as pessoas aos seus lugares. No entanto, alguns tipos de ‘cola’ parecem ser mais dependentes da duração de residência do que outras”. (LEWICKA, 2014, p.51, tradução livre)

Nas narrativas apresentadas, por vezes, é possível se perder nas temporalidades, uma vez que não se tem o ano em específico e os diálogos se misturam com aqueles do presente. No entanto, tal questão nos possibilita pensar na percepção de tempo de cada indivíduo e em como eles adensam suas lembranças a certos acontecimentos e fatores em comum, como as relações socioculturais por exemplo.

Tal questão também proporciona a criação de certos marcos, que são pontes mais ativas e que nos fazem transportar para determinados lugares e/ou situações. Dessa forma, o vínculo com o lugar se faz essencial para que tal questão exista, uma vez que as ligações são feitas por momentos que possuem mais significados aos sujeitos. Para J.D.,

Eu gosto de muita coisa aqui. Gosto da minha família em primeiro lugar, mais tem uma outra coisa aqui que é o meu gado. É as minhas vaca. Eu, sô acho que se eu levantar cedo e nun misturar com aquela, tá errado. Né, mais gostá mesmo, gosto demais da minha família, sou muito satisfeito. Meus vizinho aqui, tudo bão., o lugar que é da gente, é a confiança que a gente tem no lugar da gente.¹³⁰

Este *patense* confessa que a marca é dada pelo seu gado, e o lugar é marcado pelo senso de segurança transmitido pela vizinhança que já é antiga, e conhecida. Dessa forma, o lugar, para ele é sua casa, sua família, o cotidiano baseado em seu gado. Ele, que ainda se localiza na comunidade, cria vínculos com tais aspectos e, dessa forma, constrói uma memória baseadas principalmente neles.

No geral, quando nos conectamos a objetos, pessoas ou paisagens, elas possuem significados diferenciados, a depender da lógica em que nos encontramos, bem como dos momentos que são vivenciados. Para Relph (1976, p. 38), lugares implicam objetividades e subjetividade,

The places to which we are most attached are literally fields of care, stings in which we have had a multiplicity of experiences and which call forth an entire complex of affections and responses. But to care for a place involves more than having a concern for it that is based on certain past experiences and future expectations – there is also a real responsibility and respect for that place both for itself and for what it is to yourself and to others¹³¹.

Os “campos de lugares” que mais cuidamos são aqueles que nos possibilitaram experiências mais intensas e vívidas de forma a continuarem a se reproduzir ao longo da vida. Para que tal lugar continue vívido, por vezes nos separamos de alguns objetos ou mesmo nos

¹³⁰ Diálogo realizado em abril de 2016.

¹³¹ “Os lugares aos quais estamos mais ligados são literalmente campos de cuidados, picadas nas quais tivemos uma multiplicidade de experiências e que invocam todo um conjunto de afeições e respostas. Mas cuidar de um lugar envolve mais do que ter uma preocupação com isso, que se baseia em certas experiências passadas e expectativas futuras – há também uma verdadeira responsabilidade e respeito por esse lugar tanto por si mesmo quanto pelo que é para si mesmo e para os outros”. (RELPH, 1976, p. 38, tradução livre).

conduzimos a não escutar ou ver determinadas paisagens que nos remetem às lembranças que rejeitamos, guardando, assim, o lugar.

A **âncora** de lugar tanto marca boas lembranças como más memórias, mas sempre a remeter o lugar vinculado ao indivíduo. Tal formulação corrobora para compreender o apego e a necessidade que algumas pessoas possuem em guardar certos objetos, ou mesmo se afastar de outros.

Para que o vínculo de lugar seja constituído, a memória se faz presente e necessária. Segundo Rishbeth (2014, p. 108), “the role of memory in place attachment is not a simple representation of nostalgia, but one form of creative process that aids engagement between the local and the transnational”¹³². Pela memória o indivíduo (re)cria estratégias de permanência no lugar para que o mesmo continue a se solidificar e, nas relações contemporâneas, ultrapassar barreiras fronteiriças e distâncias..

Rishbeth (2014), efetuou um interessante projeto denominado *Walking Voices*¹³³, realizado no Reino Unido com imigrantes de países distintos. Na execução os pesquisadores entregaram gravadores para os alguns moradores que se deslocaram de outros países, por razões diversas, para a cidade de Sheffield, norte da Inglaterra.

Nas gravações, cujo acesso é possível pelo *site* do projeto¹³⁴ os sujeitos transcreviam os lugares na cidade que mais lhes lembravam de sua terra natal. As memórias foram transmitidas pela *BBC Radio Sheffield* a fim de disseminar para um público para além dos imigrantes. Segundo a pesquisadora, com a transmissão das narrativas foi possível divulgar a vivência dos imigrantes para os residentes da cidade e, dessa forma compartilhar histórias.

Pela metodologia adotada os sujeitos tinham que se deslocar para o local que os lembrava de **seu** lugar a fim de transcrever e comunicar a história ligada a ele. Várias histórias se referem a lugares de descanso, ou de moradia. São lugares que lhes fazem falta, mas que, ao lembrar, por meio de imagens, sons, texturas, que os remetem a **seu** lugar o deslocamento parece que a ausência fica mais amena.

Esses locais são como **âncoras** que ligam os sujeitos ao passado, ou mesmo a um presente mais forte, conectando lugares. Geralmente, quando nos deslocamos, mesmo para viagens, tentamos nos referenciar em locais que nos remetem ao **nosso** lugar. Por meio da paisagem visitada, criamos pontes que conectam nosso presente ao nosso passado, com intuito de arrefecer a saudade.

¹³²“O papel da memória no vínculo com o lugar não é uma simples representação da nostalgia, mas uma forma de processo criativo que auxilia o engajamento entre o local e o transnacional”. (RISHBETH, 2014, p.108, tradução livre).

¹³³ Vozes itinerantes.

¹³⁴ Acesso pelo site: www.walkingvoices.group.shef.ac.uk

No entanto, quando o local nos remete lugares de memórias negativas, construídas pelo medo, pelo incomodo, as paisagens rememoradas nos transtornam, de modo a posicionar a desconfiança como elemento central e mesmo nos negando a nos transportar para esses locais. Dessa forma, a paisagem também se torna fundamental para a compreensão da **âncora** do lugar, já que, por meio dela é possível (re)criarmos situações e conectar lugares.

De acordo com Dardel (2011, p. 31), “A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar”. É, nesse sentido, um palimpsesto repleto de cores, sons, texturas e movimentos que são constituídos pelo próprio indivíduo e são por ele representada. A paisagem se dá a partir da inserção do humano no mundo, de forma a conectar o seu mundo com outros mundos.

A paisagem, possui fundos reais ou imaginários, como no caso de sonhos por exemplo, que compõem a complexidade do espaço e que fazem dele repleto de significados. A paisagem, aliada ao lugar, proporciona ligações íntimas, realizadas por cada indivíduo de acordo com suas intencionalidades.

Conforme Tuan (2012, p. 139), “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos”. Por essa racionalidade, pode ser pessoal quando ela está conectada com lembranças de acontecimentos diversos e individuais. A **âncora**, portanto, nos conecta primordialmente a paisagens íntimas que nos remetem a nosso lugar.

As lembranças então são fontes que a memória possuiu a fim de conectar pontos, laços e nós. Candau (2014, p. 15), considera que “a memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”. Reviver o passado, seja ele distante ou mais próximo, pode produzir efeitos diversos nos sujeitos. No geral, nossas lembranças positivas nos deixam mais felizes e, por isso, o acesso a elas é mais comum e rápido.

Nesse olhar, as lembranças constituem também importante vínculo de lugar, e faz por ele necessária existência. De acordo com Lewicka (2014, p. 49), “place attachment implies ‘anchoring’ of emotions in the object of attachment, feeling of belonging, willingness to stay close, and wish to return when away”¹³⁵. As emoções, o sentimento de pertencimento, a vontade de permanecer próximo são guardadas através dos objetos de lembrança, que guardam as memórias do lugar.

¹³⁵ “O vínculo de lugar implica a ‘ancoragem’ das emoções no objeto de apego, o sentimento de pertencer, a vontade de permanecer próximo e o desejo de retornar quando estiver longe”. (LEWICKA, 2014, p. 49, tradução livre).

Tal fato é explorado na película *Radiopetit*, filme indiano de 2015. O diretor *Hari Viswanath* pela história de um senhor de mais de 70 anos, apresenta o vínculo dele com o rádio que mantém valvulado como uma constante lembrança de seu pai ao ouvi-lo todos os dias. Quando rádio é destruído por seu filho, ele desenvolve uma doença que reproduz em seus ouvidos estações de rádio, como se ele próprio houvesse transformado no aparelho.

Tal ocorrência teria sido estimulada por ter visto outro rádio, parecido com o seu, em uma barbearia. A lembrança do rádio, depois de anos depois de ter sido destruído, fez com que sentisse sua falta e produzisse lembranças dolorosas do rádio de seu pai. Tal enfermidade traz consequências: as pessoas que o envolvem acreditam que ele está louco e sua vontade de sempre estar em sintonia o deixa mais frágil à realidade que o entorna.

Assim como em *Radiopetit*, vários sujeitos do Temeroso guardam no aparelho as lembranças de momentos que lhe trazem memórias mais agradáveis, sendo que alguns preferem não mais usar o aparelho a fim de que as alegrias não se percam na tristeza. Isso nos relata I.F.,

*Os rádio ta aí, mas zangou tudo né. Então era assim, para falar assim, eu ainda tenho um aqui, mas quase não gosto de ligar. Eu gosto mais é de pegar a Cancela, a Nova Horizonte que é daqui NE. Mas, depois que o Joãozinho mais o Manezinho faleceu fiquei achando ruim de ligar, escutar música né. Que aí sai aquelas música antiga, do tempo que era tudo sadio, tudo lá junto aí eu lembro deles.*¹³⁶

No caso, as lembranças são atreladas à música, às músicas que aqueles que já se foram gostavam. As memórias que são colocadas, são aquelas que ligam outros sujeitos significativos ao cotidiano radiofônico. O rádio, logo, ancora memórias tanto dos lugares como objeto e como mídia que conectam os sujeitos à música.

Se um lugar de memória é onde a memória trabalha, salienta Candau (2014), o lugar de memória de I.F. consiste nas lembranças do Temeroso de quando tinha gente e possibilidades diversas de vivência, suas memórias são ligadas aos seus amigos e parentes. A morte faz com que o indivíduo, por vezes, guarde apenas as lembranças positivas ligadas às pessoas que faleceram.

A música permite também uma ligação única do indivíduo com seu lugar, a paisagem sonora, possibilitada pelo som, faz com que as viagens ao passado sejam de mais fácil acesso, e guardam fortes lembranças ligadas diretamente com outros sujeitos e ou com lugares específicos.

¹³⁶ Diálogo realizado em março de 2016.

Na opinião de Tuan (1982, p. 115), “the world of sounds lacks definition. Sound, even when it is perceived to emanate from a specific source, fills space and tends to envelop the listener”¹³⁷. O som, no caso representado pela música, possibilita um denso envolvimento do indivíduo com momentos comunitários, em que as pessoas queridas estavam vivas e que o próprio lugar era vívido. Para I.F., escutar determinadas músicas é dolorido. Mais do que a lembrança das pessoas que são conectadas diretamente com determinadas composições, elas conectam ao lugar, uma vez que é no lugar que a cotidianidade, os laços comunitários do Temeroso se desdobram.

Para além da imagem as sonoridades do lugar são importantes para a compreensão do próprio lugar. E, no caso, são fundamentais o entendimento de âncora do lugar. “Sound is dynamic. It generates a sense of life”¹³⁸ (TUAN, 1982, p. 115), ao dinamizar o lugar, por meio dele construímos relações intrapessoais e extrapessoais. Não sem razão, uma de nossas principais formas de comunicação se dá pela emissão de sons, pela fala e pela escuta.

O rádio, nesse sentido, transformou os nexos comunicacionais dos sujeitos e ainda possibilita relações diversas por meio da transmissão das músicas de forma mais dinâmica. Se antes a música era conhecida apenas por meio daqueles que a compunham ou que as cantavam, com o rádio, as canções aumentaram consideravelmente e os cantores se multiplicavam na vivência dos moradores.

Dessa forma, a ligação com o lugar, nos *patenses* também se arquiteta pelos sons, pelas músicas. As lembranças também são pautadas na mesma, e são guardadas com carinho para que não se percam ou mesmo não mudem de significado.

Assim, o rádio, no Temeroso, principalmente para os mais velhos, é dotado de imensos significados, que vão para além da possibilidade comunicacional. Os rádios são também marcos de memórias, de momentos bons e ruins, que alimentam a ligação com o lugar Temeroso.

No entanto, essas **âncoras** do lugar ganham novas cores, sons e ritmos na contemporaneidade comunicacional, já que as ferramentas de alimentação aumentaram, do rádio, para a televisão e mais recentemente a *Internet*. Tais considerações são importantes para pensarmos o lugar a partir de suas dinamogênias possibilitadas pelas transformações comunicacionais que ocorreram ao longo dos anos no mundo e, mais especificamente, no Temeroso.

¹³⁷ “O mundo dos sons não tem definição. O som, mesmo quando é percebido como emanando-se de uma fonte específica, enche o espaço e tende a envolver o ouvinte”. (TUAN, 1982, p. 115, tradução livre).

¹³⁸ “Som é dinâmico. Ele gera um senso de vida”. (TUAN, 1982, p. 115).

O rádio, que por muito tempo foi um dos únicos meios de comunicação para longa distância para os sujeitos do Temeroso cede e perde espaço para outras formas de comunicação, que são visuais e mais dinâmicas. No entanto o mesmo ainda permanece na comunidade, seja pela memória, seja pela presença material, e ainda no curral ou na cozinha, mas de forma menos proeminente.

Dessa forma, compreende-se que as mudanças que alteraram as dinâmicas socioespacial da comunidade derivaram, principalmente, da saída dos sujeitos do lugar e não necessariamente da inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação. Essa última, pelo contrário, corroborou para que ainda houvesse interação entre aqueles que saíram e os que ficaram.

Nesse olhar, como se manifesta a dinamogenia do lugar na contemporaneidade comunicacional? Responder esta questão implica em discutir como o lugar Temeroso é mostrado para o mundo e como ele é vivenciado pelos sujeitos do lugar, essas relações configuraram, como e quais são as continuidades histórias das tecnologias da comunicação e informação,

O lugar na contemporaneidade comunicacional: ritmos e dinamogenia do lugar

Para compreendermos a contemporaneidade do rádio e sua importância para os dias atuais, é necessário refletir também com as mudanças tecnológicas da comunicação e informação alteram nossa percepção de espaço e tempo. O rádio, como evidenciado, foi inserido em diferentes momentos em relação ao mundo e o Brasil e na comunidade Temeroso.

No entanto, temos dois marcos principais que alteraram as dinâmicas que o rádio possibilitou: a televisão, possibilitada pela inserção da energia elétrica em Temeroso e a *Internet*, inserida mais recentemente a fazer com que surgissem novas lógicas comunicacionais. No entanto, assim como na tecnologia radiofônica, a *internet* foi inserida em momentos distintos daqueles que constam nos livros de história ou em páginas da internet.

A televisão, que começou a circular no Brasil em 1950, em São Paulo e no Rio de Janeiro (BARACHO, 2007), na comunidade do Temeroso apareceu nas casas na década de 1980. Isso se deve pelo aparecimento da energia elétrica que instalou-se na casa dos *patenses* na mesma década. J.D narra o impacto da energia elétrica em Temeroso,

Aí nois, quando nois pusemo energia, eu não sei se foi em oitenta é, foi na década de 80, eu nun lembro certim mais. Aí já veio, nois tinha um rádio, aí já compramo uma televisão. Mais o lugar de receptação da televisão era longe demais aqui, inda é até hoje. Existe lá, só que lá não funciona mais como antena de televisão, hoje lá é telefone. E aqui pra nois não pegava que presta né, era muito ruim o sinal e

*televisão, Mas a copa de 86 eu vi ela aqui em casa, aquilo riscado assim né, mas vi aqui em casa, mas muito ruim.*¹³⁹

Mesmo que a televisão tenha sido importante para que os moradores da comunidade pudessem ver a copa de futebol, que para vários marcou a entrada do aparelho na comunidade, mais importante ainda foi a instalação da energia elétrica, que possibilitou tal tecnologia. Dessa forma, a televisão, que no começo era apenas na cidade, adentrou a comunidade do Temeroso, com a desconfiança dos moradores, como mostrado nos capítulos anteriores.

No entanto, mesmo com essa desconfiança, a televisão se inseriu nas casas aos poucos, tomando o espaço que antes era do rádio, principalmente nos horários de notícias e novelas. E, para algumas pessoas, a principal mudança se deu pelo fato de que com a televisão o mundo chegava mais ainda as casas dos sujeitos. Dessa forma, se com o rádio a vivacidade comunitária continuava, com a televisão, especialmente com sua difusão, os laços causados pelas visitas diminuíram aos poucos até que, com o telefone e com a internet, instaladas em cada casa tais relações diminuíssem ainda mais. Segundo A.B.,

*Tempo bão era esse, quando só tinha o rádio. A televisão já fez a gente largar o rádio. O povo ficava o dia todo na televisão, com a televisão a gente tinha o mundo dentro de casa.*¹⁴⁰

Para ela, o rádio era mais importante, mesmo que com a televisão o mundo fosse quase que transportado para dentro de casa. No entanto, foi com o rádio que as experiências começaram. O rádio, dessa forma, passou a operar em segundo plano, já que com o novo aparelho era possível ver e ouvir (TEIXEIRA, 2012).

Ter o “mundo dentro de casa” significava ter acesso a vários acontecimentos ao redor do mundo. Tais possibilidades fizeram com que a percepção sobre o Temeroso fosse modificada. Saber como eram diversas cidades do Brasil, as diferenças entre elas e a comunidade penetraram-se no imaginário dos sujeitos de modo a começarem a comparar seu lugar de morada com outros locais do mundo. Essa relação perceptivo-espacial desdobra sentimentos que materializam novas carências e sentidos ao lugar.

Idhe (1990, p. 112), destaca que “different technologies affects environments differently. They exhibit unique forms of non-neutrality through the different ways in which

¹³⁹ Diálogo realizado em abril de 2016.

¹⁴⁰ Diálogo realizado em julho de 2016.

they are interlinked with the human lifeworld”.¹⁴¹ Cada tecnologia altera o ambiente no qual ele se encontra de modo único, bem como é alterado diferente por cada tipo de tecnologia.

Enquanto o rádio alterou a perspectiva dos sujeitos de uma maneira mais brusca, com alguns a tentar compreender como tinham pessoas a cantar dentro de uma pequena caixa, a televisão já modificou mais significadamente o cotidiano das pessoas da comunidade. Ambas as tecnologias alteraram o modo de ver e perceber o lugar, uma em intensidade diferente da outra em diferentes aspectos.

No entanto, no começo da televisão, na zona rural as transmissões ainda não eram de qualidade (em alguns casos sequer chegavam ao receptor), e os preços dos televisores eram maiores. No Temeroso ainda há dificuldade de recepção tanto do rádio quanto da televisão conforme salienta J.D. Dessa forma, a percepção deles em relação às essas tecnologias é diferente daquela tida em um ambiente urbano, em que a recepção é melhor.

A televisão, diferente do rádio, mostra informações mais genéricas e, por isso, revela o “mundo” de forma mais geral. McLuhan (1964, p. 260), afirma que “Em lugar de apresentar um argumento ou uma visão particular, ela oferece um modo de vida que é para todos ou para ninguém. Apresenta esta perspectiva com argumentos que só se referem a assuntos triviais e irrelevantes”. Na contemporaneidade, quando o avanço tecnológico é muito maior, há os canais de televisão, especificamente regionais, que mostram notícias mais próximas dos sujeitos. No entanto, como não há um contato próximo do indivíduo com a televisão, como passar mensagens, por exemplo, o que a diferencia do rádio, especialmente nas comunidades rurais em que o convívio pela vizinhança é um elemento importante, é a individualização das programações.

Por se localizar em meio às serras, o sinal que chega à comunidade é dificultado por elevações, de modo a forçar que a antena de recepção tenha que ficar em um lugar mais alto para que possa conseguir uma qualidade de sinal um pouco melhor. A antena mencionada fica na Capela, local de reunião da comunidade. No fim da década de 1990 foi instalado um orelhão no local para facilitar a comunicação local com os sujeitos fora do Temeroso. De acordo com S.A.,

Então a notícia mais distante no caso teria que cê pelo rádio, né? A gente tinha a rádio Platina, falava de Ituiutaba, Que era que fazia os convite, que tinha tudo e depois que vem vino, Começo a vim os telefone e os orelhão da cidade começou a vim pra roça os orelhão, e vem mudanô agora os orelhão tão cabano e todo mundo tem celular, E na zona rural também todo mundo tem celular, Inclusive na Capela nós coloco o orelhão lá, falava bem, Depois que eles colocaro as torre repetidora para os telefone. Ai agora facilitou os meio de comunicação.¹⁴²

¹⁴¹ “Tecnologias diferentes afetam meios de modos diferentes. Elas exibem formas únicas de não-neutralidade por meio dos diferentes modos em que elas se interligam com o mundo vivido humano.” (IDHE, 1990, p.112, tradução livre).

¹⁴² Diálogo realizado em março de 2016.

Se antes as notícias mais distantes eram recebidas apenas pelo rádio na contemporaneidade, são transmitidas e recebidas via telefonia, antes por orelhão e mais recentemente pelos celulares, com a inserção da torre repetidora. Mesmo que a telefonia móvel ainda não seja captada com qualidade, a possibilidade de se ter em casa já colaborou para a intensificação dos meios de comunicação.

Já no começo do século XXI, algumas casas começaram a instalar telefones celulares em suas residências. Essas linhas são providas por apenas uma companhia, a Companhia Telecomunicações do Brasil Central (CTBC), e atualmente parte da empresa Algar Telecom, com sede em Uberlândia-MG. No entanto, os celulares são acoplados a uma antena específica.

Com os celulares, algumas casas instalaram internet e compraram computadores e *notebooks*. Tal tecnologia da comunicação e informação entrou em voga no Brasil desde a década de 1980 e espalhou pelas casas de milhares de brasileiros na década de 1990. Com ela, o acesso às informações foi inúmero e a facilidade comunicacional com vários sujeitos ao redor do mundo foi mais intensificado, a poder conhecer, mesmo sem reconhecer efetivamente. E.A. discorre que,

*Aqui nós tem internet faz um tempo já. Eu gosto de tá sempre atual. A gente fala com todo mundo pela internet agora.*¹⁴³

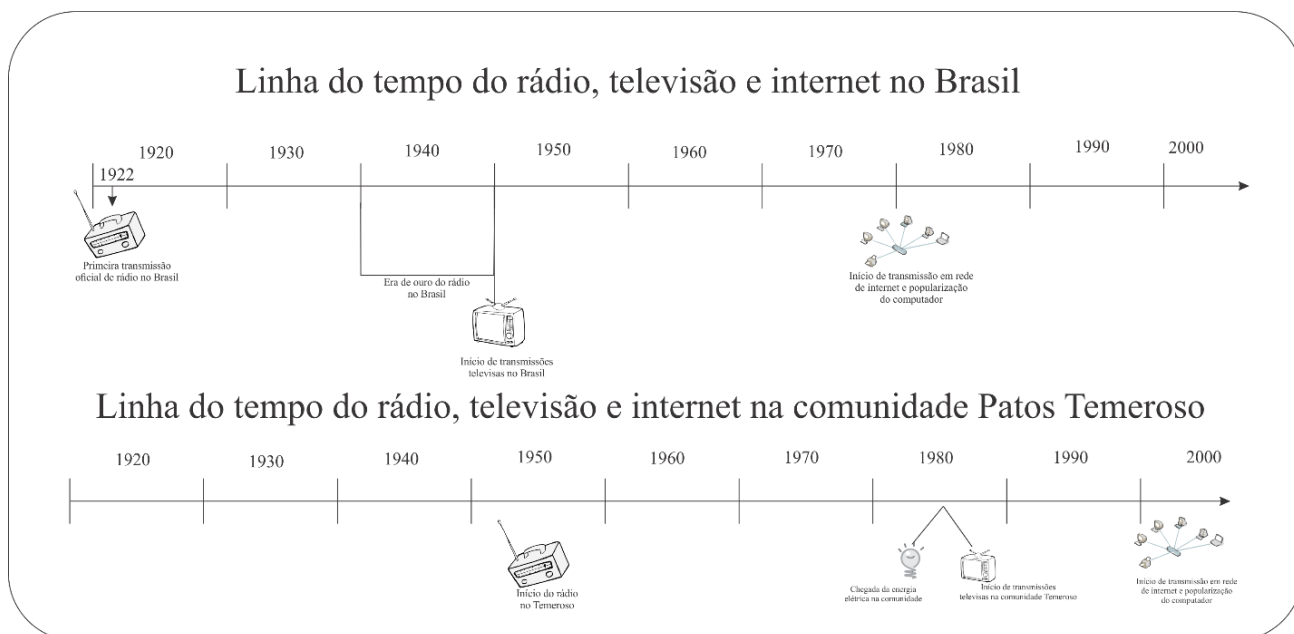
Agora, com a *internet* em algumas casas, assim como ocorreu com o rádio, com a televisão e com o telefone, seus moradores podem se comunicar mais efetivamente com as pessoas que saíram do seu meio de convivência física. Além disso, estar atual, para eles, principalmente por estarem localizados no meio rural, é essencial.

Pela informática, teve-se a gênese de novas mídias de comunicação. A internet possibilitou a junção de todas as mídias anteriores. Nela pode-se ouvir rádio, ver televisão, ler jornal, conversar com pessoas de lugares distantes e mais uma amplitude de coisas. A conversão das mídias anteriores dentro dessa nova deu oportunidade para as rádios alcançarem uma maior gama de públicos sem a necessidade de adquirirem o aparelho de rádio.

A instalação das tecnologias teve ritmo diferente em relação ao Brasil e Temeroso, conforme observado na figura 1, entende-se que a vivência com elas também é diferenciada, já que a inserção no cotidiano dos moradores da comunidade foi mais impactante. Os momentos históricos em que tais tecnologias surgem são próximos, mas são distintos em suas especificidades, o que corrobora para a diferenciação nos modos de perceber tais inserções.

¹⁴³ Diálogo realizado em abril de 2016.

Figura 3: Linhas do Tempo da inserção do rádio, televisão e internet no Brasil e na comunidade Patos Temeroso.



Org.: FREITAS, J. S. (2016).

O intervalo entre a aparição das tecnologias tanto no Brasil quanto na comunidade foi bem parecido em relação ao rádio e televisão. Mas, comparando a televisão com a internet, as duas chegaram em períodos mais próximos na comunidade do que no Brasil. Isso decorre do avanço mais rápido que ocorreu no Temeroso nas últimas décadas. Tal fato se dá pela rapidez nas informações na tecnicidade dos lugares. Segundo Serpa (2013, p. 180) “os lugares serão sempre multiescalares, mas os recortes espaciais envolvidos serão mais complexos e mais diversos de acordo com a acessibilidade/a disponibilidade de recursos técnicos nas respectivas áreas de atuação dos grupos analisados”. Os acessos mais rápidos e fáceis por um maior número de pessoas auxiliam no acesso a mercadorias, seja ela informacional ou física.

Compreender os sentidos e significados que essas mudanças tiveram na comunidade Temeroso é essencial para apreender como elas modificaram o sentido atribuído ao lugar pelos sujeitos. Se, conforme Relph (2014, p. 29),

Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo.

E o lugar dos sujeitos do Temeroso é, desde o rádio, repleto de outros lugares, as experiências para com o mundo é modificada, e as influências alteram sua própria identidade com o lugar. Com cada inserção tecnológica inferida, uma nova alternativa era reconhecida.

As mudanças ocorreram de forma transitória que, por vezes, o indivíduo não sabe explicar como foram as experiências antes dessas mudanças e como elas alteraram suas percepções. Em 1985, Buttimer já discorria que “o homem contemporâneo é móvel e pode experimentar o espaço mais vividamente em redes de interação social e comercial, as quais poderiam estar circunscritas dentro de determinada região ou lugar” (1985, p. 180). São fenômenos dotados de importantes temporalidades que não parecem óbvias até que a transformação já ocorreu.

No caso de tecnologia da informação e comunicação, compreender as modificações tecnológicas é fundamental para decifrar entender o mundo contemporâneo. As mudanças que ocorreram são distintas em momentos e espaços diferenciados a fazer com que cada lugar seja único. O que afirmamos coaduna com a afirmação de Jansson (2005, p. 12),

New technologies enable not only new forms of communicative practices; they also impose the adjustment of spatial practices according to the anticipated presence and influence of new means of communication. People expect others to carry mobile telephones (turned on or off depending on region); behaviour is regulated according to the presence of surveillance technology, and so on.¹⁴⁴

A comunicação se relaciona com o espaço na medida em que ela é também um modo de representação que ocorre no espaço. Apenas pela comunicação, não importa qual o tipo, os sujeitos constroem relações, nexos e lógicas socioculturais. Pelo rádio tais possibilidades aumentaram significativamente, e com sua inserção na internet, do celular e televisão continua a perpetuar novas lógicas comunicacionais no lugar.

Se com o rádio era esperado que todos tivessem o aparelho em suas casas, na contemporaneidade é incomum alguém não possuir um ou mesmo dois aparelhos celulares, bem como não estar em redes sociais. Isso porque a comunicação é mais ainda importante no momento em que vivemos, na sociedade na qual estamos inseridos.

Entende-se que a comunicação possui papel primordial na transmissão e construção da cultura. Ela é um dos três eixos principais para se analisar de forma geográfica a cultura, em consonância com as sensações e representações dos sujeitos e com análise da dimensão individual (CLAVAL, 1997).

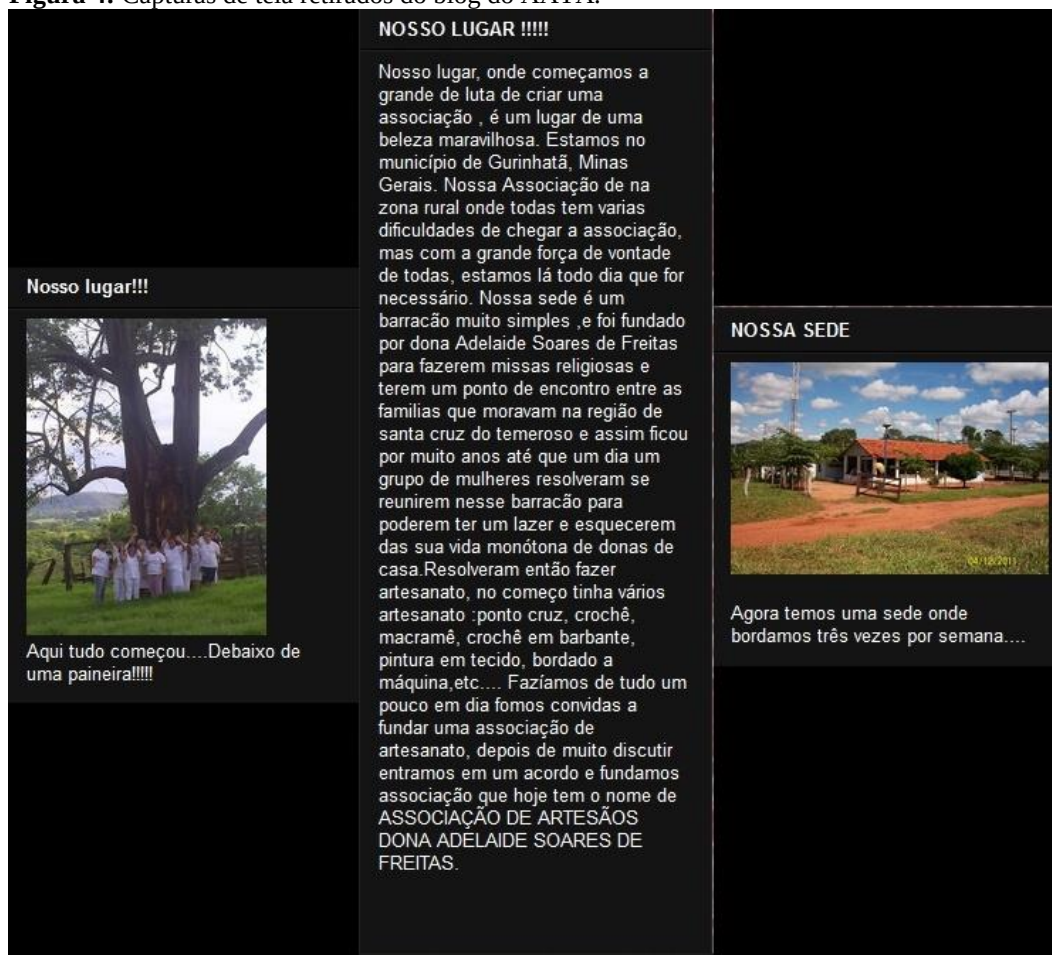
É por meio dos fluxos comunicacionais que aqueles que trocam informações que são de cada um, sendo transmitidos pela observação, imitação, pela palavra ou pela escrita. Por meio do rádio foi possível uma amplitude maior da comunicação e da transmissão cultural, já

¹⁴⁴ “Novas tecnologias permitem não apenas novas formas de práticas comunicativas; elas também impõem o ajuste de práticas espaciais de acordo com a presença antecipada e a influência dos novos meios de comunicação. As pessoas sempre esperam que os outros carreguem celulares (ligados ou desligados dependendo da região); o comportamento é regulado de acordo com a presença de tecnologias de segurança e assim por diante” (JANSSON, 2005, p.12, tradução livre).

que o que não era conhecido passou a ser, havendo pequenas modificações no ser do sujeito. A televisão expandiu tal conceito, sendo explorado ao máximo pela *internet*.

Mesmo que as influências da globalização para o local sejam potencialmente mais nítidas, há de se considerar aquelas relações que existem com o local para o global. No caso da comunidade estudada, há, sobretudo, a relação das informações do mundo para o Gurinhatã/Temeroso, mas também as informações deste para o mundo. Até o final do ano de 2013, existia na comunidade uma Associação de bordadeiras de richelieu denominada *Associação de Artesãos do Temeroso Dona Adelaide Soares de Freitas* (AATA) que levou parte do Temeroso para o resto do Brasil e do mundo.

Figura 4: Capturas de tela retiradas do blog do AATA.



Org.: FREITAS, J. S. (2016).

No caso, elas tinham um *blog* como mostrado na figura 2, no qual colocavam seus trabalhos com o fim de divulgação para posterior venda. As vendas ocorriam para todo o Brasil, além de se deslocarem para feiras em municípios, como Belo Horizonte – MG, Uberlândia – MG e outros. A ideia surgiu a partir de cursos que foram realizados pelo Serviço

Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), sobre vários bordados, como ponto de cruz, ponto cheio, crochê dentre outros.

A Associação foi realizada pela maioria de mulheres, que via no bordado uma possibilidade de renda para a família e maior comprometimento comunitário. A maioria delas possui laços familiares e de amizade de anos, sendo a sede da Associação no barracão da Capela conforme o *blog* da Associação. Como na comunidade já havia uma torre para rádio, que depois serviu-se para o telefone, elas também se apropriaram dela para realizar conexão com a internet.

Com o *blog* e com o *facebook*, elas puderam vender seus bordados para partes do Brasil, a levar, assim, o Temeroso para conhecimento de pessoas que nunca estiveram na comunidade fisicamente. Porém, por meio dos bordados e do computador, o contato com o Temeroso acontecia.

Várias *patenses*, na contemporaneidade, possuem conta nessa rede social, a colocarem fotos do Temeroso, mensagens para os amigos e familiares e receber igualmente várias informações sobre aqueles que deixaram a comunidade, mas que estão conectados virtualmente ao seu lugar.

Paralelo ao rádio, com o acesso à *internet* e construção de *blogs* e outras mídias, a relação se dá entre o local e o global, e não apenas o contrário. O contato com outras realidades também pode causar conflitos entre os vínculos que ele entremeia e a necessidade de procurar outros caminhos para trabalho, estudos ou mesmo para uma melhor qualidade de vida, com maior diversidade de equipamentos urbanos.

Mesmo que se efetive a mudança, o contato com seu lugar de forma concreta por meio da comunicação faz com que ele permaneça mais forte do que seria na memória, ainda que por meio dessa o indivíduo também continue a representar seus vínculos. Dessa forma, para aqueles que saíram do Temeroso, o acesso ao blog e outros meios de comunicação que transmitem informações sobre a comunidade, se transforma em uma espécie de alento em relação à saudade sentida.

A proximidade inicialmente colocada pelo rádio agora é realizada acontece pela internet e de uma maneira mais complexa. Além da inserção do *blog*, a comunidade Patos Temeroso também foi pauta em 4 reportagens feitas na região pela TV Integração, canal filiado à Rede Globo com sede situada em Uberlândia-MG (*links* nas referências). As duas primeiras foram realizadas em dezembro de 2012, e as outras duas no ano de 2013 sobre a Associação de Bordadeiras antes da mesma se dissolver.

As bordadeiras da associação ainda fazem seus trabalhos, mas individualmente. A mesma se dissolveu pela mudança da presidente após o falecimento de seu marido. A própria existência da associação foi alterada pelas mudanças que ocorreram por fatores naturais (falecimento) e pela mudança de pessoas que faziam parte da mesma.

Nas duas primeiras deram destaque para as paisagens do Pontal do Triângulo, principalmente as serras que abrigam a vegetação típica do Cerrado e a culinária local. Os relatos dos moradores aparecem com certa simplicidade, com a ideia de viver em um lugar isolado, mas aparentemente belo.

Essa percepção confirma as ideias de Tuan (2013, p. 97) ao explicar que “o estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes”. Para quem conhece a região de Patos Temeroso superficialmente, a julga pela beleza, pelas serras e pelas árvores típicas do Cerrado. A mídia destaca os sujeitos, mostra suas histórias, com a intenção de transmitir como é a cultura daqueles que moram no rural de uma forma quase idílica e não exatamente seu cotidiano, suas intencionalidades.

Isso também conflui com discussões ecológicas em que lugares que possuem uma boa preservação da natureza sejam enaltecidos. Dessa forma, a comunidade Temeroso é, na contemporaneidade, um chamariz para pessoas que querem realizar turismo rural ou turismo de aventura. Essas modalidades de turismo fazem parte do Plano Municipal, como o ex-prefeito do município nos confidenciou quando visitado no ano de 2015.

No entanto, os sujeitos se apropriam da visibilidade para se fazerem ouvir. Eles também fazem seus discursos transbordados por intencionalidades próprias. O domínio tecnológico e computacional existe para poucos. Porém, os sujeitos que não o possuem completamente fazem usos como podem, e utilizam da visibilidade que lhes são atribuídas para mostrar sua importância no meio global.

No entanto, as novas tecnologias da comunicação e informação permitem diálogos culturais e sociais que modificam o próprio lugar. Conforme Claval (2010, p. 76), “las nuevas técnicas de comunicación, internet y el teléfono móvil en particular, crean nuevas maneras de vivir el espacio, de triunfar sobre la distancia y de jugar con las representaciones del espacio.”¹⁴⁵ Com as novas tecnologias é possível comunicar com lugares que, anteriormente, era inimaginável, para alguns, sua existência.

¹⁴⁵ “As novas técnicas de comunicação, internet e telefone móvel em particular, criam novas maneiras de viver o espaço, de triunfar sobre a distância e de jogar com as representações do espaço.” (CLAVAL, 2010, p. 76, tradução livre).

Além disso, conhecer outros lugares de modo virtual e criar laços com pessoas que não são conhecidas pessoalmente também alteram as experiências com o próprio lugar. No Temeroso, tal questão ocorre com o *blog* da Associação, que na atualidade está inativa, ao passo em que pessoas do Brasil inteiro as procuravam para comprar seus produtos.

Em uma perspectiva de crítica radical não é incomum considerações de que “na era digital, os sujeitos levam uma vida abstrata e digitalizada em vez de partilhar experiências juntos. Enclausurados pelas novas tecnologias, permanecem em casa, em um encapsulamento insular” (LIPOVESTSKY; SERROY, 2011, p.45). Porém, os sujeitos criam estratégias para evitarem tal situação. E, no lugar de usar apenas a tecnologia em si, a incorporam em seu cotidiano, assim como ocorreu com o rádio.

Quando as pessoas passaram a ter rádio, vários sujeitos pensavam que suas lógicas iriam acabar, mas o esvaziamento populacional do Temeroso ocorreu por um conjunto de motivos e não simplesmente pela inserção de tecnologias da comunicação e informação. Ao contrário, na contemporaneidade, tais tecnologias auxiliam aqueles que ainda estão no Temeroso a continuarem no lugar e possibilitam aqueles que já saíram a também “continuar”, pela memória, mas também pelas notícias recebidas sobre a comunidade. Nesse sentido, entende-se que, conforme Relph (1976, p. 30),

Similarly in contemporary society the most mobile and transient people are not automatically homeless or placeless, but may be able to achieve very quickly an attachment to new places either because the landscapes are similar to ones already well-know or because those people are open to new experiences.¹⁴⁶ (RELPH, 1976, p. 30).

Diferentemente de algumas teorias de não-lugar, entende-se que mesmo as pessoas que não são fíxas em apenas um lugar, constroem vínculos com lugares distintos de modo a levar esses lugares consigo. Construído por meio de paisagens similares e conhecidas, o lugar é estabelecido naqueles que se movimentam diariamente. As novas tecnologias virtualizam diversas lógicas, e, principalmente, possibilitam vínculos com o **meu** lugar.

Destarte, entende-se que a inserção de tecnologias, de qualquer tipo, mesmo que altere relações intersociais e culturais, não necessariamente a anula, uma vez que os sujeitos criam estratégias que incorporam as tecnologias ao mesmo passo em que continuam suas relações cotidianas. Em um mundo dinâmico e mutável, é importante considerar que cada um tem

¹⁴⁶ Similarmente à sociedade contemporânea, as pessoas mais móveis e transientes não são automaticamente sem-teto ou deslocadas, mas podem alcançar vínculos com novos lugares em uma velocidade exacerbada seja porque as paisagens são similares a aquelas que lhes são bem conhecidas ou porque essas pessoas são abertas a novas experiências (RELPH, 1976, p.30, tradução livre).

escolhas e que as comunidades tradicionais também são ativas perante as mudanças que ocorrem no espaço.

O lugar, dessa forma, não é diluído. Ele é fortalecido por meio dos usos da tecnologia, na medida em que cada um a utiliza como considera conveniente e que lhe beneficia de algum gênero. Mesmo na dinamicidade das informações e mudanças que ocorrem entre os sujeitos, o lugar permanece forte de diversas maneiras.

A conexão entre pessoas que já saíram do lugar de forma física, contribui na permanência do lugar de cada um a medida em que as **âncoras** são formadas. Na comunidade, mesmo com as várias mudanças que ocorreram nos últimos anos, o lugar permanece vívido na memória de seus sujeitos e contínuo para aqueles que ainda moram no Temeroso.

NA CONTINUAÇÃO DO QUESTIONAR...

Na contemporaneidade, a complexidade comunicacional associa-se a uma complexidade de lugares, onde os acontecimentos mundiais chegam em tempo real e contribuem para a experiência – (inter)subjetiva – própria de cada indivíduo em relação ao espaço.

Se antes as notícias eram transmitidas apenas pelo “boca-boca”, depois por jornal, que também era distribuído indiretamente pela oralidade após este, com o rádio, a televisão; na atualidade a transmissão é com o telefone/celular e internet. No entanto, mesmo que existam essas tecnologias, a oralidade não desaparece de cena. Durante o percurso das mídias no Temeroso, aqueles que adquiriam tais tecnologias eram interessados em comunicar/ informar àqueles que não possuíam tais instrumentalizações.

Se as tecnologias da comunicação e informação permitiram diálogo com outros sujeitos e com outros mundos, permitiram também uma abertura para os próprios sujeitos, uma vez que eles passaram a também emitir informações para o globo. As mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea derivam de todas as dinâmicas comunicacionais e tecnológicas que se desenrolaram e continuam a desenvolverem novas perspectivas.

Não sem razão, muitos dos livros de ficção científica escritos no início e meados do século XX, estão a se esgotar das prateleiras de livrarias espalhadas pelo mundo ou são acessados como *e-book* nos *tablets*. Enquanto *1984* de George Orwell remete às situações políticas e midiáticas que assemelham ao que vivemos na contemporaneidade, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, apresenta nossa sociedade do século XXI, embora não alcancemos certos patamares extremos retratados na obra.

Fahrenheit 451 de Ray Bradbury, por sua mensagem, poderia ter sido escrito no momento em que estamos. O autor faz uma crítica a sociedade da década de 1940 e 1950, no começo da Guerra Fria, quando as opiniões e críticas eram duramente reprimidas e, os livros fortemente caçados e queimados por divulgarem ideias e conhecimentos. Todos esses autores retratam futuros imaginários que poderiam vir a existir e que, dadas certas situações, estão a acontecer.

Citamos como exemplo, o destaque dado por uma revista de moda a uma robô. Uma das capas da *Elle* de dezembro de 2016 foi estampada por *Sophia*, um dos projetos mais avançados de inteligência artificial do mundo. Para além desse material publicitário, Sophia também faz um ensaio fotográfico e entrevista retratando o futuro da moda. O futuro imaginado e apresentado em livros e filmes parece-nos próximo. E já o vivemos.

Se no começo do século XX muitas pessoas ficaram surpresas com o rádio, na (pós-) modernidade ficamos surpresos com Robôs e avanços progressivos das tecnologias da comunicação e informação. *Black Mirror*, uma das séries mais assistidas no ano de 2016, retrata, desde seu primeiro episódio, questões inerentes à mídia e tecnologia nos dias contemporâneos.

As relações com as mídias sociais são as mais polêmicas, e as que mais tocam os jovens atuais. Por mais que haja um exagero no uso das tecnologias comunicacionais, densamente espetacularizadas, não se pode negar que a forma com que alguns sujeitos as utilizam modifica o sentido do uso, a corroborar para suas próprias existências.

No entanto, para que essas tecnologias fossem desenvolvidas, foram necessárias séries de estudos e desenvolvimento de outras tecnologias. Para a comunicação em massa o rádio foi uma revolução. Ele possibilitou a informação para milhares de pessoas ao mesmo tempo e em uma velocidade impossível até então e, também permitiu que os não letrados pudessem saber das notícias, já que, antes, as informações translocais eram circuladas majoritariamente por meios escritos.

As lógicas socioculturais locais eram baseadas especialmente na comunicação oral e confiança naqueles que transportavam as informações. Diferente da sociedade urbana globalizada e espetacularizada, existem ainda lugares afastados do ambiente frenético de comunicação e informação que conhecemos na atualidade.

A comunidade Temeroso se encontra nesse grupo, embora esteja trilhando as possibilidades e vias rumo ao acesso às informações de modo mais tecnificado. Conforme apresentado ao longo da dissertação, pela história e configuração Temeroso corrobora para compreendermos a inserção das tecnologias da comunicação e informação na sociedade

brasileira rural e urbana. Este entendimento abrange seus diferentes aspectos de sua inserção na realidade dos seres humanos.

No entanto, mesmo pela experiência realizada por ter vivenciado vários desenvolvimentos tecnológicos, ainda na atualidade há espanto acerca de vários aparelhos, principalmente os *smartphones*, que, com o cotidiano, diminui. Acredito que se tivesse vivenciado a época do nascimento do rádio na comunidade minhas perspectivas teriam sido baseadas no fato de que o som é mais importante do que a visão, já que esse seria sentido privilegiado.

Quando habitei Temeroso, em minha infância, o rádio permanecia um importante meio de comunicação, principalmente para que pudessem escutar músicas e mesmo gravá-las em fitas. As notícias para mim não eram tão importantes, posto que vivi na comunidade até os 10 anos de idade, seu lugar era ocupado pelos vários desenhos animados que assistia na televisão.

No entanto, ainda nessa época (década de 90), a vida da comunidade era intensa e existiam muitas festas, alguns jogos de futebol e muitas visitas, a considerar também as rezas, novenas e missas, que ocorriam na Capela. Dessa forma, minha vivência com o Temeroso, também foi na condição de uma sociabilidade comunitária vívida, que se arrefeceu no começo da década de 2000 em que vários moradores faleceram e os mais jovens saíram da comunidade em busca de melhores condições de trabalho e estudos, como no caso de minha família.

Esse mundo de relações, expropriações e ausências ainda é o local de vários jovens e adolescentes que se localizam no espaço rural, uma vez que o ensino é de qualidade e dificuldade de acesso mais acentuado. Assim como acontecia no passado em algumas famílias, neste estudo confirmou-se que ainda existem casos em que a saída é a alternativa de melhoria de vida, mesmo que isso signifique sair do lar e das raízes originárias.

No entanto, para os jovens, a significância do lugar é baseada em algumas vivências empíricas e pelas histórias transmitidas pelos seus pais e avós. Este lugar é diferente daqueles que vivenciaram a realidade do início de formação socioespacial de Temeroso, ou mesmo meados. Estes moradores são conhecedores dos causos, assim como os jovens pelas prosas exploradas pelos mais velhos.

As histórias que permeiam o lugar permanecem a assombrar a imaginação e convivência dos sujeitos, com aqueles a acreditar e os incrédulos, que se baseiam na fé, principalmente, para sanar seus medos. A vivacidade dos mitos foi fator fundamental para que a religiosidade aflorasse na comunidade e é um dos elementos primordiais para os *patenses*.

As festas religiosas que reuniam as famílias do Temeroso adensavam significados diversos que ficaram na memória dos sujeitos e marcaram suas identidades, a estabelecer os sentidos de lugar. Se na época anterior ao rádio as festas eram divulgadas pelos próprios sujeitos, com a inserção dessa tecnologia, tais lógicas foram modificadas, mas continuaram na realidade comunitária.

Com esse artefato foi possível ampliar a escala para divulgar sobre as festas locais. Isso traduziu em maior presença por pessoas que moravam distantes, mas queriam participar das festividades. As reuniões e rezas também permaneceram, graças à interferência do rádio.

As bênçãos recebidas pelos padres mesmo de lugares distantes do Temeroso significavam tanto quanto receber bênçãos de um clérigo próximo ao indivíduo. Essas relações adensaram o significado entre tecnologia e comunidade, já que, mesmo com sua presença, os sujeitos continuaram a desenvolver suas lógicas particulares que foram construídas em conjunto.

As visitas permaneceram para que aquelas famílias que ainda não possuíam o aparelho pudessem ouvir as notícias, as rezas, o futebol e as músicas que eram por ele transmitidas. As estações de rádio, que aos poucos se multiplicaram, começaram a ter seus ouvintes específicos e fieis. Na comunidade, as programações que mais atingiam seus mundos de vida eram as mais sintonizadas, a causar, também, novas lógicas no cotidiano.

O rádio ocupou espaços significantes no curral e na cozinha, lugares em que os sujeitos praticam boa parte de suas atividades diárias e muitas vezes, são solitários realizam individualmente. Assim, o artefato, mesmo que tenha alterado algumas lógicas, se adaptou no cotidiano das famílias, a fazer com que fosse primordial sua presença em casa.

O rádio também acendeu alterações nas percepções de cada indivíduo, de forma a modificar também a própria percepção de lugar. Se com o rádio as modificações ocorridas foram incorporadas em suas vivências, a televisão atentou uma mudança maior em suas lógicas, já que, com ela, mesmo que no começo também houvesse reuniões ao seu entorno, as pessoas começaram a ficar mais em casa, a mudar, assim, as lógicas da visita.

Já com a internet, a comunicação entre aqueles que não **estão** mais no lugar, mas que **são** do lugar foi facilitada, a provocar novas lógicas que permeiam o lugar a fazer com que ele seja importante para compreender a contemporaneidade. Se **ser do** lugar exige tempo vínculos com o espaço vivenciado, **estar no** lugar é mais uma mera presença física, mas que é permeada de dúvidas e desilusões. Para que tais questões sejam menos doloridas criamos **âncoras** de lugares, sendo o rádio uma delas para alguns sujeitos do Temeroso.

No entanto, mesmo com a entrada de novos meios de comunicação e informação, o rádio ainda se faz presente e importante para os elos comunitários, seja pelos recados de aniversário que ainda são passados, seja pelas inúmeras memórias em que ele está presente. A transformação socioespacial e cultural que ele possibilitou fez com que os sujeitos do lugar conseguissem (re)criar suas próprias maneiras de existir no lugar, de fazer com que seu cotidiano continuasse o mesmo, mas com um novo elemento que mutacionou o modo de ver e sentir o mundo de cada um.

Além disso, a inserção do rádio, da televisão, do telefone e da internet, na comunidade não necessariamente intensificaram a saída dos *patenses* para cidades próximas, mesmo com suas propagandas de casas, carros e aspectos do espaço urbano, mas ao contrário, auxilia aqueles que saíram a permanecerem no lugar e em conexão com aqueles que ainda se localizam nele. A migração, na comunidade, foi realizada intensificada, principalmente, pelas mudanças na produção e no envelhecimento da população, além da saída dos mais novos em busca de oportunidades de educação e trabalho.

Mesmo com o enaltecimento da mídia, a comunidade ainda sofreu algumas alterações em suas lógicas comunitárias, como a desintegração do AATA, que se deu pela saída de suas participantes, entre elas a presidente da associação. Percebe-se que a principal mudança da comunidade se deu a partir da migração dos sujeitos, mas que foi, em certo olhar, acentuada pelas possibilidades das TIC's.

As mesmas, que várias vezes são atribuídas como dominadoras, são incorporadas pelos sujeitos de maneira a ajuda-los, desde a existência de apenas o rádio. O que prevalece são as relações entre sujeitos que são reveladas nas várias camadas do espaço e que intentamos a todo momento compreender.

Acredito que ancorar-se em uma memória que se manifesta em objetos, artefatos, fotos, paisagens ou sons é uma maneira de tornar aquilo que é indiferenciado em elemento simbólico de constituição da vida cotidiana. Em um mundo em que parece-nos que as coisas são cada vez mais descartáveis, as estratégias de permanência dos *patenses* resplandecem possibilidades de criação de geografias afetivas ricas em caracteres a serem analisados.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. S., LOPES, W. T. A., ALENCAR, T. T. **O fantástico Padre Landell de Moura e a Transmissão sem fio**. Disponível em: <<http://www.landelldemoura.com.br/artigos-tecnicos/o-fantastico-padre-lmtransmissao-sem-fios.pdf>>. Acessado em 14 de julho 2016.
- ALMEIDA, M. G. de. Diáspora: viver entre-territórios e entre-culturas? In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). Territórios e Territorialidades: Teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p, 175-195.
- ALMEIDA, M. G. A Propósito do trato do invisível, do intangível e do discurso na Geografia Cultural. Fortaleza: **Anpege**. v. 9, n. 11, p. 41-50, jan/jun. 2013.
- ASH, J.; SIMPSON, P. Geography and post-phenomenology. **Progress in human Geography**. V. 40 (1), 2016. pp. 48-66.
- AZEVEDO, A. F. Geografias pós coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pós colonial. In: PIMENTA, J. R. et. al. (Orgs.) **Geografias Pós-Coloniais**. Livraria Figueirinhas, 2007. p, 31-69.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARACHO, M. L. G. Televisão Brasileira: uma (re)visão. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, Ano IV, n. 2, 2007. pp. 1-19).
- BERDOLAY, V; ENTRIKIN, J. N. Lugar e Sujeito: Perspectivas Teóricas. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 94-116.
- BEZERRA, A. C. A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. **Espaço e Cultura**. UERJ: Rio de Janeiro, n. 23, p. 07-18. jan./jun. 2008.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: Um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, pp.83-131.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985, pp. 165-193.
- BUTTNER, A. **Geography and the human spirit**. Harrisonburg: The Johns Hopkins University Press, 1993.
- BUTTNER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, Vol. 5, n. 1, p.4-19, 2015.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhard. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p, 21-92.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, M. (org.); CARDOSO, G. (org). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à acção política**. Lisboa, INMC, p. 17-30, 2005.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 249-279.

CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. de et al. (org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p 89-117.

CLAVAL, Paul. Lieux de memoire. **Revista Espaço e Cultura**, UERJ, nº 19, p. 89-106, 2005.

CLAVAL, P. La geografía em recomposición: objetos que cambian, giros múltiples: ¿disolución o profundización? In: LINDÓN, A; HIERNAUX, . (Orgs.) **Los giros de la geografía humana: Desafíos y horizontes**. México: Anthopos, 2010. p. 63-82).

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 4 ed. rev. 2014.

COATES, G. J.; SEAMON, D. Towards a Phenomenology of Place and Place-Making: Interpreting Landscape, Lifeworld and Aesthetics”. **Oz**, v.6, n.1, p.6-9, 1984.

CONCEIÇÃO, F. G. da; et al. Guerra dos Mundos: A batalha de São Luís do Maranhão. **Anais**, Mídia Cidadã: a conferência sul-americana, 2011. pp. 1-19.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da teoria. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n.5, 1998. p.1-27.

CRUZ, V. C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In.: BEZERRA, A. C. C. et. al. (Orgs.). **Itinerários Geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007. p, 13-35.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**. (Trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.

ENTRIKIN, J. N.; TEPPLE, J. H. Humanism and democratic place-making. AITKEN, S.; VALENTINE, G. (Orgs.) **Approaches to Human Geography**. London: SAGE Publications, 2006, p.43-41.

ESCOBAR, A. El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: Globalización o posdesarrollo. In: VIOLA, A. (Comp.) Antopologia del desarrollo: Teorías y estudios etnográficos en América Latina. Barcelona: Paidós, 2000.

FERREIRA, A. E. C. S. **Da centralidade da infância na modernidade e sua escolarização:** a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988. 209 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.G

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 74 p.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. IN: GIDDENS, A; LASH, S.; BECK, U. (Orgs.). **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: EdUNESP, 2012, p. 89-166.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia Cultural: estrutura e primado das representações. **UERJ**. Rio de Janeiro, n. 19-20, 2005. pp. 51-59.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HAESBAERT, R. Região, Diversidade Territorial e Globalização. **GEOgraphia**. Ano. 1, n. 1, 1999. p. 15-39.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lobo. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. p. 07-23.

HAUSSEN, D. F. Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração. In.: BARBOSA FILHO, A.; PIOVESAN-NETO, A. P.; BENETON, R. **Rádio: sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004, p.: 51-62.

HOLZER, W. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 282-304.

IBGE CIDADES. **Histórico de Gurinhatã-MG**. Retirado de:
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=312910&search=minas-gerais|gurinhata|infograficos:-historico>> Acesso em 16 de julho de 2016.

IHDE, D. **Technology and the Lifeworld**: From Garden to Earth. Indiana, 1990.

IHDE, D. **Postphenomenology and tecnoscience**: The Peking University Lectures. Albany: State University of New York Press, 2009.

JANSSON, A. For a Geography of Communication. **Linköping Electronic University Press** (Paper presented at the First National Conference in Cultural Studies, 13-15 June 2005).

KARJALAINEN, P. T. Lugar em *Urwind*: uma visão geográfica humanista. **Geograficidade**. v. 2, n. 2. Inverno 2012. pp. 4-22.

LEWICKA, M. In search of roots: memory as enabler of place attachment. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. New York: Routledge, 2014, pp.49-60.

LIPOVESTSKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

LÔBO, T. C; MAIA, C. E. S. Diferentes Formas de Estar na Festa. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 149-160, mai. 2011.

MAFESSOLI, M. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). In: MARTINS, M. F. (Org.); SILVA, J. M. (Org.). **A genealogia do virtual**: Comunicação, Cultura e tecnologias do Imaginário. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. pp. 20-32.

MAGNONI, A. F; RODRIGUES, K de C. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e da informação: contextos, produção e consumo. **9º Encontro Nacional de História da Mídia-UFOP**, 2013.

MARANDOLA JR., E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 227-247.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. McGraw-Hill Book Company: New York, 1964).

MEDITSH, E. **Rádio e Pânico 2**: A Guerra dos mundos de Orson Welles, 75 anos depois. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NASCIMENTO, F. A. História e Memória: o Rádio por seus Locutores. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Vol. 3, Ano III, nº 4, 2006.

NETO, A. F. **Antonio Florentino Guimarães (1880–1960)**: um fazendeiro do Triângulo Mineiro. Brasília: Uberaba, 1985.

OLIVEIRA, L. de. O sentido de Lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E. (Org.); HOLZER, W. (Org.); OLIVEIRA, L. de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 3-16.

PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the British Geographers**. Royal Geographical Society, n.35, p.5-20, 2010.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 17-32.

REZENDE, A. M. de. (2013). **Latina essentia**: preparação ao latim. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.

RISHBETH, C. Articulating transnational attachments through on-site narratives. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. New York: Routledge, 2014, pp. 100-111.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, R. E. dos. **As teorias da comunicação**: da fala à internet. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção comunicação-estudos).

SANTOS, R. J. **Gaúchos e Mineiros do cerrado**: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SASAKI, K. A contribuição da geografia humanística para a compreensão do conceito de identidade de lugar. **Revista de desenvolvimento econômico**. Ano XIII, n. 22, dez./ 2010. pp. 112-120.

SEAMON, D. Place Attachment and Phenomenology: The Synergistic Dynamism of place. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.). **Place Attachment**: Advances in theory, methods and applications. New York: Routledge, 2014. pp. 12-22.

SERPA, A. **Lugar e Mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP – Espaço e Tempo**. São Paulo, n. 33, 2013. pp. 168-185.

SERRA do pontal, no Triângulo Mineiro, guarda escultural ao ar livre. Reportagem do Terra de Minas. 6'56". Disponível em: < <http://globoplay.globo.com/v/2318373/>>. Acesso em setembro de 2016.

SILVA, K. C. R. A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar. **Geograficidade**. v. 5, n. 2. Inverno 2015. pp. 26-37.

SQUIRRA, S. Sociedade do conhecimento. In: MARQUES DE MELO, J. M.; SATHLER, J. **Direitos à Comunicação na Sociedade na Informação**. São Bernado do Campo, SP: Umesp, 2005, p. 255-265.

STORT, E. V. R. **Cultura, imaginação e conhecimento**: a educação e a formalização da experiência. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

TEIXEIRA, M. M. A Comunicação na Sociedade da Informação. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-31, 2012.

TUAN, Y. **Segmented Worlds and Self**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Y. Espaço, tempo, lugar: um arcabauço humanista. **Geograficidade**. v. 01, n. 01. Inverno 2011. pp. 04-15.

TUAN, Y. **Topofilia**. Londrina: EdUel, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.

WOORTMANN, K. “Com Parente não se negueia”: Campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, UNB: Brasília, p.11-73, v. 87, n. 1, 1990.

WRIGHT, J. K. *Terrae Incognitae*: O lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**. v. 4, n. 2, Inverno 2014. pp. 4-18.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

QUESTÕES DIRECIONADORAS PARA OS DIÁLOGOS¹⁴⁷

- Quando e por que o(a) senhor(a) veio morar na (INSERIR AQUI NOME DA COMUNIDADE RURAL EM QUE MORA O SUJEITO PESQUISADO)?
- Qual o significado do nome da (INSERIR AQUI NOME DA COMUNIDADE RURAL EM QUE MORA O SUJEITO PESQUISADO)?
- O(a) senhor(a) conhece algum caso ou história sobre esse lugar? (Se sim, pedir para discorrer sobre)
- Aqui tinha ou tem alguma capela, encontro religioso? Com que frequência? Quando não tinha, como vocês faziam para comungar (se católicos)?
- Antigamente como o pessoal daqui se comunicava com a cidade e com as outras comunidades? Hoje continua da mesma maneira?
- Como era ouvir o rádio antigamente?
- Em quais momentos vocês mais ouviam ou ouvem o rádio? (Exemplos: Durante o trabalho, nos momentos de descanso, na festa, etc.)
- Considerando sua experiência de vida, qual é o significado do rádio para você hoje?
- Onde fica o rádio na sua casa? Por qual razão?
- Quais são as emissoras que você mais escuta? Onde elas ficam? Qual o diferencial delas?
- Quais são os programas que você mais ouve no rádio? O que mais te agrada neles?
- Na sua opinião, qual a diferença entre rádio e televisão? O que um tem de melhor ou pior que o outro?
- Você utiliza a internet?

¹⁴⁷ As perguntas eram alteradas e variavam em ordem ou forma de questionar de acordo com a disposição, empolgação ou abertura de cada indivíduo quanto a determinados temas.